

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ARLINDA SOUZA MENEZES

ACERVO ESCULTÓRICO PÚBLICO:
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS -
MARANHÃO

São Luís
2025

ARLINDA SOUZA MENEZES

ACERVO ESCULTÓRICO PÚBLICO:
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS -
MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.
Orientador: Prof^o. Dr. Frederico Fernando Souza Silva.

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Souza Menezes, Arlinda.

Acervo Escultórico Público : memória e identidade no
Centro Histórico de São Luís - Maranhão / Arlinda Souza
Menezes. - 2025.

116 f.

Orientador(a): Frederico Fernando Souza Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Artes Visuais,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Escultura Pública. 2. Memória Coletiva. 3.
Identidade Cultural. 4. Centro Histórico de São Luís. I.
Souza Silva, Frederico Fernando. II. Título.

ARLINDA SOUZA MENEZES

ACERVO ESCULTÓRICO PÚBLICO:
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS -
MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.
Orientador: Prof^o. Dr. Frederico Fernando Souza Silva.

Aprovada em: 07 / 08 / 2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr. Frederico Fernando Souza Silva

Prof. (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^o. Paulo Cesar Alves de Carvalho

Prof. Avaliador 1
Universidade Federal do Maranhão

Prof^o. Me. Jose Marcelo do Espírito Santo

Prof. Avaliador 2
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, carinho e presença de muita gente querida, e é a essas pessoas que deixo aqui meu agradecimento mais sincero.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Pai Altíssimo, por ter me sustentado nas jornadas mais difíceis e por me permitir concluir mais esta etapa com saúde e coragem.

Agradeço também a mim mesma. Sim, eu mereço esse reconhecimento! Não foi fácil. Entre medos, dores no corpo, perdas de pessoas amadas, noites mal dormidas e cansaços acumulados, eu segui. Mesmo fragilizada, decidi continuar. Terminar esse ciclo foi um ato de coragem. Cada página escrita aqui, tem a minha resistência, a minha fé, o meu esgotamento, e, principalmente, o meu esforço.

Este percurso acadêmico foi, ao mesmo tempo, um processo de (re)conhecimento interior, de auto entendimento e de profunda compreensão de mim mesma; inclusive nos momentos em que precisei exercitar a empatia comigo. Ao discutir memória e identidade, revisei memórias pessoais, experiências afetivas e camadas profundas da minha trajetória, que continuam moldando minha identidade.

Este trabalho, portanto, não é apenas um exercício de análise plástica e simbólica de obras e da memória coletiva; é também um gesto de afirmação da minha própria história, enquanto mulher, mãe, filha, pesquisadora, artista e cidadã que caminha entre ruínas, esculturas, afetos e recomeços. Assim, reconheço que cada capítulo escrito é também um exercício de memória da pessoa que fui e um passo na construção de quem sou hoje.

Agradeço imensamente à minha família, minha base e pilar mais sólido. À minha mãe, que é minha maior incentivadora, minha força e inspiração diária. E ao meu pai, *in memoriam*, que partiu durante o percurso deste curso, mas cujos ensinamentos, valores e amor seguem vivos em mim e me acompanham até aqui. Aos meus irmãos, à minha filha e à minha sobrinha, agradeço pela compreensão, pelo amor incondicional e por dividirem comigo os silêncios, as ausências e os desafios que essa etapa exigiu.

Ao meu orientador, Professor Frederico, por sua escuta generosa, confiança, paciência e contribuições fundamentais. Sua orientação foi decisiva para que este percurso fosse mais consciente, crítico e comprometido.

Agradeço especialmente ao artista escultor Eduardo Sereno, por sua generosidade ao compartilhar comigo não apenas detalhes técnicos sobre suas obras, mas, sobretudo, sua sensibilidade, sua história e seus afetos. Sua escuta, sua palavra e sua arte ampliaram

profundamente meu olhar sobre a escultura pública, e sua contribuição tornou este trabalho mais vivo, humano e significativo.

Aos amigos e colegas de curso, meu mais profundo agradecimento. Com vocês, compartilhei não só tarefas, mas inquietações, ideias, descobertas e silêncios. Nos momentos difíceis, foram os afetos trocados no corredor, os risos em sala, os desabafos e as pequenas celebrações que me mantiveram firme. Em especial, deixo registrada minha gratidão a Mary Dalva e Walison, com quem tive a honra e o privilégio de construir vínculos de amizade e companheirismo. Obrigada por compartilharem comigo não só os trabalhos, mas os surtos e risadas. Caminhar ao lado de vocês tornou essa jornada menos solitária e mais potente. Obrigada por me lembrarem, com gestos e palavras, que o saber também se constrói na partilha das alegrias, das decepções, das tristezas e, acima de tudo, na força e na fé.

Por fim, agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, seja com uma palavra de incentivo no momento certo, um gesto discreto de cuidado ou mesmo com sua presença silenciosa, mas profundamente significativa. Cada apoio, ainda que aparentemente pequeno, ajudou a sustentar este processo. Sou grata por cada afeto partilhado ao longo do caminho.

E, como diz aquele meme que é puro realismo acadêmico: *“Esses quatro anos de graduação, sem dúvida, foram os sete mais incríveis da minha vida”*. Porque, sim, o curso de quatro anos terminou em sete. Mas foram sete anos que me transformaram profundamente, em pensamento, em afeto e em memória.

E é isso, Brasil!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente o acervo escultórico público localizado no Centro Histórico de São Luís (MA), compreendendo-o como dispositivo simbólico de memória, identidade e representação coletiva. A partir de uma abordagem qualitativa, interpretativa e documental, o estudo investiga como as esculturas instaladas em espaços urbanos funcionam como paisagens culturais, articulando discursos oficiais, afetivos e populares. A pesquisa parte da compreensão de que a escultura pública, ao ocupar o espaço comum da cidade, participa ativamente da produção de sentidos sobre o passado, o presente e os pertencimentos sociais. O capítulo 1 contextualiza historicamente a função simbólica da escultura pública no Brasil; o capítulo 2 traça um panorama do acervo escultórico de São Luís, evidenciando os processos de monumentalização; e o capítulo 3 realiza uma análise plástica, histórica e interpretativa de quatro obras selecionadas: os monumentos a *Gonçalves Dias*, *João Lisboa*, *Almirante Tamandaré* e aos *Pregoeiros*. Os resultados apontam para a coexistência de diferentes regimes de visibilidade no espaço urbano, revelando tanto a permanência de valores cívicos e letrados quanto a emergência de novas formas de representação baseadas na cultura popular e na memória afetiva.

Palavras-Chave: Escultura pública; Memória coletiva; Identidade cultural; Centro Histórico de São Luís.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar críticamente la colección de esculturas públicas ubicada en el Centro Histórico de São Luís (MA), entendiéndola como un dispositivo simbólico de memoria, identidad y representación colectiva. Con base en un enfoque cualitativo, interpretativo y documental, el estudio investiga cómo las esculturas instaladas en espacios urbanos funcionan como paisajes culturales, articulando discursos oficiales, afectivos y populares. La investigación parte de la comprensión de que la escultura pública, al ocupar el espacio común de la ciudad, participa activamente en la producción de significados sobre el pasado, el presente y las pertenencias sociales. El capítulo 1 contextualiza históricamente la función simbólica de la escultura pública en Brasil; el capítulo 2 describe un panorama de la colección de esculturas de São Luís, destacando los procesos de monumentalización; y el capítulo 3 realiza un análisis estético, histórico e interpretativo de cuatro obras seleccionadas: los monumentos a *Gonçalves Dias*, *João Lisboa*, *Almirante Tamandaré* y los *Pregoeiros*. Los resultados apuntan a la coexistencia de diferentes regímenes de visibilidad en el espacio urbano, revelando tanto la permanencia de valores cívicos y literarios como el surgimiento de nuevas formas de representación basadas en la cultura popular y la memoria afectiva.

Palabras Clave: Escultura pública; Memoria colectiva; Identidad cultural; Centro Histórico de São Luís.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Escultura a <i>Dom Pedro I</i> -----	17
Figura 2:	<i>Os Doze Profetas</i> . Santuário do Bom Jesus de Matosinhos-----	20
Figura 3:	<i>Os Doze Profetas</i> . Santuário do Bom Jesus de Matosinhos-----	20
Figura 4:	<i>Monumento às bandeiras</i> -----	24
Figura 5:	<i>Gigante Dobrada</i> -----	26
Figura 6:	Visão geral do <i>Monumento a Gonçalves Dias</i> -----	33
Figura 7:	Visão geral do <i>Monumento a João Lisboa</i> -----	34
Figura 8:	Inauguração do <i>Monumento a João Lisboa</i> -----	36
Figura 9:	Notícia sobre o escultor Jean Magrou-----	41
Figura 10:	Notícia do jornal Diário de São Luiz -----	43
Figura 11:	Visão geral do <i>Monumento ao Almirante Tamandaré</i> -----	45
Figura 12:	<i>Monumento Pregoeiros</i> -----	48
Figura 13:	Detalhe do rosto de <i>Gonçalves Dias</i> -----	51
Figura 14:	Detalhe elemento decorativo (folha de papel) no <i>Monumento a Gonçalves Dias</i> -----	52
Figura 15:	Inscrição laudatória do <i>Monumento a Gonçalves Dias</i> -----	53
Figura 16:	Detalhes elementos decorativos (Lira e máscara) no <i>Monumento a Gonçalves Dias</i> -----	53
Figura 17:	Representação em relevo dos rostos de <i>João Lisboa e Joaquim Gomes de Souza</i> -----	56
Figura 18:	Representação em relevo dos rostos de <i>Sotero dos Reis e Odorico Mendes</i> -----	56
Figura 19:	Ornamentação com folhas estilizadas de palmeira-----	57
Figura 20:	<i>Monumento a João Lisboa</i> -----	60
Figura 21:	Notícia sobre ato de vandalismo no <i>Monumento a João Lisboa</i> , publicado antes da inauguração oficial-----	64
Figura 22:	Vandalismo no <i>Monumento a João Lisboa</i> -----	65
Figura 23:	<i>Monumento ao Almirante Tamandaré</i> -----	68
Figura 24:	Placa informativa sobre <i>Almirante Tamandaré</i> -----	69
Figura 25:	<i>Monumento ao Almirante Tamandaré</i> -----	70
Figura 26:	Esculturas dos <i>Pregoeiros</i> -----	72
Figura 27:	Detalhe da escultura dos <i>Pregoeiros</i> (Corina) vandalizada -----	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	11
1. ESCULTURA PÚBLICA: CAMINHOS DA MEMÓRIA E DA REPRESENTAÇÃO -----	13
1.1 A Primeira Escultura Pública do Brasil: Diferenças entre o <i>Monumento a Dom Pedro I e Os Doze Profetas</i> de Aleijadinho-----	17
1.2 A Trajetória da Escultura Pública Brasileira: da Arte Devocional à Cidade Como Museu a Céu Aberto-----	23
2. A CIDADE ESCULPIDA: NARRATIVAS VISÍVEIS DA HISTÓRIA E DA CULTURA LOCAL -----	30
2.1 O <i>Monumento a Gonçalves Dias</i> Como Narrativa Oficial-----	32
2.2 <i>Monumento a João Lisboa</i> : Símbolo da Modernização e do Saber Político-----	34
-	
2.3 O <i>Monumento ao Almirante Tamandaré</i> e a Permanência dos Modelos Heroicos na Arte Pública-----	45
2.4 <i>Os Pregoeiros</i> : Celebração da Cultura Popular e da Memória Urbana	47
3. MEMÓRIA ESCULPIDA: A ESCULTURA PÚBLICA COMO DISPOSITIVO DE LEMBRANÇA E REPRESENTAÇÃO -----	50
3.1 Análise plástica e simbólica da escultura de <i>Gonçalves Dias</i> -----	50
3.2 Análise plástica e simbólica da escultura de <i>João Lisboa</i> -----	60
3.3 Análise plástica e simbólica da Escultura do <i>Almirante Tamandaré</i> -----	66
-	
3.4 Análise plástica e simbólica das esculturas dos <i>Pregoeiros</i> -----	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	76
REFERÊNCIAS -----	78
APÊNDICE _____	82
ANEXOS -----	92

INTRODUÇÃO

A escultura pública constitui um dos mais emblemáticos meios pelos quais sociedades inscrevem suas memórias, valores e identidades nos espaços urbanos. Longe de se restringirem a funções ornamentais ou decorativas, os monumentos e esculturas espalhados por ruas, praças e avenidas atuam como dispositivos simbólicos que narram versões específicas da história, legitimam discursos de poder e orientam a leitura que a população faz de seu passado comum. Ao representar personagens, feitos ou ideais considerados dignos de celebração, essas obras tornam-se parte ativa do repertório cultural e político de uma cidade, contribuindo para a consolidação de identidades coletivas e da memória pública.

No Brasil, esse processo assume contornos singulares, dada a complexa trajetória histórica do país, marcada por colonização, escravidão, independência, impérios, repúblicas e regimes autoritários. Cada um desses períodos legou à paisagem urbana uma série de monumentos que refletem projetos distintos de nação, de cidadania e de pertencimento. A arte pública, sobretudo a escultura, tem sido mobilizada em diferentes momentos como ferramenta de consagração simbólica seja para exaltar heróis militares, intelectuais e políticos, seja, mais recentemente, para valorizar sujeitos anônimos e memórias populares até então invisibilizadas.

Em São Luís, capital do Maranhão e cidade reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, o acervo escultórico público situado no Centro Histórico oferece um campo fértil para a análise dessas dinâmicas. Constituída por monumentos que datam do século XIX até o presente, a paisagem urbana da cidade guarda vestígios materiais dos diferentes regimes de memória que se sucederam, permitindo observar, nas formas esculpidas, tanto a permanência de modelos heroicos e letrados quanto a emergência de novas gramáticas visuais, fundadas na afetividade, na cultura popular e na experiência cotidiana.

Diante desse cenário, este trabalho propõe uma análise crítica do acervo escultórico público do Centro Histórico de São Luís, compreendendo-o como um artefato histórico, simbólico e pedagógico. O objetivo é investigar de que forma essas esculturas atuam na produção de sentidos sobre a memória e a identidade local, considerando suas estratégias formais, seus contextos de instalação e os discursos que mobilizam. Mais do que simples homenagens em pedra ou bronze, essas obras configuram paisagens culturais em constante disputa, nas quais se inscrevem as tensões entre tradição e ruptura, entre o oficial e o popular, entre o passado celebrativo e o presente crítico.

Para tanto, a pesquisa organiza-se em três capítulos. O primeiro apresenta uma contextualização histórico-conceitual da escultura pública no Brasil, abordando sua função simbólica, sua evolução plástica e sua relação com os projetos de cidade e de cidadania. O segundo capítulo se debruça sobre o acervo escultórico de São Luís, analisando sua constituição no tecido urbano e suas transformações ao longo do tempo. Já o terceiro capítulo realiza uma análise plástica e simbólica de quatro esculturas públicas selecionadas: os monumentos a *Gonçalves Dias*, *João Lisboa*, *Almirante Tamandaré* e aos *Pregoeiros*. Por meio dessas análises, busca-se compreender como esses artefatos esculpidos projetam, tensionam e atualizam sentidos de pertencimento, de memória e de representação coletiva.

Este estudo parte do pressuposto de que a arte pública, ao ocupar os espaços comuns da cidade, educa o olhar, conforma afetos e delinea os contornos do que se considera digno de ser lembrado. Assim, investigar o acervo escultórico do Centro Histórico de São Luís é também lançar luz sobre os mecanismos pelos quais a cidade se reconhece, se representa e se reinscreve simbolicamente no tempo. Em tempos de revisões monumentais e de debates sobre os usos da memória no espaço público, repensar essas esculturas é um gesto de crítica, de escuta e de reimaginação das narrativas que moldam o imaginário urbano regional

1. ESCULTURA PÚBLICA: CAMINHOS DA MEMÓRIA E DA REPRESENTAÇÃO

Presente em praças, ruas e espaços abertos, a escultura pública interage diretamente com a paisagem urbana e com os transeuntes, funcionando como referência histórica e cultural para a população. Por estar acessível nos espaços urbanos, a arte pública, segundo Mônica Oliveira(2021, p. 56), “impregna os nossos gestos, contamina as nossas intenções e a nossa forma de ver e compreender a(s) realidade(s).”

No Brasil, a presença de monumentos e esculturas em espaços urbanos ganhou força com o desenvolvimento das cidades coloniais, especialmente nos centros administrativos e religiosos. Inicialmente vinculadas ao poder e à fé, essas obras tinham como objetivo ocupar praças e edifícios públicos, consolidando-se como elementos centrais na organização e no simbolismo do espaço urbano. Além de adornarem a cidade, essas esculturas cumpriam uma função simbólica ao legitimar a autoridade política e religiosa, funcionando também como instrumentos pedagógicos para uma população majoritariamente analfabeta, que assimilava valores e narrativas cristãs por meio da arte.

Foi nesse contexto que a colonização portuguesa introduziu novas referências plásticas, destacando-se o estilo barroco, que teve papel fundamental na formação da escultura nacional, fortemente influenciada pela tradição europeia. O Barroco, estilo artístico predominante na Europa entre os séculos XVII e XVIII, caracterizou-se pelo uso de formas exuberantes, forte expressividade emocional, dramatismo e intensa ornamentação, sobretudo em obras religiosas. No Brasil, esse estilo foi reinterpretado por artistas locais, que adaptaram as referências europeias aos materiais disponíveis e às técnicas regionais, conferindo às esculturas coloniais uma expressividade própria.

Essas esculturas, geralmente feitas em madeira policromada ou pedra, seguiam modelos europeus, mas eram frequentemente transformadas pelas mãos de artistas locais, resultando em uma linguagem escultórica singular que mesclava tradição e identidade. Destaca-se, nesse cenário, o uso da pedra-sabão, especialmente em Minas Gerais, devido à sua maleabilidade e abundância, o que permitiu a criação de obras com grande riqueza de detalhes, como as esculturas de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho¹.

A partir de sua atuação, a inserção de esculturas em espaços públicos passou a adquirir novos contornos. Obras como *Os Doze Profetas de Congonhas* e *Os Passos da Paixão*

¹ Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738–1814), foi um dos maiores artistas do Brasil colonial, conhecido por suas esculturas barrocas em pedra-sabão, como os Doze Profetas de Congonhas.

exemplificam a fusão entre a tradição barroca europeia e uma expressividade autenticamente brasileira, influenciando não apenas o campo religioso, mas também a concepção de monumentos públicos. Assim, a produção escultórica do período colonial contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre arte, religiosidade e espaço urbano, estabelecendo as bases para o desenvolvimento posterior da escultura pública nas cidades brasileiras.

Essa progressiva ocupação dos espaços urbanos por esculturas religiosas abriu caminho para o surgimento de monumentos públicos de caráter cívico e memorial, cuja presença se intensificou especialmente após a Independência do Brasil, no século XIX. Esse processo culminou na consolidação da escultura pública como um importante instrumento de celebração de figuras históricas e de eventos nacionais, desempenhando um papel central na construção simbólica e na afirmação do Estado-nação brasileiro.

A escultura pública contribui para a qualidade e a visualidade do espaço público, promove a sua apropriação, forma-o e dá-o a descobrir, torna-se o símbolo desse espaço e da identidade nacional e regional. [...] A intervenção pedagógica da escultura pública no processo educativo tem enfoque nos aspetos da construção da identidade do cidadão, do seu conhecimento, do desenvolvimento da sua consciência, do seu pensamento, das suas atitudes e capacidades, capazes de ir ao encontro da compreensão das situações na sua complexidade. (OLIVEIRA, 2015, p.65)

A citação retirada do texto de Mónica Oliveira (2015), presente na obra: *Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?*, fornece uma base sólida para compreender o papel simbólico e pedagógico da escultura pública no Brasil, especialmente a partir do século XIX. Segundo a autora, a escultura pública não apenas compõe e qualifica o espaço urbano, mas também se constitui como símbolo de identidade nacional e regional. Isso reforça sua função como instrumento de educação e formação do cidadão, ajudando no desenvolvimento da consciência crítica, do conhecimento histórico e da apropriação do espaço público.

Essa perspectiva está alinhada com o processo histórico que se intensifica após a Independência do Brasil, em 1822, quando o Estado-nação em construção passa a investir na produção de monumentos cívicos e memoriais. Antes desse período, as esculturas religiosas predominavam nos centros urbanos, muitas vezes ligadas à catequese e à tradição barroca. Com o avanço do século XIX, no entanto, observa-se uma transição: os espaços públicos passam a ser ocupados por monumentos que exaltam figuras históricas, datas cívicas e eventos políticos; reforçando a memória oficial e consolidando narrativas de identidade nacional.

Desse modo, a citação reforça a ideia de que a escultura pública, ao migrar do campo religioso para o campo cívico, torna-se uma ferramenta importante na construção simbólica do

país. Ela atua não apenas como registro visual da história, mas também como um recurso educativo e identitário que permite ao cidadão reconhecer-se enquanto parte de uma coletividade com memória, cultura e valores compartilhados.

Essa consolidação da escultura pública como ferramenta simbólica do Estado-nação, evidenciada no século XIX, está diretamente ligada à transição do conteúdo religioso para o conteúdo cívico nas representações escultóricas urbanas. Como destaca Oliveira (2015), essas obras passaram a promover uma apropriação simbólica dos espaços públicos, contribuindo para a formação da identidade coletiva e para o fortalecimento de valores nacionais.

A escultura pública apropria-se de espaços da paisagem urbana ora como lugares de memória, ora como elementos de animação arquitetônica, ora como elementos de qualificação urbana ou ainda como lugares de devoção” (ABREU, 2005, apud OLIVEIRA, 2015)

A citação de Abreu (2005), referida por Mónica Oliveira (2015), contribui para a compreensão da presença histórica das esculturas religiosas nos espaços urbanos brasileiros. Ao afirmar que a escultura pública se apropria da paisagem urbana como “lugar de devoção”, o autor reconhece que, antes mesmo da consolidação dos monumentos de caráter cívico, os espaços públicos já abrigavam expressões artísticas de natureza religiosa. Praças, adros de igrejas e fachadas de templos funcionavam como cenários para essas manifestações escultóricas, que desempenhavam funções simbólicas, espirituais e educativas, sobretudo em uma sociedade majoritariamente cristã e marcada por altos índices de analfabetismo.

Essa ocupação do espaço urbano por esculturas devocionais não apenas antecipou a presença da arte nos ambientes públicos, como também influenciou a plástica e o uso simbólico desses lugares. A instalação de imagens sacras ao ar livre representava, ao mesmo tempo, um ato de fé e uma forma de comunicação acessível à população. Com o passar do tempo, esses espaços de devoção foram compartilhados, e em alguns casos substituídos, por monumentos cívicos, que passaram a representar novos valores e narrativas ligadas à construção do Estado-nação. Assim, a citação reforça a ideia de que a arte religiosa abriu caminhos importantes para a inserção da escultura na vida pública, ajudando a moldar o imaginário coletivo e a configuração simbólica das cidades brasileiras.

No entanto, esse processo não ocorreu de forma estanque. Com o tempo, as expressões artísticas presentes nos espaços urbanos expandiram-se em direção a outras linguagens, intenções e públicos. Assim, se no início predominavam os monumentos ligados à fé e ao Estado, como as esculturas religiosas instaladas em praças e fachadas de igrejas, o avanço dos

séculos trouxe novas formas de intervenção artística no espaço público, mais críticas, participativas e sensíveis à diversidade social. Nesse panorama ampliado, a arte pública revela sua continuidade histórica como linguagem visual comunicativa, reinventando-se como ferramenta de diálogo entre o passado, o presente e as transformações culturais da sociedade brasileira.

Nesse processo contínuo, a arte pública brasileira passou a se apresentar em múltiplas formas e intenções. Aquilo que começou como manifestação devocional expandiu-se ao longo do tempo para abarcar novas linguagens; ora duráveis, como monumentos e esculturas permanentes; ora efêmeras, como intervenções urbanas e performances artísticas. Sua escala também varia entre expressões monumentais, de grande impacto simbólico, e manifestações discretas, integradas ao cotidiano urbano. Essa diversidade formal reflete igualmente seus múltiplos papéis sociais e políticos: pode buscar a integração plástica com o espaço ou adotar uma postura crítica, funcionando como ferramenta de contestação e reflexão coletiva.

Além da diversidade formal, a arte pública também desempenha múltiplos papéis sociais e políticos. Pode assumir uma função harmonizadora, buscando a integração plástica com o espaço urbano, ou adotar um caráter protestante, funcionando como instrumento de contestação e crítica social. Em ambos os casos, a arte pública se insere no cotidiano das sociedades, influenciando a percepção e a experiência dos indivíduos em relação ao espaço urbano.

Um exemplo contemporâneo da dimensão crítica e comunicativa da arte pública é o trabalho do artista brasileiro Eduardo Kobra², cujos murais de grande escala, presentes em diversas cidades do mundo, dialogam com temas sociais, históricos e ambientais. Suas obras, marcadas por cores vibrantes e forte realismo, homenageiam figuras emblemáticas e promovem reflexões sobre direitos humanos, igualdade, memória e justiça social. Ao transformar muros urbanos em suportes para mensagens de impacto, Kobra evidencia a potência transformadora da arte pública como meio de sensibilização coletiva e construção simbólica do espaço urbano.

Nesse contexto, ao compreender a evolução da escultura pública no Brasil como um processo que transita das manifestações devocionais coloniais para a consolidação dos monumentos cívicos, torna-se fundamental analisar de maneira mais detida duas obras paradigmáticas dessa trajetória: o conjunto escultórico *Os Doze Profetas, de Aleijadinho*, e o *Monumento a Dom Pedro I*, localizado no Rio de Janeiro. Embora ambas desempenhem papéis

² Eduardo Kobra (São Paulo - 1975) é um artista urbano, muralista e grafiteiro brasileiro de renome internacional, conhecido por suas obras de grande escala que combinam realismo, cores vibrantes e forte apelo social e histórico.

significativos na história da arte brasileira, distinguem-se não apenas pelos períodos e estilos artísticos que representam, mas, sobretudo, pelas funções sociais e simbólicas que exercem no espaço urbano.

A seguir, propõe-se uma análise comparativa dessas duas obras, com o intuito de evidenciar as diferenças conceituais que marcam a transição da escultura sacra, voltada à devoção religiosa, para a escultura pública de caráter cívico e político, consolidada como expressão da identidade nacional brasileira.

1.1 A Primeira Escultura Pública do Brasil: Diferenças entre o *Monumento a Dom Pedro I* e *Os Doze Profetas de Aleijadinho*

A história da escultura pública no Brasil está diretamente ligada ao desenvolvimento das cidades e à construção de um imaginário coletivo que reflete os valores e as transformações da sociedade. A primeira escultura pública do país é reconhecidamente o *Monumento a Dom Pedro I*, inaugurado em 1862 na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro.



Figura 1: *Escultura a Dom Pedro I* logo após a inauguração, em 1862, antes da instalação da grade ao redor. Manoel Banchieri. Biblioteca Nacional.

Fonte: Rio Memória.

No entanto, muito antes dessa obra, entre 1794 e 1804, Aleijadinho esculpiu os famosos *Doze Profetas*, um conjunto de esculturas de pedra-sabão instalado no Santuário do Bom Jesus

de Matosinhos, em Congonhas, Minas Gerais. Embora essas duas obras sejam fundamentais para a história da arte brasileira, apenas o *Monumento a Dom Pedro I* é classificado como a primeira escultura pública do Brasil.

A comparação entre *Os Doze Profetas de Aleijadinho* e o *Monumento a Dom Pedro I* evidencia dois momentos distintos da escultura brasileira: um enraizado na religiosidade barroca colonial e outro voltado à afirmação política e simbólica do Estado-nação.

Embora o conjunto escultórico de Congonhas tenha sido realizado entre 1794 e 1804, anterior ao monumento imperial inaugurado em 1862, apenas este último é reconhecido como a primeira escultura pública do Brasil. Isso se deve não à cronologia, mas à função e à concepção de espaço público que orientam cada obra.

o universo público redonda, por um lado, na sua circunstância espacial, demarcando-se as peças situadas em áreas de circulação aberta à população; por outro lado, na tutela de origem da sua gestão, entidade predominantemente de carácter político; mas também na sua ligação ao domínio das Belas-Artes, enquadrando-se os seus autores nessa esfera plástica. No contexto do inquérito historiográfico, reúnem-se portanto, na eleição das obras a denominar como “públicas”, variáveis geográficas, institucionais e disciplinares, pelo que genericamente, neste enquadramento, a arte que é pública encontra-se na rua, é pensada e instalada pelas autoridades políticas gestoras da cidade e deriva da produção dentro das convencionais doutrinas plásticas. (CAMPOS, CÂMERA, p.48)

A citação de Ricardo Campos e Sílvia Câmara (2019, p. 48) oferece uma contribuição fundamental para a delimitação conceitual do que se entende por arte pública no contexto urbano contemporâneo. Segundo os autores, o reconhecimento de uma obra como arte pública não depende apenas de sua presença física em espaços abertos, mas está vinculado a três dimensões estruturantes: espacial, institucional e disciplinar.

A circunstância espacial refere-se à localização da obra em áreas de circulação aberta à população, ou seja, em ambientes acessíveis e integrados ao cotidiano urbano. Esse critério exclui, portanto, obras localizadas em espaços privados ou de uso restrito, mesmo que sejam visíveis ao público.

Já a tutela institucional envolve a origem da obra e sua instalação por entidades gestoras do espaço urbano, geralmente de carácter político, como prefeituras, secretarias de cultura ou órgãos de patrimônio. Nesse sentido, a arte pública é compreendida como fruto de uma ação deliberada do poder público, inserida em políticas culturais e urbanas que visam interferir no imaginário coletivo e na configuração simbólica da cidade.

A terceira dimensão mencionada pelos autores diz respeito à ligação da obra ao campo das Belas-Artes, reconhecendo que a autoria e os processos de criação estão inseridos nas

convenções plásticas tradicionais. Assim, para além da materialidade e da visibilidade pública, é necessário considerar os enquadramentos artísticos que conferem legitimidade e pertencimento à obra dentro do sistema artístico hegemônico.

Desse modo, os autores concluem que a definição de arte pública é construída a partir da articulação entre variáveis geográficas (localização), institucionais (gestão) e disciplinares (produção artística). A obra pública, nesse contexto, não é simplesmente aquela exposta ao ar livre, mas aquela que é concebida para o espaço urbano como arena pública, com intencionalidade plástica, política e social. Essa perspectiva é essencial para distinguir, por exemplo, obras religiosas devocionais ao ar livre de esculturas cívicas pensadas para o espaço coletivo, como no caso do *Monumento a Dom Pedro I*.

Para articular os critérios de definição da arte pública expostos por Campos e Câmara (2019) com o caso das esculturas de Aleijadinho em Congonhas, é necessário observar os diferentes contextos de origem, função e inserção espacial dessas obras. Enquanto a arte pública, conforme os autores, pressupõe intencionalidade cívica, gestão política e localização em espaços de circulação urbana voltados ao convívio coletivo, o conjunto escultórico dos *Doze Profetas* foi concebido sob uma lógica devocional e integradora do espaço sacro. Ou seja, embora estejam ao ar livre e sejam acessíveis ao público, essas esculturas não se destinam à fruição plástica laica ou à celebração de valores cívicos, mas sim ao reforço simbólico de uma experiência religiosa específica. Tal distinção evidencia que a classificação de uma obra como arte pública não se limita à sua visibilidade ou materialidade, mas envolve a análise crítica de sua função social, de sua gênese institucional e da sua inscrição no espaço urbano ou ritualístico.

Os *Doze Profetas* foram encomendados pela Igreja Católica como parte do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, um conjunto arquitetônico e paisagístico voltado à devoção e à experiência religiosa dos fiéis. As esculturas de pedra-sabão, esculpidas por Aleijadinho, não foram concebidas como monumentos públicos independentes, mas como elementos integrados ao espaço sacro. Seu valor simbólico reside na função catequética e espiritual que desempenham: representam figuras do Antigo Testamento que anunciam a vinda do Messias, em uma narrativa que dialoga diretamente com o percurso litúrgico e emocional dos peregrinos.



Figura 2 : *Os Doze Profetas*. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas – MG
Fotografia de Pedro Vilela/MTur
Fonte: Cidade e Cultura.

Suas expressões dramáticas e gestos intensos conferem ao conjunto uma profundidade simbólica e plástica própria da arte barroca, marcada pela emoção e pelo movimento. Nesse sentido, Bosi (1987, p. 211) destaca que a arte de Aleijadinho sintetiza o espírito barroco mineiro, em que a emoção religiosa se inscreve no corpo das formas esculpidas, como se observa nos gestos dramáticos dos *Doze Profetas*.



Figura 3: *Os Doze Profetas*. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas – MG.
Fonte: Minas.

Já o *Monumento a Dom Pedro I*, instalado na Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, foi idealizado dentro de um projeto político de construção da memória nacional. Diferentemente das esculturas de Aleijadinho, essa obra tem caráter cívico e comemorativo, exaltando a figura do imperador como herói fundador da pátria. Como observa Mário de Souza

Chagas (2003, p. 134), monumentos públicos funcionam como dispositivos de memória seletiva, moldando simbolicamente a identidade nacional por meio da exaltação de figuras fundadoras e eventos históricos, como ocorre no caso da escultura de *Dom Pedro I*.

Encomendado pelo Estado, o monumento insere-se na tradição neoclássica de representação do poder, com formas simétricas, idealizadas de apelo monumental. A estátua equestre em bronze, com *Dom Pedro I* em pose de comando, busca afirmar visualmente a estabilidade e a grandeza do Império do Brasil, funcionando como instrumento de legitimação do regime monárquico e da identidade nacional.

As diferenças entre as duas obras estendem-se também à sua inserção urbana e à forma como dialogam com a paisagem e com os transeuntes. Enquanto os *Doze Profetas de Aleijadinho* estão situados em um adro elevado, em íntima articulação com a arquitetura religiosa do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, promovendo uma experiência contemplativa e espiritual, o *Monumento a Dom Pedro I* ocupa uma praça central e movimentada da antiga capital imperial. Sua localização estratégica e sua escala monumental visam à visibilidade e à imponentia, reforçando sua função simbólica no coração da vida cívica. Essa distinção entre os dois monumentos ilustra a importância de considerar as obras não de forma isolada, mas como parte da complexidade urbana em que estão inseridas. Como argumenta Peixoto (1996, apud BRAMBILLA, 2021), “os monumentos públicos constituem a paisagem urbana, se inserindo na cidade, nas suas histórias e memórias” e, portanto, devem ser compreendidos a partir de suas “especificidades de linguagem e de sua inserção na complexidade urbana”.

Essa distinção se reflete, ainda, na maneira como cada obra foi recebida e permanece na memória cultural brasileira. Os *Doze Profetas*, embora não concebidos como escultura pública nos moldes modernos, tornaram-se patrimônio histórico, artístico e afetivo do povo mineiro e do país, sendo reconhecidos internacionalmente por sua originalidade e profundidade expressiva. Já o *Monumento a Dom Pedro I*, embora menos celebrado em termos estéticos, ocupa lugar central na história da arte oficial oitocentista e no processo de institucionalização da escultura cívica no Brasil, atuando como dispositivo de consagração de uma memória estatal.

Portanto, a diferença fundamental entre essas duas realizações não está apenas em sua cronologia ou materialidade, mas sobretudo em suas funções simbólicas e em seus modos de ocupação do espaço urbano. Os *Doze Profetas* exprimem a religiosidade popular e a tradição barroca reinterpretada por um artista local, enquanto o *Monumento a Dom Pedro I* representa a afirmação do poder imperial e da memória oficial do Estado brasileiro.

A análise dessas duas obras permite compreender como a escultura no Brasil transitou da devoção religiosa à celebração cívica, revelando o papel central da arte na construção simbólica da paisagem urbana e da identidade nacional.

Essa oposição entre religiosidade e civismo, entre sacralidade e exaltação nacional, é também reflexo de diferentes agentes envolvidos em sua produção e das intenções simbólicas que cada obra carrega. Enquanto Aleijadinho trabalhava sob encomenda da Igreja e da tradição barroca mineira, Rochet³ respondia a um projeto oficial do Império, com pretensões de eternizar o feito político da Independência. A escultura brasileira, assim, desloca-se da fé à pátria, da devoção ao Estado, marcando uma inflexão na própria função da arte no espaço público.

Além das distinções simbólicas e urbanísticas, outras diferenças importantes entre as duas obras podem ser observadas no planejamento, na execução e nas escolhas plásticas que as constituem. A Estátua de *Dom Pedro I* foi concebida como um monumento cívico e comemorativo, exaltando a figura do imperador e seu papel central na Independência do Brasil. Criada por encomenda do governo imperial, essa escultura possui forte simbolismo político, destacando-se por sua localização em um espaço urbano de grande circulação. Inspirada na tradição dos monumentos equestres europeus, a obra apresenta dimensões monumentais e uma base ricamente ornamentada, que inclui figuras simbólicas representando os rios brasileiros e elementos da identidade nacional.

Outro fator relevante para essa distinção é o envolvimento direto do Estado na comissão da obra. O monumento foi resultado de uma iniciativa oficial do Império, com participação da Academia de Belas Artes e um processo seletivo que avaliou diversos projetos. Embora o vencedor tenha sido o brasileiro João Maximiano Mafra⁴, a execução da escultura ficou a cargo do francês Louis Rochet, que a produziu na França antes de sua instalação no Brasil. Esse aspecto evidencia o caráter internacional e institucional da obra, reforçando seu papel como o primeiro monumento público do país com função exclusivamente cívica.

Esteticamente, as duas esculturas também revelam diferenças significativas. *Os Doze Profetas* seguem a tradição do barroco tardio, com expressividade intensa e dramatismo típico do barroco mineiro. Aleijadinho imprimiu às figuras forte dinamismo, vestes detalhadas e rostos

³ Louis Rochet (1813–1878) foi um escultor francês de tradição acadêmica, autor *do Monumento a Dom Pedro I*, inaugurado em 1862 na Praça Tiradentes, Rio de Janeiro. A obra foi encomendada pelo Império do Brasil e executada na França, sendo considerada um marco da escultura pública cívica no país.

⁴ João Maximiano Mafra (1823–1908), nascido e falecido no Rio de Janeiro, foi aluno da Academia Imperial de Belas-Artes e autor do projeto da estátua equestre de *Dom Pedro I*, inaugurada em 1862. Apesar da dedicação, era considerado artista de recursos limitados, como aponta Gonzaga Duque. Destacou-se como professor e secretário da Academia, onde atuou até 1890.

marcados por emoção, enfatizando o sentido religioso da obra. Em contraposição, o *Monumento a Dom Pedro I* adota uma linguagem neoclássica com influências românticas, privilegiando a simetria, a solenidade e a idealização do herói nacional. A imagem do imperador montado a cavalo e segurando o Manifesto às Nações reforça a construção de um líder forte e visionário, alinhando-se à tradição ocidental de esculturas de líderes políticos.

Essa comparação ilustra de forma contundente a transformação da escultura brasileira ao longo do tempo. No período colonial, a produção era predominantemente sacra e integrada à arquitetura religiosa. No entanto, a partir do século XIX, com a consolidação do Brasil como Estado independente, emergem os monumentos cívicos, destinados à exaltação de figuras históricas e à afirmação da identidade nacional. A estátua de *Dom Pedro I* inaugura, assim, uma nova fase da escultura pública brasileira, marcada pela presença de obras nos espaços urbanos e pelo uso da arte como instrumento de construção da memória coletiva.

Dessa forma, a distinção entre essas duas obras não reside apenas na data de sua realização, mas sobretudo na função simbólica que cada uma exerce no espaço urbano. Enquanto *Os Doze Profetas* permanecem como um dos maiores legados da arte sacra barroca no Brasil, a estátua de *Dom Pedro I* constitui um marco inaugural da tradição de monumentos cívicos e comemorativos que se consolidaria ao longo do século XIX.

1.2 A Trajetória da Escultura Pública Brasileira: da Arte Devocional à Cidade Como Museu a Céu Aberto

A partir das primeiras expressões escultóricas de cunho devocional, como o conjunto dos *Doze Profetas de Aleijadinho*, e do marco inaugural da escultura cívica brasileira com o *Monumento a Dom Pedro I*, a trajetória da escultura pública no Brasil revela um contínuo processo de transformação plástica, simbólica e urbana. Inicialmente vinculada à religiosidade e ao projeto político de consolidação do Estado-nação, a escultura pública expandiu progressivamente seu alcance e suas funções, acompanhando as mudanças sociais e culturais do país e contribuindo para a configuração simbólica das cidades.

Além de Aleijadinho, escultores anônimos e mestres locais contribuíram para a disseminação da arte escultórica em espaços abertos. O crescimento das cidades e a construção de praças públicas incentivaram a instalação de esculturas ao ar livre, muitas delas ligadas à fé

cristã e à exaltação da Coroa Portuguesa. Essas primeiras esculturas urbanas foram essenciais para consolidar o espaço público como ambiente de manifestação artística e simbólica.

Com o avanço do século XX, impulsionado pela Semana de Arte Moderna de 1922, a escultura pública brasileira passou a incorporar os princípios do modernismo, inaugurando uma nova linguagem formal e conceitual. Esse movimento rompeu com os modelos acadêmicos europeus e buscou afirmar uma identidade plástica nacional. Um dos pioneiros dessa ruptura foi Victor Brecheret, cuja produção introduziu influências do art déco e do modernismo europeu, articuladas a temas e formas brasileiras. Como observa Miceli (2003, p. 89), “o modernismo buscava uma linguagem própria, rompendo com os padrões europeus e valorizando as raízes nacionais”, perspectiva claramente evidenciada na obra de Brecheret. Sua produção sintetiza os princípios do modernismo brasileiro ao propor uma plástica inovadora, robusta e expressiva, alinhada à valorização da identidade nacional.

No *Monumento às Bandeiras*, instalado no Parque do Ibirapuera, essa intenção se materializa na representação estilizada e dinâmica dos bandeirantes, marcando uma inflexão simbólica e formal na escultura pública. Ao articular monumentalidade, expressividade e conteúdo histórico, Brecheret inaugurou um novo paradigma estético, que influenciaria gerações futuras de escultores.



Figura 4: *Monumento às bandeiras* (1953). Parque do Ibirapuera – SP.
Fonte: aQuadra.

Essa inflexão modernista abriu caminho para novas experimentações formais e simbólicas no campo da escultura urbana brasileira. Nesse contexto, destaca-se a produção de Bruno Giorgi, artista que integrou as vanguardas plásticas do século XX e cuja obra consolidou-se no espaço público por meio de linguagens mais fluídas e abstratas. A escultura *Os Candangos* (1959), instalada na Praça dos Três Poderes em Brasília, é um exemplo

emblemático dessa transição: ao mesmo tempo em que homenageia os trabalhadores anônimos que ergueram a capital federal, a obra abandona a rigidez acadêmica e adota formas alongadas e curvas que evocam movimento e coletividade. Como destaca Wesley dos Santos Lima (2021), “a obra é considerada símbolo da força de trabalho responsável pela construção da cidade moderna, além de representar a plástica modernista e suas possibilidades abstratas”

Giorgi propôs uma nova relação entre arte e espaço público, aproximando a escultura da arquitetura e da experiência do espectador, consolidando o vínculo entre arte moderna e urbanismo.

Ela [a escultura pública] surge num território habitável que se articula com a arte, a arquitetura, o desenho do plano urbanístico e o design urbano [...] De facto, onde quer que seja colocada, a escultura pública define e organiza o espaço social à sua volta estabelecendo uma maior ligação entre o objeto artístico e o público. (OLIVEIRA, 2015, p.56)

A escultura pública contemporânea ultrapassa os limites da contemplação passiva e se insere de maneira ativa no tecido urbano, promovendo uma relação de integração entre arte, arquitetura e urbanismo. Como aponta Oliveira (2015, p. 56), essa forma de arte “surge num território habitável que se articula com a arte, a arquitetura, o desenho do plano urbanístico e o design urbano”. Essa afirmação evidencia a natureza interdependente da escultura pública moderna, cuja função transcende a dimensão plástica, atuando como elemento organizador do espaço urbano e catalisador de experiências sociais.

Nesse contexto, a escultura deixa de ser um objeto isolado ou meramente decorativo para tornar-se um agente de significação que interage com o entorno e os indivíduos que por ele circulam. Ao “definir e organizar o espaço social à sua volta”, como afirma a autora, a obra escultórica passa a mediar relações entre o físico (o lugar) e o simbólico (as representações coletivas), estabelecendo um vínculo mais direto com o público. Essa articulação espacial e simbólica é especialmente notável nas cidades modernistas brasileiras, como Brasília, onde escultores como Bruno Giorgi propuseram uma fusão entre escultura e projeto urbanístico, transformando suas obras em marcos cívicos e identitários.

Portanto, a escultura pública deve ser compreendida não apenas como manifestação artística, mas como parte fundamental da construção do espaço urbano moderno. Sua presença contribui para a formação da paisagem cultural, para o fortalecimento da memória coletiva e para a valorização da experiência sensível dos cidadãos no cotidiano das cidades.

Essa concepção ampliada da escultura pública, articulada com o urbanismo e voltada à experiência sensível do espectador, abre caminho para as transformações que marcam a produção brasileira a partir da segunda metade do século XX. Nesse novo contexto, os artistas

passam a explorar materiais industriais e novas linguagens formais, expandindo os limites tradicionais da escultura. O espaço urbano deixa de ser apenas suporte e torna-se parte integrante da obra, o que se manifesta de modo contundente nas propostas construtivistas e neoconcretas que emergem no período.

O surgimento da escultura construtivista e neoconcreta trouxe contribuições decisivas para esse processo. Amílcar de Castro⁵, com suas formas geométricas em aço cortado e dobrado, redefiniu a relação entre corpo escultórico e espaço. Lygia Clark⁶ rompeu com a ideia de obra estática ao criar esculturas interativas que exigem a participação do público. Franz Weissmann⁷, por sua vez, empregou linhas puras e estruturas modulares, transformando praças e avenidas em espaços de contemplação plástica e crítica visual.



Figura 5: | Amílcar de Castro, *Gigante Dobrada*, 2001

Fonte: Laart. Crédito de Site Inhotim.

No campo da arte contemporânea, a escultura pública passou a explorar ainda mais a interatividade, os recursos tecnológicos e a crítica social. Instalações, projeções, objetos cinéticos e obras táteis começaram a ocupar os espaços urbanos, estabelecendo vínculos mais diretos com o cotidiano das pessoas. Artistas como Ernesto Neto⁸ e Vik Muniz⁹

⁵ Amílcar de Castro (1920–2002) foi um escultor brasileiro ligado ao neoconcretismo, conhecido por suas obras em aço cortado e dobrado, que exploram a relação entre forma e espaço no contexto urbano.

⁶ Lygia Clark (1920–1988) foi uma artista brasileira vinculada ao neoconcretismo. Destacou-se por criar esculturas interativas que exigem a participação do público, rompendo com a ideia de obra de arte como objeto estático.

⁷ Franz Weissmann (1911–2005) foi um escultor modernista brasileiro, integrante do movimento neoconcreto.

⁸ Ernesto Neto (1964) é um artista contemporâneo brasileiro conhecido por esculturas orgânicas e imersivas, que utilizam materiais como tecido, especiarias e malhas elásticas, convidando o público à interação sensorial e corporal com a obra.

⁹ Vik Muniz (1961) é um artista brasileiro contemporâneo reconhecido por criar imagens com materiais inusitados, como lixo, açúcar, chocolate e pigmentos, explorando temas como percepção, representação e desigualdade social.

reconfiguraram os limites da escultura tradicional, incorporando materiais não convencionais e estratégias participativas em suas criações.

Além das inovações formais, a escultura pública contemporânea tem se destacado pelo engajamento social e político. Temas como memória, apagamentos históricos, identidade e pertencimento passaram a ocupar o centro da produção artística nos espaços urbanos. Esculturas que celebram figuras historicamente marginalizadas ou que resgatam narrativas invisibilizadas ganham visibilidade, promovendo um debate sobre a democratização da arte e do espaço público.

A escultura pública apresenta um valor identitário, criando marcas e sinais que, para as sociedades que nela habitam, representam elementos de identidade muito fortes. [...] mostra-se como um indicador autobiográfico da sua história e da sua geografia social. Na verdade a escultura pública é destinada ao homem, à comunidade e, por estas razões, deve-se potencializar uma dimensão social, levando o público a confrontar-se através da arte com a sua própria identidade. (OLIVEIRA, 2015, p.60)

A escultura pública, para além de sua dimensão plástica ou decorativa, assume um papel fundamental na construção e afirmação de identidades coletivas. Como observa Oliveira (2015, p. 60), ela “apresenta um valor identitário, criando marcas e sinais que, para as sociedades que nela habitam, representam elementos de identidade muito fortes”. Ao ocupar o espaço urbano com símbolos, figuras e formas que remetem à história, à cultura e às memórias locais, a escultura pública contribui para a consolidação de um senso de pertencimento e de reconhecimento mútuo entre os habitantes da cidade.

Nesse sentido, a obra escultórica se transforma em um indicador autobiográfico da coletividade, tornando visíveis as narrativas que estruturam a geografia social daquele território. Ao retratar figuras históricas, denunciar apagamentos ou homenagear personagens marginalizados, a escultura pública atualiza o espaço urbano como lugar de disputa simbólica e como palco para o exercício da memória crítica. Por isso, como defende a autora citada, é essencial que a escultura pública seja concebida com atenção à sua dimensão social, incentivando o público a se confrontar com sua própria história, seus valores e identidades.

Esse processo de confrontação simbólica promove o diálogo entre arte e cidadania, reafirmando a escultura como dispositivo de educação sensível e crítica. Ao ativar a memória coletiva, a escultura pública transforma-se em instrumento de democratização do espaço urbano, contribuindo para uma vivência mais consciente, plural e inclusiva das cidades.

A compreensão da escultura pública como portadora de valor identitário e vetor de memória coletiva, conforme discutido por Oliveira (2015), prepara o terreno para uma inflexão mais profunda na maneira como a arte se insere no espaço urbano contemporâneo.

Ao potencializar a dimensão social da escultura, levando o público a se confrontar com sua própria história e identidade, abre-se espaço para uma nova abordagem plástica e política da presença escultórica nas cidades.

É justamente essa mudança que sustenta a ressignificação da escultura pública como prática crítica e afetiva. As obras deixam de operar exclusivamente como marcos comemorativos estáticos e passam a funcionar como dispositivos sensíveis de diálogo, denúncia, celebração e pertencimento, transformando o espaço urbano em território simbólico e disputado. Nessa nova lógica, o que está em jogo não é apenas a forma escultórica, mas sobretudo quem está representado, quem é lembrado e quem é convidado a ocupar esse espaço de visibilidade.

Essa ressignificação da escultura pública marca uma inflexão decisiva na forma como a arte ocupa e transforma a paisagem urbana. As esculturas deixam de ser apenas monumentos comemorativos e tornam-se dispositivos sensíveis de diálogo, denúncia, celebração e pertencimento. O espaço urbano passa a ser compreendido como território simbólico e afetivo, no qual as disputas por memória, representação e visibilidade ganham centralidade.

É nesse contexto que ganha força a metáfora da cidade como “museu a céu aberto”. Como afirma Tânia de Freitas Vasconcelos (2007, p. 91):

Desse modo, a cidade, de uma forma ainda mais ampla, assume o seu papel de museu a céu aberto, pano de fundo das manifestações históricas, sociais, culturais e artísticas dos seus e dos que a escolhem como espaço propício para abrigar suas essências e suas almas.

Ao lançar mão dessa metáfora, Vasconcelos não se refere apenas à presença física de obras de arte em praças e avenidas, mas à potência da cidade em conservar, expressar e comunicar sentidos históricos e culturais por meio de sua própria configuração espacial.

Essa concepção amplia a noção de paisagem urbana, compreendendo-a como um arquivo vivo da cultura e da memória coletiva. Ao ocupar os espaços públicos, a escultura transforma a cidade em galeria viva, acessível a todos, capaz de representar afetos, lutas, histórias e identidades diversas.

A cidade, assim, é compreendida como um lugar onde a memória coletiva se materializa, seja nas esculturas, na arquitetura, nos marcos simbólicos ou nos fluxos cotidianos. Ela se torna suporte da história vivida e contada por seus habitantes, e daqueles que passam a fazer parte de sua narrativa urbana. A ideia de que abriga “essências e almas” reforça a dimensão afetiva da

paisagem urbana, entendida não apenas como cenário, mas como um lugar de pertencimento, expressão e reconhecimento mútuo.

Essa leitura dialoga com os estudos contemporâneos sobre memória e patrimônio, que defendem que os espaços públicos devem ser vistos como arquivos vivos da cultura e da identidade de um povo. Nesse sentido, a arte pública não é mero ornamento urbano, mas elemento essencial na mediação simbólica entre passado, presente e futuro, transformando a cidade em uma galeria viva e plural.

A concepção da cidade como lugar de memória, onde a arte pública se configura como dispositivo sensível e simbólico da paisagem urbana, encontra respaldo na própria história da escultura brasileira.

A materialização da memória coletiva em formas artísticas acompanha o processo de conformação das cidades desde o período colonial. Refletir sobre o papel da arte pública na constituição dos espaços urbanos requer resgatar suas origens no Brasil, desde a religiosidade dos *Doze Profetas de Aleijadinho* até o imaginário cívico do *Monumento a Dom Pedro I*.

A trajetória da escultura pública no Brasil, portanto, percorre um arco que vai da arte sacra à arte crítica; da devoção à participação social; da monumentalização oficial à multiplicidade de vozes. Obras como *Os Doze Profetas de Aleijadinho*, e a estátua de *Dom Pedro I* inauguram esse percurso, representando os alicerces simbólicos da arte nos espaços públicos. A partir delas, a escultura brasileira foi se reconfigurando, acompanhando os debates estéticos e sociais de cada época e convertendo a cidade em território vivo de disputa simbólica e produção de sentidos coletivos.

Em síntese, a escultura pública no Brasil percorre uma trajetória marcada por profundas transformações formais, simbólicas e sociais. Desde suas raízes devocionais até sua consolidação como linguagem crítica e participativa, ela tem desempenhado um papel central na construção da memória coletiva e na configuração simbólica das cidades. Ao ocupar o espaço urbano com sentidos plurais e disputas de representação, a escultura pública reafirma seu lugar como agente ativo na formação da identidade cultural e na democratização do patrimônio artístico.

2. A CIDADE ESCULPIDA: NARRATIVAS VISÍVEIS DA HISTÓRIA E DA CULTURA LOCAL

“O espaço urbano é o lugar onde a arte pública pode provocar rupturas, restaurar memórias e revelar outras vozes.”

Mônica Amaral

A escultura pública, ao ocupar os espaços da cidade, vai além de seu valor estético: ela comunica, representa, educa e constrói sentidos. Em São Luís, particularmente no Centro Histórico¹⁰, as esculturas instaladas em praças e largos não apenas adornam a paisagem, mas se configuram como dispositivos simbólicos de memória e identidade.

Cada obra se inscreve na cidade com uma narrativa: ora marcada pelo culto aos heróis letrados e pela construção da memória oficial, ora atravessada por experiências cotidianas, afetivas e populares. Ao observar esse conjunto, compreende-se que a cidade é, ela mesma, esculpida por diferentes camadas de tempo e representação, tornando-se um espaço de disputa simbólica e de visibilidade cultural.

Entre os exemplares mais emblemáticos do acervo escultórico de São Luís está o *Monumento a Gonçalves Dias*, erguido em 1873 na praça que leva seu nome. A obra celebra a figura do poeta maranhense como ícone da literatura nacional, inscrevendo seu legado na paisagem urbana como símbolo de orgulho cívico e cultural.

A escultura, posicionada em local de destaque, expressa a intenção de monumentalizar a intelectualidade letrada, conferindo ao espaço público uma aura de reverência às grandes figuras da história oficial.

Na mesma direção simbólica, encontra-se a estátua de *João Lisboa*, inaugurada em 1918. Concebida pelo escultor francês Jean Magrou¹¹, a obra presta homenagem ao jornalista, político e historiador maranhense, reafirmando o culto às elites intelectuais locais. A base de mármore e o corpo em bronze, somados à pose solene, conferem à figura um caráter quase sacralizado, condizente com a plástica dos monumentos cívicos do início do século XX.

¹⁰ O Centro Histórico de São Luís foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO em 1997, em reconhecimento à relevância de seu conjunto arquitetônico colonial de origem portuguesa, preservado de forma singular e representativo da urbanização luso-brasileira nos séculos XVIII e XIX.

¹¹ Jean Magrou (1869–1945) foi um escultor francês conhecido por obras de caráter acadêmico e monumental. Atuou no Brasil durante o período republicano, produzindo esculturas para espaços públicos e colaborando com projetos ligados à Academia de Belas Artes. Sua linguagem plástica segue os cânones do neoclassicismo e do realismo acadêmico europeu.

Esse tipo de escultura contribuiu para consolidar uma paisagem urbana que exaltava os valores republicanos, letrados e masculinos da história nacional e regional.

Também compõe esse acervo o *Monumento ao Almirante Tamandaré*, instalado na orla da Avenida Beira-Mar. Criado pelo escultor Eduardo Sereno, o monumento presta homenagem ao patrono da Marinha do Brasil, compondo a paisagem com uma linguagem formal sóbria, e se inscrevendo na tradição cívico-militar da escultura pública. Sua presença no espaço urbano dialoga com a memória nacional e reafirma a ligação simbólica entre São Luís e a história marítima do país.

Em contrapartida, a instalação das esculturas dos *Pregoeiros*, em 2022, representa um ponto de inflexão nessa lógica de monumentalidade. Localizadas na Praça Nauro Machado¹², as esculturas retratam o sorveteiro Antônio José Coelho, conhecido como Bem-te-vi, e a doceira Dona Corina; dois personagens populares que marcaram o cotidiano da cidade.

Diferente dos monumentos consagrados às figuras do poder ou da erudição, essas obras emergem como expressão da memória afetiva, da oralidade e da experiência comum. Ao inscreverem sujeitos anônimos na paisagem urbana, as esculturas dos *Pregoeiros* reconfiguram o espaço público, conferindo visibilidade a vozes historicamente silenciadas.

Essa mudança de perspectiva na arte pública revela uma tendência contemporânea de descentralização dos símbolos urbanos. Em vez de apenas reforçar as narrativas oficiais, as novas esculturas propõem um diálogo mais aberto e plural com a cidade, permitindo que o patrimônio se construa também a partir da vivência popular. Como observam Ricardo Campos e Silvia Câmera (2019), essas práticas operam como gestos de resistência simbólica, ao envolverem a comunidade, revisitar criticamente o passado e ativar memórias marginalizadas pelo discurso dominante.

Assim, a escultura pública em São Luís, longe de ser apenas um ornamento urbano, revela-se um campo de disputa simbólica. Os monumentos analisados representam diferentes momentos e intenções da história da cidade: da exaltação de figuras ilustres à valorização da experiência cotidiana; da legitimação do poder letrado à inclusão de narrativas populares. Nesse processo, a paisagem urbana se torna um arquivo vivo da cultura local, onde a arte pública atua como mediadora entre memória, identidade e cidadania.

Em cada pedra, bronze ou traço de memória, revela uma São Luís; não apenas de quem fomos, mas de quem ainda queremos lembrar.

¹² A Praça Nauro Machado é um dos principais espaços públicos do Centro Histórico de São Luís. Nomeada em homenagem ao poeta maranhense Nauro Machado (1935–2015), destaca-se como polo cultural da cidade e abriga manifestações artísticas e populares em sua paisagem revitalizada.

Dessa forma, ao percorrer as esculturas que compõem o acervo público de São Luís, é possível reconhecer não apenas seu valor artístico ou decorativo, mas sobretudo seu papel como agentes narrativos da história e da cultura local. Cada obra revela escolhas simbólicas que moldam a memória coletiva, estabelecendo vínculos entre identidade, espaço e representação.

Para compreender essas construções com maior profundidade, é necessário examinar as esculturas individualmente, considerando os contextos históricos e os sentidos que elas projetam no imaginário urbano.

Nesse sentido, o *Monumento a Gonçalves Dias* se destaca como um dos primeiros e mais emblemáticos exemplos da monumentalidade oficial, revelando as estratégias de consagração simbólica adotadas no século XIX.

2.1 O *Monumento a Gonçalves Dias* como narrativa oficial

Inaugurado em 7 de setembro de 1873, com a pedra fundamentada lançada em 10 de agosto de 1872, o *Monumento a Gonçalves Dias*¹³ é uma das primeiras esculturas cívicas instaladas no espaço urbano de São Luís. Localizado na praça homônima que faz parte do conjunto arquitetônico e paisagístico tombado pelo IPHAN em 1955, o monumento homenageia o poeta maranhense reconhecido nacionalmente por sua contribuição à literatura brasileira, especialmente ao movimento romântico.

Sua presença no Centro Histórico materializa não apenas uma celebração individual, mas também a construção de uma narrativa oficial que associa o espaço público ao prestígio intelectual e à formação da identidade nacional.

A obra figura entre as primeiras esculturas públicas do Brasil dedicadas a um intelectual, e não a uma personalidade militar ou religiosa. Gonçalves Dias foi elevado a símbolo da inteligência maranhense e do romantismo nacionalista, representando, assim, os anseios de afirmação da elite letrada local de fixar símbolos duradouros de sua hegemonia cultural no espaço urbano.

Representa a nossa reverência de hoje à memória digna e imortal de Gonçalves Dias. Levantado pela província do Maranhão, em uma das mais pitorescas e nobres praças da cidade de São Luís, este monumento honra igualmente ao poeta e ao povo que soube perpetuar-lhe o nome. (O NOVO MUNDO, p,140, 1874)

¹³ Antônio Gonçalves Dias (1823–1864) foi um poeta, jornalista e advogado maranhense, considerado um dos principais representantes do romantismo brasileiro. Autor do célebre poema *Canção do Exílio*, destacou-se por sua valorização da pátria, da língua e da identidade nacional, sendo amplamente reconhecido como símbolo da intelectualidade oitocentista e da construção da cultura letrada no Brasil.



Figura 6: Visão geral do *Monumento a Gonçalves Dias*
Fonte: Caminhos de Cantaria

Essa declaração revela a intenção de consagrar publicamente o poeta não apenas como figura individual de destaque, mas como representante de uma memória coletiva cultivada e celebrada pela elite local. Ao enfatizar a iniciativa da província do Maranhão e a escolha de um espaço urbano nobre para a instalação da escultura, a citação evidencia o desejo de legitimar o monumento como expressão cívica da cultura letrada regional. Trata-se, portanto, de um gesto que reafirma a articulação entre arte pública, identidade local e valorização simbólica da intelectualidade no contexto do século XIX.

A compreensão da escolha plástica e material do monumento torna-se ainda mais significativa quando se observa como esses elementos se articulam formalmente na própria composição da obra. Mais do que um produto da tradição acadêmica europeia, a escultura mobiliza recursos visuais e iconográficos que reforçam sua função simbólica no espaço urbano.

2.2 *Monumento a João Lisboa: Símbolo da Modernização e do Saber Político*



Figura 7: Visão geral do *Monumento a João Lisboa*.
Fonte: Prefeitura de São Luís.

Inaugurado em 1º de janeiro de 1918, o *Monumento a João Francisco Lisboa*¹⁴ ocupa posição central na praça que leva seu nome, que está localizada no Centro Histórico de São Luís.

Trata-se de uma obra emblemática que integra o conjunto de intervenções simbólicas realizadas pelas elites republicanas no início do século XX, em um contexto marcado por reformas urbanas voltadas à modernização, à higienização dos espaços públicos e à afirmação de um novo imaginário político fundado nos valores da razão, da instrução e da república.

A utilização dos monumentos como elementos de propaganda ideológica foi bastante presente na Primeira República, quando a elite dirigente se valeu da arte pública como meio de construção simbólica da nova ordem, calcada em valores como a racionalidade, a instrução e a civilidade.” (LOPES, 2022, p. 408)

¹⁴ Atuou como jornalista, historiador e político maranhense. Destacou-se por seu pensamento crítico e por sua atuação na imprensa liberal, sendo autor da Revista Popular e do clássico Jornal de Timon, onde formulou reflexões sobre o Brasil imperial, a liberdade de expressão e a formação da nacionalidade.

A obra, foi de autoria do escultor francês Jean Magrou, que foi o responsável pelo *Monumento a D. Pedro I*, no Rio de Janeiro. A escultura, chegou a São Luís em 1911 e permaneceu por anos armazenada no porão do Palácio dos Leões¹⁵, o que revela tanto as dificuldades administrativas quanto o simbolismo carregado do projeto.

Sua instalação original, no centro da praça em frente à Igreja do Carmo, fazia parte de um plano paisagístico que visava articular arte, natureza e monumentalidade. No entanto, a monumentalização de João Lisboa não foi isenta de tensões e polêmicas.

O pedestal original, com cerca de quatro metros de altura, gerou intenso debate público. A imprensa local, especialmente o periódico *O Jornal*, satirizou sua forma, descrevendo-o de modo mordaz como “três caixotes sobrepostos”, e ironizando sua aparência desproporcional. Com críticas que tocavam tanto no aspecto estético quanto na escolha do modelo de celebração.

A respeito do pedestal, diremos francamente que ele não nos satisfaz. A sua forma, a sua disposição e sua altura não nos parecem felizes. [...] O pedestal, para dizer o verbi-latim cômico de um dos presentes: *‘três caixotes sobrepostos’*. (*O Jornal*, Maranhão, sábado, 8 de dezembro de 1917, p. 4)

¹⁵ Sede oficial do governo do Estado do Maranhão, localizado no Centro Histórico de São Luís. Sua construção remonta ao século XVII e, ao longo do tempo, passou por diversas reformas. É um dos principais símbolos do poder político estadual e patrimônio histórico tombado pelo IPHAN.



Figura 8: Inauguração do *Monumento a João Lisboa*.
Fonte: Blog do Bóis

Na década de 1940, o monumento foi remanejado para o centro do jardim principal da praça e colocado sobre um pedestal mais baixo e sóbrio. Essa readequação física não apenas corrigiu problemas de proporção e visibilidade, mas também refletiu uma tentativa de integrar mais harmonicamente a escultura à paisagem urbana e ao cotidiano da cidade, democratizando o acesso visual à obra. A nova posição permitiu que a figura de João Lisboa dialogasse de maneira mais direta com os transeuntes, reforçando sua função como referência cívica e intelectual pública.

A trajetória do monumento, desde seu projeto até sua recepção crítica e reconfiguração espacial, revela muito sobre os modos como a arte pública se inscreve nas dinâmicas urbanas e nos projetos de poder. A figura de João Lisboa, ao ser monumentalizada, deixa de ser apenas um nome da história para tornar-se instrumento simbólico de um projeto republicano de identidade, em que a razão crítica, o jornalismo combativo e a erudição letrada passam a figurar como virtudes públicas a serem exaltadas e transmitidas.

Sua instalação coincidiu com um momento de profundas transformações na paisagem urbana de São Luís, impulsionadas por políticas de modernização inspiradas nos modelos europeus de reurbanização, como o de Haussmann¹⁶ em Paris.

O ideário do embelezamento urbano, tão presente nas reformas do início do século XX, visava não apenas reorganizar o espaço físico da cidade, mas também produzir um imaginário coletivo alinhado com os valores de ordem, progresso e civilidade. Nesse cenário, os monumentos públicos tornaram-se dispositivos estratégicos para consolidar símbolos cívicos e forjar uma identidade urbana compatível com o projeto republicano emergente.

A escolha por homenagear João Lisboa, que além de jornalista foi historiador, político e abolicionista, revela uma intenção clara de monumentalizar a razão crítica e o engajamento intelectual. As autoridades da época não apenas celebravam sua trajetória individual, mas buscavam inscrevê-lo como figura paradigmática da nova ordem simbólica: um intelectual comprometido com os ideais da república, da instrução pública e da crítica ao autoritarismo imperial. Assim, o monumento funciona como um marco discursivo que reconfigura o espaço urbano a partir de uma memória pública seletiva, ancorada nos princípios da modernidade racionalista.

Essa proposta representa uma inflexão em relação aos monumentos produzidos no século XIX, como a escultura de *Gonçalves Dias*, que privilegiavam valores românticos associados à emoção, à beleza idealizada e à exaltação do gênio artístico nacional. Se Gonçalves Dias foi monumentalizado como símbolo da sensibilidade poética e da identidade cultural letrada, João Lisboa surge como contraponto: um agente da crítica, da lucidez histórica e da intervenção política.

A passagem do herói romântico ao intelectual republicano traduz uma mudança significativa nos regimes de visibilidade e de representação pública. O *Monumento a João Lisboa*, portanto, abandona o *pathos*¹⁷ emocional das figuras idealizadas para afirmar o *ethos*¹⁸ racional do cidadão esclarecido.

¹⁶ Georges-Eugène Haussmann (1809–1891) foi o responsável pela modernização de Paris durante o Segundo Império Francês, sob ordem de Napoleão III. Seu plano urbanístico transformou a cidade com amplas avenidas, parques públicos, redes de esgoto e iluminação a gás, servindo de modelo para reformas urbanas em diversas cidades do mundo, inclusive no Brasil.

¹⁷ Termo de origem grega que designa a capacidade de uma obra ou discurso de provocar emoção ou comoção no público. Em arte, está ligado à expressividade afetiva da representação.

¹⁸ Conceito que se refere ao caráter, conduta ou credibilidade de uma pessoa, especialmente no contexto da retórica e da filosofia. Em arte e comunicação, designa a postura ética, racional ou moral representada por um personagem, obra ou discurso.

A escultura, ao representá-lo sentado, sereno e com um jornal nas mãos, rompe com a verticalidade monumental tradicional que exaltava líderes em posição de comando, e propõe uma imagem introspectiva, conectada à leitura e à reflexão como formas de ação política. Trata-se de uma pedagogia visual que educa o olhar para novos modos de exercício da cidadania.

Essa virada plástica é acompanhada por um discurso jornalístico que legitima o gesto monumental como expressão do progresso moral e intelectual da cidade. Em edição especial publicada pelo periódico *O Jornal*, em 1º de janeiro de 1918, a entrega do monumento à cidade é descrita como um ato de consagração cívica.

O jornal enaltece João Lisboa como porta-estandarte da opinião pública ilustrada, reconhecendo sua contribuição para a consolidação de um pensamento crítico e autônomo no Maranhão. A matéria reforça a ideia de que o monumento não celebra apenas um indivíduo, mas sim um conjunto de valores que passam a compor a narrativa oficial da cidade.

O jornal ainda destaca que a homenagem é fruto da ação conjunta de intelectuais, representantes da Academia Maranhense, entre eles podemos citar Godofredo Viana¹⁹ e autoridades civis, evidenciando a articulação entre cultura letrada, poder político e projetos de memória urbana.

Ao atribuir à escultura o papel de sintetizar o progresso moral do Maranhão, a publicação legitima o monumento como emblema da modernidade republicana, voltada para a razão, a educação e a crítica como fundamentos da vida pública.

Dessa forma, o *Monumento a João Lisboa* deixa de ser apenas um objeto comemorativo para tornar-se um signo urbano da racionalidade moderna. Ele transforma o espaço da praça em espaço simbólico, onde a representação do intelectual opera como instrumento de pedagogia cívica. Trata-se de uma escultura que, ao invés de celebrar feitos heroicos ou militares, exalta o poder da palavra, da memória crítica e da liberdade de pensamento como fundamentos de uma nova sociedade.

Sua materialidade durável, composta por bronze e granito, garante permanência e resistência ao tempo, conferindo à obra uma autoridade simbólica que se impõe sobre as transformações cotidianas do entorno. Já sua localização estratégica no Centro Histórico de São Luís, favoreceu a continuidade de sua atuação como polo de memória e identidade urbana.

Além disso, a carga simbólica acumulada ao longo de décadas, alimentada por discursos institucionais, recepções midiáticas e práticas de comemoração cívica, consolida o

¹⁹(1863–1921) Foi jornalista, escritor e político maranhense. Atuou como membro e presidente da Academia Maranhense de Letras, destacando-se como figura central na consolidação da memória intelectual e letrada do Maranhão no início do século XX.

monumento como referência de pertencimento e distinção, operando seletivamente na constituição de uma memória oficial.

A escultura de *João Lisboa* não apenas registra um passado, mas filtra e hierarquiza o que deve ser lembrado, enfatizando determinados valores como: o racionalismo, a crítica ilustrada e o civismo republicano; em detrimento de outras vozes e narrativas possíveis. Como afirma Adriana Carme Brambilla (2018), os monumentos são “testemunhos do poder de elites sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas que visam perpetuar a si e seus feitos, ante à memória coletiva”.

Essa perspectiva nos leva a compreender o monumento não como espelho neutro da história, mas como um instrumento ativo na construção de sentidos sobre o passado, dirigido por interesses de classe, de época e de projeto político.

A inscrição da figura de João Lisboa como herói da palavra, da crítica e da civilidade revela não apenas a valorização de sua trajetória, mas sobretudo a tentativa das elites locais de moldar imaginários sociais em torno de uma cidadania letrada e racional, em sintonia com os ideais da modernidade ocidental.

Nesse sentido, a escultura atua como um artefato de disputa simbólica, cuja permanência no espaço urbano assegura a reprodução de um modelo de cidadão instruído, engajado e ilustrado; que se desejava fomentar na ordem republicana.

Ao ser continuamente reinterpretado por diferentes gerações, o monumento se mantém vivo, não apenas como vestígio do passado, mas como agente de atualizações identitárias e cívicas, convocando o presente a dialogar criticamente com sua herança cultural e política.

Essa intenção de monumentalizar a figura de João Lisboa como expressão de um novo ideal de cidadania foi amplamente divulgada e legitimada pela imprensa maranhense ao longo da década de 1910.

As reportagens e crônicas publicadas em 1913 e nos anos seguintes não apenas informavam sobre o andamento do projeto, mas construía discursivamente o valor simbólico da homenagem, oferecendo à população uma leitura oficial sobre o significado político, moral e cultural do monumento. Ao apresentar João Lisboa como exemplo de integridade cívica, espírito crítico e compromisso com a causa pública, os jornais engajaram-se na fabricação de uma memória heroica que dialogava diretamente com os ideais republicanos em ascensão.

Um aspecto particularmente expressivo dessas reportagens foi a ênfase dada à escolha do escultor Jean Magrou, artista francês responsável pela obra de grande destaque no Brasil, a imponente escultura de *Dom Pedro I* no Rio de Janeiro.

A menção insistente a esse vínculo não se limitava à celebração da competência técnica do artista, mas revelava um cuidado estratégico com a consagração simbólica da obra. Ao vincular a figura de João Lisboa ao mesmo imaginário monumental que havia glorificado o imperador no centro político do país, pretendia-se elevar o Maranhão ao patamar da representação nacional.

Essa associação, portanto, não era apenas artística, mas carregada de intencionalidade política e simbólica. Tratava-se de afirmar a relevância de São Luís, uma cidade de tradição letrada e intelectual como espaço legítimo de produção de heróis civis, capazes de ocupar lugar ao lado dos grandes nomes da história nacional.

Escolher Jean Magrou era também escolher um estilo escultórico alinhado aos preceitos da tradição neoclássica europeia, que conferia à obra solenidade, sobriedade e monumentalidade adequados à representação de valores republicanos, como o mérito individual, a racionalidade crítica e o compromisso com os objetivos público.

Assim, a presença do artista francês funcionava como uma espécie de selo de autenticidade e distinção simbólica, aproximando o monumento maranhense do repertório oficial de símbolos da República brasileira.

Mais do que uma escultura local, a obra passava a integrar uma rede de representações que procuravam harmonizar a identidade regional à narrativa nacional, promovendo uma memória pública ao mesmo tempo ilustrada, moderna e civilizatória.

A imprensa, ao destacar esse aspecto, reforçava a ideia de que João Lisboa não era apenas um personagem do Maranhão, mas um modelo de intelectual republicano para todo o país, capaz de traduzir em sua trajetória o ideal de cidadania ativa e esclarecida que o novo regime procurava disseminar.

A monumentalização de sua figura, conduzida por um artista consagrado, tornava-se, assim, um gesto deliberado de afirmação cultural, orgulho regional e inserção simbólica no projeto de nação.

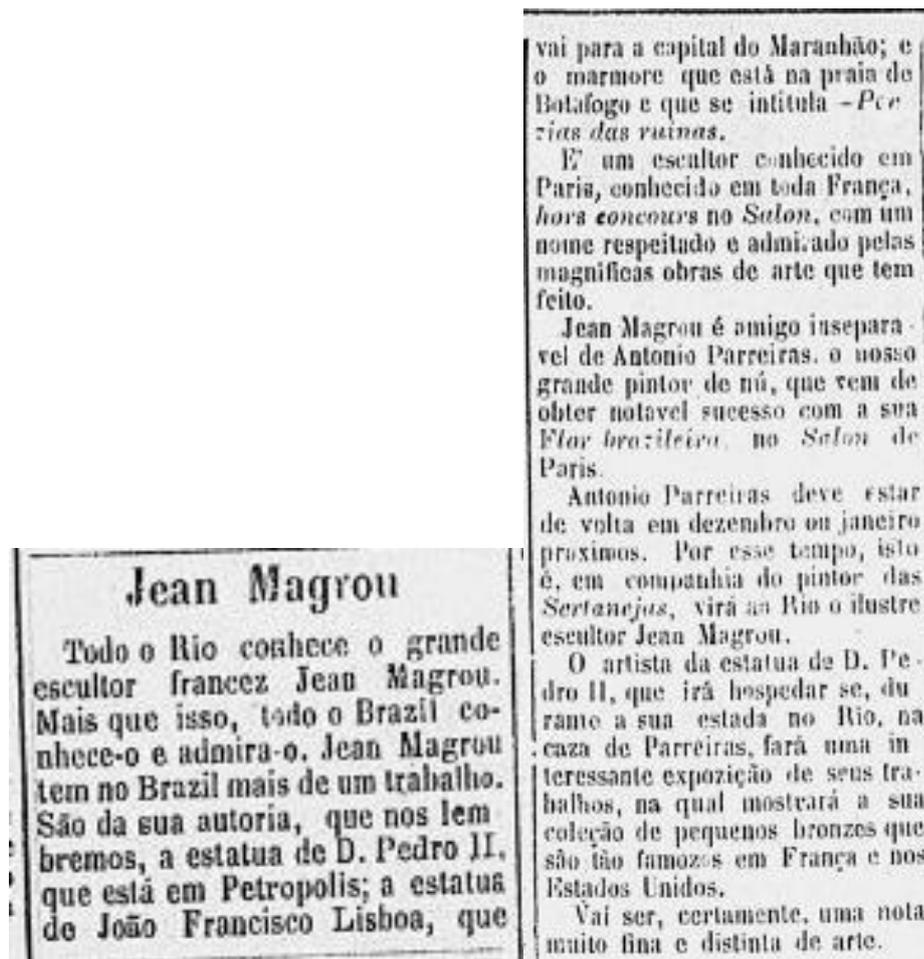


Figura 9: Notícia sobre o escultor Jean Magrou.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil

Desse modo, o monumento a João Lisboa se afirmava como parte de um repertório iconográfico de alcance nacional, operando numa zona simbólica em que a memória local era elevada à condição de patrimônio coletivo da República.

A escolha do artista estrangeiro, Jean Magrou, e o emprego de uma linguagem escultórica de matriz neoclássica, marcada pela sobriedade formal, pelo equilíbrio compositivo e pela idealização contida, contribuíam para inscrever a obra dentro dos códigos visuais da monumentalidade oficial, aproximando-a de outras esculturas de referência espalhadas pelos grandes centros urbanos do país.

Ao fundir a homenagem a um intelectual maranhense com os padrões estéticos da escultura acadêmica europeia, o monumento articulava duas escalas de sentido: de um lado, reafirmava o orgulho regional em torno da figura de João Lisboa, considerado símbolo da erudição local e da imprensa crítica. E do outro lado, inscrevia esse orgulho dentro de uma

plástica legitimada nacional e internacionalmente, capaz de dialogar com os paradigmas de civilização que moldavam o imaginário da Primeira República²⁰.

A obra torna-se, assim, ponto de interseção entre a memória regional e os ideais universais da modernidade ocidental, atuando como elo simbólico entre São Luís e os centros hegemônicos da cultura letrada brasileira.

Ao operar na tríade: arte, memória e mídia; o *Monumento a João Lisboa* não apenas ocupava o espaço urbano como presença física, mas projetava-se como dispositivo discursivo e pedagógico, capaz de moldar identidades, valores e afetos coletivos.

Sua inserção no repertório nacional de símbolos não decorre apenas de sua materialidade, mas da narrativa construída em torno de sua existência. Uma narrativa que articula prestígio artístico, reconhecimento intelectual e afirmação republicana por meio de imagens, palavras e lugares.

Esse enquadramento simbólico permaneceu ativo nas décadas seguintes, como demonstra a matéria do *Diário de São Luís*, de 2 de abril de 1948, que reafirma a relevância do monumento mesmo após transformações no espaço urbano.

O texto jornalístico resgata a figura de João Lisboa como símbolo de continuidade histórica e de resistência intelectual: “A estátua de João Lisboa permanece como farol da inteligência maranhense. Diante dela, gerações aprendem a valorizar o saber crítico e a liberdade de pensamento, virtudes que honram a tradição republicana de nossa terra”. (DIÁRIO DE SÃO LUÍZ, 02 abr. 1948, p. 2)

Essa evocação atesta não apenas a permanência física da escultura, mas sobretudo sua capacidade de reatualizar sentidos e de permanecer como referência simbólica da cultura política local. Mesmo diante da intensificação do trânsito urbano, da descaracterização paisagística e das mudanças de regime político, o monumento se mantém como uma espécie de testemunha da tradição ilustrada maranhense, reiterando sua função formativa na construção da identidade coletiva.

Ao servir como ponto de ancoragem da memória republicana e espaço de evocação do pensamento livre, a escultura atua como instrumento de pedagogia cívica intergeracional, convocando o olhar dos transeuntes a refletir sobre a importância do engajamento intelectual na vida pública. Não se trata apenas de lembrar João Lisboa como figura histórica, mas de

²⁰ Período da história brasileira que vai de 1889 a 1930, marcado pela consolidação da República e pelo uso de símbolos cívicos, como monumentos públicos, para afirmar a nova ordem política.

reafirmar, por meio de sua imagem e da sua recepção contínua, os valores que estruturam a noção de cidadania ativa, crítica e esclarecida.

Assim, o monumento se consolida como um símbolo persistente, cuja eficácia simbólica depende não apenas da escultura em si, mas também da trama discursiva e institucional que a sustentava na imprensa, nos discursos oficiais, das práticas cotidianas de contemplação. Trata-se de um legado em pedra e bronze, mas também em papel, palavra e memória.

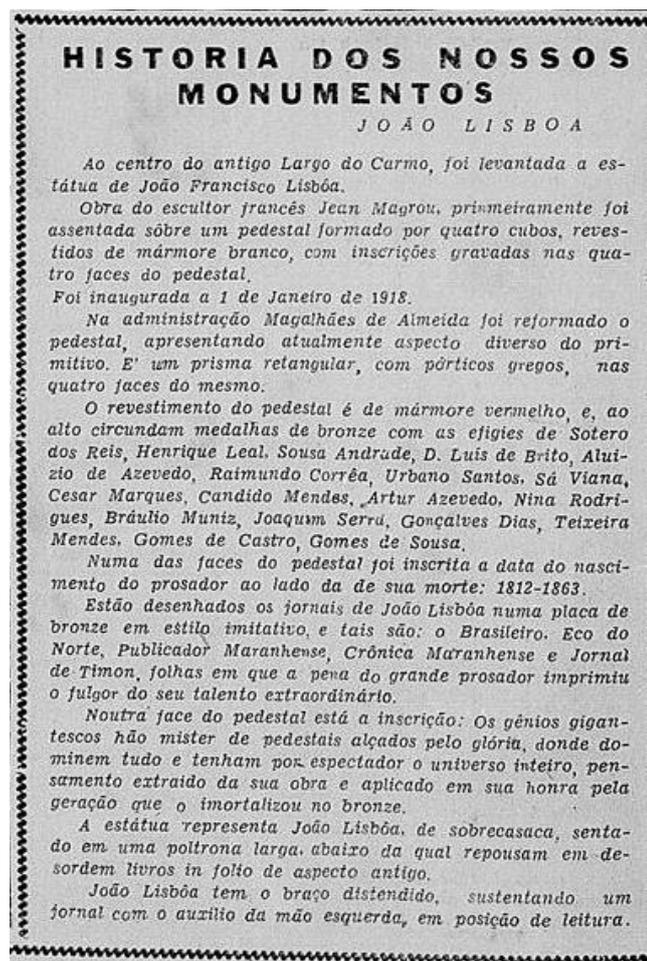


Figura 10: Notícia do jornal *Diário de São Luiz* (1948) exaltação a João Lisboa.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil

Essas fontes históricas reforçam que o monumento a João Lisboa não apenas ocupa um lugar físico privilegiado no tecido urbano de São Luís, mas exerce também um papel ativo e persistente na produção, atualização e legitimação da memória coletiva.

Portanto, não se trata apenas de um objeto fixado na paisagem, mas de um agente simbólico, que participa de forma contínua dos processos sociais de rememoração, distinção e instrução cívica. Sua permanência no espaço público, associada à sua localização em um ponto

de alta visibilidade, fluxo e valor histórico, torna a escultura um dispositivo urbano de significação, por meio do qual a cidade projeta e reproduz suas narrativas identitárias.

A escultura, nesse sentido, não apenas se inscreve na paisagem urbana como um marco isolado, mas se integra organicamente ao tecido histórico do Centro, reforçando a continuidade entre formas arquitetônicas, valores culturais e memória letrada. Sua posição em uma praça ladeada por instituições religiosas, prédios coloniais e centros de poder confere à obra uma dimensão palimpséstica²¹, em que diferentes camadas de sentido: política, plástica, urbana e pedagógica se sobrepõem e se atualizam.

Ao ser constantemente referido por jornais, revistas, guias turísticos e cerimônias públicas, o monumento adquiriu também uma dimensão discursiva, funcionando como elo entre o passado e o presente, entre a história oficial e as práticas de reconhecimento social.

A obra monumentaliza, portanto, não só um indivíduo, mas um projeto de sociedade. A figura sentada, com jornal em mãos, encarna a crítica, a reflexão e o exercício da palavra escrita como formas de ação política. Ao longo do tempo, esse gesto, codificado na forma escultórica, se torna um repositório de significados compartilhados, permitindo que o monumento continue a educar e a comunicar, mesmo em contextos históricos distintos. Sua performance simbólica, ativada por olhares, discursos e práticas urbanas, transforma a escultura em um artefato pedagógico em constante operação.

Desse modo, o *Monumento a João Lisboa* se consolida como testemunho material da articulação entre arte pública, cultura letrada e projeto republicano no Maranhão. Mais do que objeto de contemplação plástica, ele opera como instrumento político-pedagógico que ancora e reativa sentidos de pertencimento, identidade e cidadania no espaço urbano.

Sua materialidade durável, sua centralidade paisagística e sua recorrência nos discursos públicos o legitimam como marco estruturante da memória coletiva, em uma cidade onde a palavra e a razão são celebradas como fundamentos da vida política.

²¹ Palavra que deriva de palimpsesto, que era um pergaminho reaproveitado, no qual ainda se podiam ver marcas do texto antigo. No caso da cidade, o termo é usado para mostrar como um mesmo lugar pode acumular diferentes histórias, usos e significados ao longo do tempo — como se camadas do passado continuassem visíveis no presente.

2.3 O Monumento ao *Almirante Tamandaré* e a Permanência dos Modelos Heroicos na Arte Pública

Erguido em 1990 na Avenida Beira-Mar, em São Luís, o *Monumento ao Almirante Tamandaré* presta homenagem ao patrono da Marinha do Brasil, Joaquim Marques Lisboa²². A escultura é de autoria do artista Eduardo Sereno²³, o mesmo responsável, mais recentemente, pela criação do conjunto escultórico em homenagem aos *Pregoeiros* de São Luís. Essa coincidência autoral permite observar, em sua produção, o trânsito entre diferentes gramáticas da arte pública: da monumentalidade heroica à valorização simbólica do cotidiano.



Figura 11: Visão geral do *Monumento ao Almirante Tamandaré*.
Fonte: Google Imagem.

A obra do *Monumento ao Almirante Tamandaré* foi encomendada pela própria Marinha do Brasil como parte das comemorações alusivas à sua história e identidade institucional. Trata-se de uma iniciativa inserida em um conjunto de homenagens promovidas pela instituição em diferentes capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Belém, onde também

²² Almirante Tamandaré (1807–1897), foi herói da Marinha Imperial e patrono da Marinha do Brasil desde 1925.

²³ Eduardo Sereno é artista visual, cenógrafo e escultor maranhense. Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), desenvolve trabalhos que articulam escultura, cenografia e intervenção urbana. Autor de importantes obras públicas em São Luís, como o Monumento ao Almirante Tamandaré (1990) e o conjunto escultórico dos Pregoeiros (2022), seu trabalho transita entre a exaltação de figuras históricas e a valorização da cultura popular, buscando integrar arte, memória e experiência urbana.

foram instaladas esculturas do patrono da Marinha. Essas representações compartilham não apenas o homenageado, mas também características formais semelhantes, como a postura ereta, o olhar voltado ao horizonte e o uniforme de gala, compondo um repertório visual padronizado que reforça os valores de disciplina, soberania e autoridade militar. Nesse sentido, a escultura de São Luís inscreve-se em uma estratégia nacional de monumentalização, que atualiza no espaço urbano contemporâneo os símbolos históricos e identitários das Forças Armadas.

Essa padronização nas representações evidencia uma prática recorrente da arte pública oficial no Brasil. A escolha do homenageado reafirma uma tradição da escultura pública brasileira: a consagração de figuras militares como representantes do heroísmo, da ordem e da defesa da pátria. Ao celebrar um militar de alta patente, reconhecido nacionalmente por sua atuação em conflitos internos e externos, o monumento reinscreve no espaço urbano contemporâneo a lógica da monumentalidade cívica e da história oficial.

A escultura, executada em bronze e assentada sobre pedestal de granito, representa o almirante em posição ereta, com postura ativa e olhar voltado ao horizonte. O uniforme naval e os emblemas de sua patente reforçam atributos como autoridade, disciplina e honra. A composição adota os cânones da estatuária cívico-militar: verticalidade, simetria formal e sobriedade gestual, elementos estes que buscam transmitir estabilidade, força e reverência.

Esse modelo de representação, consolidado no século XIX, continua sendo mobilizado no final do século XX, como instrumento de afirmação da memória oficial e do orgulho regional.

Ao homenagear uma figura vinculada às Forças Armadas, o monumento atualiza simbolicamente a relação entre poder, história e identidade no espaço público. Como observa Brambilla (2018), “as esculturas públicas funcionam como marcos simbólicos que inserem na paisagem urbana os valores legitimados por determinados grupos sociais, operando como instrumentos de afirmação política e cultural”.

Diferentemente de obras que exploram aspectos afetivos ou cotidianos, como o *Monumento aos Pregoeiros*, a *Escultura de Tamandaré* mantém uma plástica e uma narrativa alinhadas aos valores tradicionais de heroísmo e autoridade.

Nesse sentido, o *Monumento ao Almirante Tamandaré* não apenas celebra uma figura de destaque das Forças Armadas, como também atualiza, no espaço urbano, a lógica da consagração simbólica de personagens alinhados ao ideário oficial da República. Sua presença em uma das principais vias de São Luís, voltada para o mar e exposta à circulação cotidiana, transforma o monumento em um marco de memória pública e em instrumento de pedagogia

cívica silenciosa. Como observa Mário de Souza Chagas (2006, apud DINIZ, 2021), “a relação entre educação e patrimônio está presente nos museus desde longa data”, revelando que a função educativa da memória não se limita às instituições museológicas, mas se estende também às ruas, praças e esculturas, que moldam “os modos de ver e de lembrar” no cotidiano urbano. Assim, o monumento opera como lugar de mediação simbólica entre o passado heroico e o presente coletivo, reiterando a centralidade da arte pública na construção de uma narrativa oficial da história.

2.4 Os *Pregoeiros*²⁴: Celebração da Cultura Popular e da Memória Urbana

Instalado na Praça Nauro Machado em setembro de 2022, o conjunto escultórico em homenagem aos *Pregoeiros* de São Luís representa uma importante iniciativa de valorização da cultura popular no espaço urbano. A autoria das esculturas é do artista Eduardo Sereno, o mesmo que esculpiu, décadas antes, o *Monumento ao Almirante Tamandaré*. Ao contrastar essas duas obras, realizadas pelo mesmo escultor em contextos históricos distintos, é possível perceber uma inflexão significativa em sua abordagem artística: se a primeira obra reforça os modelos heroicos da arte oficial, a segunda privilegia a presença do povo e a memória afetiva do cotidiano urbano.

Produzidas em zirconita, as duas esculturas retratam personagens reais que marcaram o cotidiano do Centro Histórico: a vendedora de pirulitos Corina, com 1,54 m de altura, e o sorveteiro conhecido como “Bem-te-vi”, com 2,60 m de altura incluindo sua caixa de trabalho. A iniciativa foi promovida pela Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH), em parceria com o Instituto Municipal da Paisagem Urbana (IMPUR) e apoio da Fundação Nagib Haickel, com patrocínio da Alumar.

Ao contrário da monumentalidade cívico-militar, que projeta figuras de poder e autoridade em escala monumental e verticalizada; como no caso do Almirante Tamandaré, as esculturas dos *Pregoeiros* se inserem em uma plástica horizontal e afetiva. Trata-se de uma proposta que reconhece e celebra os sujeitos anônimos da história urbana, incorporando à paisagem elementos da vivência cotidiana e da oralidade popular.

²⁴ Conforme observa Carvalho (2021, p. 60), “os pregoeiros e vendedores ambulantes fazem parte do imaginário e da paisagem do Centro Histórico, tendo as ruas como espaço de exposição e venda de seus produtos. Em suas práticas estão envolvidos diversos saberes, expressos nos equipamentos como os carrinhos dos ambulantes ou nos inconfundíveis pregões que anunciam o siri graúdo, a juçara, o ‘ideal’ ou o sorvete de coco vendido pelos pregoeiros.”



Figura 12: *Monumento Pregoeiros*.
Fonte: Prefeitura de São Luís.

O gesto escultórico, neste caso, não consagra o heroísmo militar ou os feitos grandiosos do passado oficial, mas sim a resistência e a permanência de práticas culturais que moldaram o imaginário da cidade.

A escolha da Praça Nauro Machado como local de instalação reforça o caráter simbólico do projeto. Situada no coração do Centro Histórico, a praça é um espaço de circulação, sociabilidade e fruição plástica, e abriga diversas expressões artísticas e culturais. Ao posicionar os *Pregoeiros* em tamanho natural, próximos ao nível do olhar dos transeuntes, a obra propõe uma relação de proximidade e identificação entre arte e público. Diferentemente dos monumentos tradicionais, que muitas vezes operam por meio do distanciamento simbólico, essas esculturas convidam à interação, à memória afetiva e ao reconhecimento coletivo.

Os *Pregoeiros*, personagens típicos das ruas de São Luís desde o período colonial, desempenharam papel fundamental na dinâmica social e econômica da cidade. Com seus cantos característicos e produtos variados: doces, frutas, sorvetes, brinquedos. Eles davam ritmo ao

cotidiano urbano, ocupando espaços públicos com suas vozes e presenças. Ao serem eternizados na paisagem, esses trabalhadores passam a figurar como ícones da memória viva, representando uma dimensão da história que raramente é celebrada em bronze ou pedra.

Essa valorização da cultura popular por meio da arte pública dialoga com uma concepção ampliada de patrimônio, que ultrapassa os marcos institucionais e incorpora práticas, saberes e sujeitos do cotidiano. Como destaca Pierre Nora (1993), a memória coletiva se materializa em lugares de memória que não apenas conservam, mas também atualizam sentidos. Assim, a homenagem aos pregoeiros pode ser entendida como um gesto de resistência simbólica frente à hegemonia da história oficial, promovendo uma pedagogia da presença e da escuta; uma memória encarnada nas vozes das ruas.

A obra, portanto, representa um marco importante na ampliação do repertório escultórico da cidade, ao deslocar o foco da consagração institucional para a celebração do povo. A escultura dos *Pregoeiros* reafirma o papel da arte pública como instrumento de democratização da memória urbana, promovendo visibilidade a personagens que, embora excluídos dos livros oficiais, permanecem vivos na lembrança sensível da cidade.

3. MEMÓRIA ESCULPIDA: A ESCULTURA PÚBLICA COMO DISPOSITIVO DE LEMBRANÇA E REPRESENTAÇÃO

Ao longo do capítulo anterior, observou-se como o acervo escultórico do Centro Histórico de São Luís constitui um repertório simbólico que articula história, identidade e pertencimento. Foram analisadas as motivações políticas, plásticas e culturais que fundamentaram a encomenda e a instalação de esculturas públicas na paisagem urbana da cidade, evidenciando a coexistência de modelos heroicos consagradores e representações mais afetivas e cotidianas.

Neste capítulo, aprofunda-se a investigação por meio da análise plástica, simbólica e interpretativa de quatro esculturas públicas que integram esse acervo de monumento a: *Gonçalves Dias*, *João Lisboa*, *Almirante Tamandaré* e as esculturas dos *Pregoeiros*. Cada obra será abordada individualmente, levando-se em consideração sua linguagem visual, iconografia, materialidade e inserção espacial, bem como os sentidos históricos e pedagógicos que ativa no espaço público.

O objetivo é compreender como essas esculturas atuam como dispositivos de lembrança e representação coletiva, promovendo narrativas sobre a cidade, seus sujeitos e seus valores. Ao articular tradição acadêmica, plástica monumental e memória cultural, essas obras não apenas ocupam o espaço, mas moldam o imaginário social de São Luís.

3.1 Análise plástica e simbólica da escultura de *Gonçalves Dias*

Com 15,5 metros de altura, sendo 2,8 m referente a figura de *Gonçalves Dias*, a escultura foi executada em mármore branco importado e produzida em Lisboa pelo escultor português Pedro Cardoso Quadrio dos Reis²⁵. Seguindo os preceitos da tradição acadêmica europeia do século XIX, essa vertente artística, influenciada pelas academias de belas-artes, valorizava a idealização das figuras, a simetria compositiva e a exaltação de temas cívicos e históricos. Como destaca Fátima Alfredo:

²⁵ As datas de nascimento e falecimento de Pedro Cardoso Quadrio dos Reis não foram localizadas nas fontes consultadas até o momento, o que indica lacuna documental. Sabe-se que era um escultor português ativo em meados do século XIX, matéria-prima em mármore branco produzido em Lisboa — o contexto histórico da obra reforça sua formação acadêmica e atuação dentro das correntes neoclássicas europeias.

“pode-se entrever, no conjunto das obras aqui descritas, uma tendência do artista para conferir às suas esculturas um tratamento que revela sua relação com o movimento romântico que vinha se revelando nos campos das letras e das artes, no Brasil do período oitocentista” (2016, p. 252).

A escolha de um artista europeu e de um material nobre revela a intenção de conferir prestígio simbólico à obra, inserindo-a em um projeto de consagração da memória letrada local. Encomendada pelo governo provincial do Maranhão, a escultura foi concebida como uma homenagem oficial ao poeta, e sua instalação em um espaço central da cidade reforça o papel do monumento como instrumento de valorização da cultura erudita no espaço público.

Contudo, para além do contexto de encomenda e da função comemorativa, é fundamental examinar a linguagem plástica da obra e os recursos visuais mobilizados para compor essa narrativa oficial.

A análise de seus aspectos formais como: postura, iconografia e composição, permite compreender como o monumento traduz visualmente ideais acadêmicos europeus e se articula com a construção da memória cultural no espaço público.

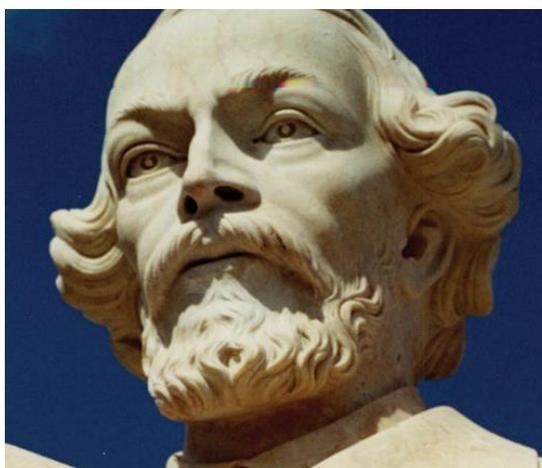


Figura 13: Detalhe do rosto de Gonçalves Dias.
Fonte: Academia Maranhense de Letras.

A escultura na parte frontal de *Gonçalves Dias*, reforça os elementos descritos na análise formal. Observa-se a postura ereta e serena da figura, com o olhar voltado ao horizonte, transmitindo nobreza e contemplação intelectual. O traje clássico, os detalhes no rosto e a proporcionalidade dos membros refletem os ideais de equilíbrio e sobriedade promovidos pelo neoclassicismo.

A elevação do pedestal em relação ao plano do observador intensifica o distanciamento simbólico entre o homenageado e o público, projetando o poeta como figura de reverência. Essa disposição reforça visualmente a intenção de monumentalização da cultura letrada e da identidade regional por meio da forma escultórica.

Na mão esquerda, é possível ver o poeta segurando um rolo de papel, clara referência à sua produção escrita.



Figura 14: Detalhe elemento decorativo (folha de papel) no *Monumento a Gonçalves Dias*.
Fonte: O Imparcial

Esses elementos funcionam como códigos visuais que comunicam o pertencimento do homenageado ao campo das artes e das letras. Trata-se de uma construção iconográfica consciente, que busca consagrar o poeta não apenas como indivíduo, mas como emblema da cultura nacional.

A obra, portanto, opera como um sistema de signos visuais e simbólicos que, ao ser interpretado pelo olhar do público, articula múltiplas camadas de significação. Cada elemento formal, como a postura, a escolha dos materiais, da simetria da composição à inscrição laudatória é carregado de intencionalidade, compondo um discurso visual que reforça um ideal de intelectualidade cultivado pela elite oitocentista.



Figura 15: Inscrição laudatória do *Monumento a Gonçalves Dias*: “Os Brasileiros a Antônio Gonçalves Dias Homenagem ao Gênio Poético”.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa intelectualidade está diretamente ligada à construção de uma identidade nacional. Que, no contexto do século XIX, buscava alicerçar-se em valores como erudição, moralidade, sentimento patriótico e produção cultural letrada.

A *escultura de Gonçalves Dias*, nesse sentido, não se limita à representação de um indivíduo ilustre: ela consagra, na paisagem urbana, um modelo ideal de sujeito nacional, sensível, culto e portador da memória coletiva.

O poeta é transformado em símbolo visual de um Brasil letrado e romântico, em que a literatura se torna ferramenta de construção do espírito nacional. O monumento, assim, funciona como um dispositivo pedagógico que educa o olhar e conforma o imaginário coletivo, ao fixar no espaço urbano a figura de um intelectual que encarna os anseios da elite cultural por reconhecimento e permanência simbólica.



Figura 16: Detalhes elementos decorativos (Lira e máscara) no *Monumento a Gonçalves Dias*.

Fonte: Arquivo pessoal.

Na figura 16, observamos os elementos decorativos esculpidos na base do monumento, entre eles a dois símbolos consagrados da tradição clássica ocidental. A lira, frequentemente associada à figura de Apolo, deus grego das artes e da harmonia, representa a música e a poesia lírica, sugerindo o dom da inspiração e a delicadeza da expressão poética. Já a máscara teatral, oriunda do teatro grego, simboliza tanto o drama quanto a performance, remetendo à dimensão trágica e expressiva da condição humana. Juntos, esses emblemas não apenas reforçam o caráter artístico da obra, mas constroem uma iconografia que inscreve Gonçalves Dias como um dos grandes homens das letras.

Esses ornamentos visuais não cumprem uma função meramente plástica; ao contrário, operam como ícones discursivos que comunicam a identidade simbólica do homenageado ao observador. Funcionam como marcadores culturais codificados, reconhecíveis mesmo por um público leigo, que é convidado a associar a figura de Gonçalves Dias à tradição literária universal e ao papel civilizatório das artes.

Por meio desses elementos, a escultura reafirma sua intenção pedagógica e celebratória: o monumento não apenas homenageia o poeta, mas o canoniza visualmente como expoente máximo da sensibilidade nacional.

A presença desses símbolos também revela a influência do repertório visual neoclássico que dominava as academias de belas-artes no século XIX, reforçando o desejo de inscrever a cultura brasileira em uma genealogia ocidentalizada de prestígio artístico.

Além da figura principal, a estrutura da base do *Monumento a Gonçalves Dias* merece atenção especial por sua riqueza compositiva e densidade simbólica.

Esculpida em mármore branco, distribuída em três níveis distintos, a base funciona como um pedestal narrativo que conduz o olhar do observador em um percurso vertical, tanto físico quanto metafórico. Essa gradação arquitetônica não apenas eleva o corpo do homenageado em relação ao espaço urbano, mas também sugere uma trajetória simbólica que parte da coletividade intelectual, atravessa a identidade poética nacional e culmina na exaltação do gênio individual. Trata-se de uma composição que articula, de maneira integrada, valores estéticos e pedagógicos.

Na parte inferior, encontram-se esculpidas quatro imagens que representam figuras ilustres da cultura e da história local: Joaquim Gomes de Souza (1829-1864)²⁶, João Lisboa

²⁶ Destacou-se como matemático, físico e engenheiro maranhense. É reconhecido como um dos primeiros brasileiros a se destacar internacionalmente na área das ciências exatas, sendo autor de obras de álgebra, cálculo e astronomia.

(1812-1863), Odorico Mendes (1799-1864)²⁷, Sotero dos Reis (1827-1901)²⁸. Essas personalidades foram destaques na história intelectual do Maranhão e do Brasil.

A disposição dessas efigies nos cantos do pedestal não é meramente ornamental, mas profundamente simbólica. Elas funcionam como sentinelas da memória, posicionadas para sustentar visual e metaforicamente a figura de Gonçalves Dias no topo, conferindo-lhe respaldo histórico e legitimidade cultural.

Essa galeria de rostos esculpidos evoca uma ideia de linhagem intelectual, em que o poeta homenageado é apresentado não como um gênio isolado, mas como parte de uma constelação de pensadores que, juntos, forjaram os pilares do pensamento ilustrado, da literatura nacional e da identidade maranhense daquele período.

Cada um dos personagens representados desempenhou papel fundamental na difusão do saber, da crítica social e da valorização da língua e da história brasileira, compondo um panteão laico de fundadores simbólicos da cultura letrada regional e nacional.

Esteticamente, a escolha pelo alto-relevo confere a essas figuras um tratamento nobre, com destaque visual suficiente para garantir sua presença ativa na leitura do monumento. Os rostos esculpidos mantêm expressões sóbrias e serenas, seguindo o padrão neoclássico da contenção emocional, o que reforça a ideia de autoridade moral e intelectual.

²⁷ Atuou como poeta, tradutor e político maranhense. Ganhou notoriedade por suas traduções clássicas de Homero e Virgílio para a língua portuguesa, sendo um dos pioneiros na nacionalização da cultura letrada no Brasil Império.

²⁸ Exerceu os papéis de filólogo, poeta, educador e político. Reconhecido por suas contribuições à gramática da língua portuguesa e pelo engajamento com a educação, teve atuação destacada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na defesa da instrução pública no século XIX.



Figura 17: Representação em relevo dos rostos de João Lisboa e Joaquim Gomes de Souza.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 18: Representação em relevo dos rostos de Sotero dos Reis e Odorico Mendes.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A posição nos cantos da base também sugere uma dimensão estrutural e fundacional: são esses nomes que "sustentam" a elevação de Gonçalves Dias, tanto no sentido físico quanto simbólico. Ao reunir esses vultos históricos em torno do poeta, a escultura constrói uma narrativa visual que consagra o Maranhão como berço de uma elite letrada nacional, responsável pela consolidação de um projeto cultural autônomo, refinado e voltado à formação de um Brasil moderno. Trata-se, assim, de um gesto de monumentalização coletiva, em que Gonçalves Dias é o vértice visível de um conjunto mais amplo de forças intelectuais que moldaram a sensibilidade nacional.

Essa composição também serve como dispositivo pedagógico, orientando o espectador a reconhecer naqueles rostos a herança cultural que deve ser preservada e continuada. Ao associar o homenageado a uma genealogia de escritores, matemáticos, filósofos e críticos, o monumento reafirma a centralidade do conhecimento como fundamento da nação. É uma arquitetura simbólica que propõe um mapa da memória intelectual, no qual a arte pública atua como mediadora entre o passado e o presente.



Figura 19: Ornamentação com folhas estilizadas de palmeira.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A parte intermediária da base é ornamentada com folhas estilizadas de palmeira. Essa decoração vegetal não foi escolhida ao acaso. Ela estabelece uma ponte visual e poética com o verso mais célebre da literatura de Gonçalves Dias, extraído do poema *Canção do Exílio*, especificamente do trecho: “Minha terá tem palmeiras, onde canta o sabiá”. Ao evocar esse trecho, a ornamentação transforma-se em uma imagem plástica da memória literária, inscrevendo diretamente na escultura os signos do lirismo nacionalista do autor.

A palmeira, nesse contexto, funciona como símbolo da pátria idealizada, da natureza tropical exuberante e da saudade da terra natal, temas centrais na construção da identidade poética de Gonçalves Dias. Ao ser incorporada como elemento ornamental, ela transcende sua função decorativa e adquire um papel estruturante na narrativa simbólica da obra. É como se a própria matéria poética se tornasse pedra esculpida, integrando lirismo e forma em uma única linguagem plástica.

Além disso, o uso da palmeira como motivo decorativo estabelece uma relação orgânica entre o pedestal e a figura do poeta. A vegetação que brota da base sugere um movimento ascensional natural, como se a poesia, enraizada na terra, na memória e na identidade brasileira nutrisse a elevação simbólica de Gonçalves Dias. Essa solução plástica reforça a ideia de que a poesia está na base da elevação moral e cultural do homenageado, tanto no plano literal quanto metafórico.

Formalmente, as folhas estilizadas são tratadas com elegância, alinhando-se à tradição ornamental neoclássica que valoriza o refinamento e a harmonia visual. No entanto, sua carga semântica transcende o código decorativo europeu e reafirma um imaginário nacional, tropical e afetivo.

O pedestal torna-se, assim, mais do que um suporte físico: converte-se em um solo simbólico, do qual brota a figura do poeta como expressão máxima da cultura letrada brasileira.

Ao transformar o poema em ornamento e o ornamento em signo, a escultura estabelece um elo indissociável entre palavra e forma, literatura e monumento.

A presença da palmeira esculpida não apenas recorda o poema imortal, mas ancora a escultura no coração da brasilidade romântica, consolidando a obra como um artefato da memória coletiva.

Por fim, a parte superior da base sustenta a figura de Gonçalves Dias em postura ereta e serena, com o olhar voltado ao horizonte, gesto que sugere introspecção, idealismo e projeção de futuro. Essa colocação estratégica no topo do pedestal cumpre um papel fundamental no conjunto escultórico. Coroa o percurso simbólico ascensional da obra, conduzindo o olhar do

observador desde os fundamentos coletivos da cultura local até a consagração individual de seu maior representante poético.

A escultura alinha-se aos princípios da tradição neoclássica, tanto em sua clareza formal quanto na contenção expressiva. A verticalidade da figura, combinada à ausência de gestos dramáticos, privilegia a dignidade serena e a nobreza moral, traços fundamentais da iconografia cívica oitocentista.

O equilíbrio compositivo entre figura e base revela não apenas domínio técnico, mas também um rigor simbólico; Gonçalves Dias é representado como o vértice de um edifício de valores, alicerçado em sua própria produção plástica e nos pilares intelectuais que o antecedem e o cercam.

A disposição do corpo escultórico sobre uma base tão carregada de signos: rostos ilustres, folhas de palmeira, inscrições não são arbitrária. Ao contrário, ela sintetiza e conclui a narrativa visual do monumento. A trajetória simbólica parte do coletivo a partir da galeria de figuras históricas, atravessa o território do imaginário poético que é representado pelos elementos naturais e literários e culmina na elevação do indivíduo cuja obra encarna, de forma exemplar, os ideais de nacionalidade, sensibilidade e erudição.

A escultura não é, portanto, uma simples representação corporal de Gonçalves Dias. Ela age como síntese visual de um projeto cultural, em que o poeta surge não apenas como autor de versos, mas como símbolo monumentalizado da identidade brasileira em formação. Sua colocação no ápice do conjunto reafirma o lugar privilegiado das artes e das letras na construção da memória nacional; um papel que não se limita ao passado, mas continua a operar simbolicamente na paisagem urbana contemporânea.

Os elementos da base, nesse contexto, não devem ser vistos como adornos periféricos, mas como partes constitutivas de uma iconografia planejada que articula forma e conteúdo, plástica e ideologia. O monumento afirma, com clareza, que a grandeza intelectual não se ergue no vazio: ela é sustentada por uma tradição de saber, sensibilidade e pertencimento cultural. Ao inscrever o corpo de Gonçalves Dias acima do nível do observador, o monumento não apenas o exalta, mas propõe uma pedagogia visual da cidadania ilustrada; aquela que se funda na cultura, no pensamento e na palavra.

3.2 Análise plástica e simbólica da escultura de *João Lisboa*

A escultura de *João Lisboa* destaca-se por sua composição singular no contexto da arte pública brasileira, ao romper deliberadamente com os modelos heroicos oitocentistas baseados na verticalidade, na ação física e na exaltação militar.

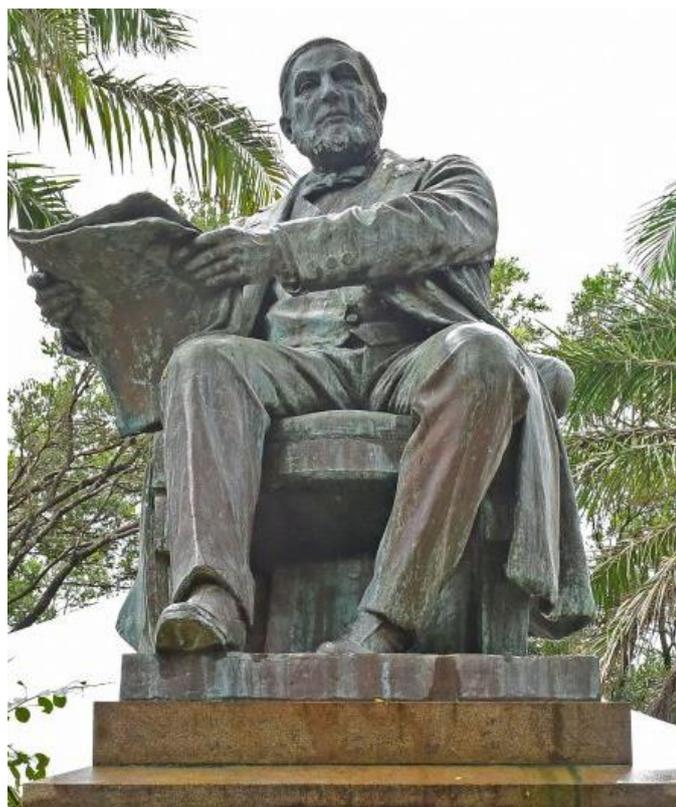


Figura 20: *Monumento a João Lisboa*
Fonte: O Imparcial

A serenidade da pose e os traços faciais remetem à imagem clássica do filósofo ou do letrado republicano, cuja força reside na capacidade de transformar o mundo pela linguagem escrita.

Ao representar João Lisboa de modo proporcional, realista e sem adornos, a escultura enfatiza que sua autoridade provém do mérito intelectual e da integridade cívica, e não de atributos aristocráticos. A palavra impressa torna-se aqui uma arma simbólica do cidadão crítico, substituindo a tradicional espada dos heróis militares. Jean Magrou constrói, assim, uma iconografia alternativa, em que a introspecção e a racionalidade ocupam o centro da representação.

Essa escolha plástica propõe um modelo simbólico de cidadania alinhado aos princípios da modernidade republicana. A escultura celebra o pensamento como forma de ação e reafirma a razão, a ética pública e a cultura letrada como fundamentos da nova sociedade. Sua monumentalidade não está nos gestos heroicos, mas na imagem de um corpo sereno, que lê, pensa e vigia. A postura ereta (mesmo estando sentado) e os braços em leve tensão, revelam prontidão intelectual e sugerem que a verdadeira ação política nasce da crítica e da escuta ativa.

Essa ideia de "atenção vigilante" torna-se ainda mais evidente quando comparada à figura contemplativa e heroica de *Benedito Leite*²⁹, por exemplo. Enquanto este encarna o político em posição de comando; João Lisboa simboliza o intelectual que vigia o poder por meio da escrita. A singularidade da escultura está no equilíbrio entre serenidade e prontidão, antecipando o ideal moderno de cidadania republicana; que é o sujeito esclarecido, cuja participação na vida pública se funda na reflexão crítica e na ética da razão.

Embora ambas as obras compartilhem o contexto de consolidação da República, elas divergem quanto ao modelo de cidadania que consagram. *Benedito Leite* é representado de pé, com postura ativa e documentos em mãos, como símbolo do poder executivo e do progresso material. Já *João Lisboa*, em posição sentada, expressa uma força baseada no pensamento e no engajamento ético. Juntas, as duas esculturas compõem um duplo simbólico: de um lado, a ação governamental; de outro, a crítica ilustrada, pilares do ideário republicano.

Do ponto de vista técnico, a escultura de *João Lisboa* foi moldada em bronze fundido, material nobre e amplamente utilizado em monumentos públicos por sua resistência à corrosão e por sua durabilidade histórica.

O bronze, ao unir solidez física e apelo estético, imprime à obra uma aparência sóbria, densa e perene, adequada à finalidade de preservar ideais e figuras no imaginário coletivo. Sua superfície escura e polida reforça uma atmosfera de respeito e solenidade, convidando à contemplação silenciosa e reverente. Como destaca Roberto Lobato Corrêa (2018, p. 230), “os monumentos, fixos e duráveis, construídos, sobretudo com bronze, mármore ou granito, congelam ideais e valores no espaço”. A escolha desse material, portanto, não é apenas funcional, mas carrega uma intencionalidade simbólica: fixar a memória de João Lisboa como um legado estável no tempo e no espaço da cidade.

O primeiro pedestal da escultura, foi construído em granito polido, que contribuiu para articulação entre forma, permanência e hierarquia simbólica. Sua disposição em múltiplos

²⁹ Benedito Leite (1857–1909) foi político, advogado e jornalista maranhense. Ocupou cargos como deputado, senador e governador do Maranhão, sendo lembrado por sua atuação em favor da educação e da modernização do estado durante a Primeira República.

níveis não apenas sustentava a escultura fisicamente, mas também elevava metaforicamente o homenageado, criando uma gradação visual que conduzia o olhar do espectador do chão da vida cotidiana ao plano da memória pública e do ideal cívico. Essa ascensão em degraus atuava como um dispositivo simbólico que separava, mas também ligava, o espaço dos vivos à imagem do intelectual consagrado. O fato de o pedestal ostentar a inscrição da Academia Maranhense de Letras reforçava a legitimação institucional da homenagem, vinculando o monumento à tradição letrada e ao reconhecimento das elites culturais locais.

Esteticamente, a escultura se insere em uma visualidade republicana própria do início do século XX, marcada por uma recusa deliberada ao *pathos* dramático do romantismo anterior. Diferente das poses exaltadas e dos adereços heroicos típicos do século XIX, a escultura de *João Lisboa* adota uma linguagem formal austera e contida, que se harmoniza com os princípios republicanos de sobriedade, moralidade pública e racionalidade. Como observa Wesley dos Santos Lima (2021, p. 65), “a escultura pública do período republicano reflete uma plástica de contenção e sobriedade, alinhada aos ideais de racionalidade e ordem que marcam o projeto civilizatório moderno”. Nesse sentido, tanto os materiais quanto a composição reforçam um modelo estético que privilegia o equilíbrio, a introspecção e a autoridade simbólica fundada no saber, e não no gesto heroico.

Trata-se portanto, de uma ruptura significativa com o monumentalismo do período que consagrava o corpo em posição de comando, a espada erguida ou o braço apontando ao horizonte como signos da ação transformadora. A escultura de *João Lisboa*, ao contrário, mobiliza uma outra pedagogia visual: aquela que valoriza o silêncio reflexivo, a postura retilínea, o olhar atento e o gesto contido como dispositivos de representação de uma cidadania ética, racional e crítica.

A postura sentada de João Lisboa, o jornal em mãos e o olhar lançado ao infinito, tudo converge para a construção de um *ethos* voltado à reflexão e à elaboração pública de ideias. O jornal adquire um valor alegórico, funcionando como metáfora da trajetória intelectual do homenageado, que foi jornalista e fundador do *Jornal de Timon*. É também metáfora do espaço público moderno, no qual a imprensa figura como arena de disputa simbólica e instrumento da crítica democrática.

Essa leitura simbólica é corroborada por matéria publicada no jornal *Diário de São Luiz*, em 1948, que afirma que o escultor Jean Magrou optou por representar *João Lisboa* sentado, com jornal na mão, como se estivesse lendo uma notícia importante. O jornal, nesse contexto,

não é apenas acessório biográfico, mas signo de uma prática política da palavra: o intelectual como agente vigilante da esfera pública.

Assim, a escultura estabelece um elo entre a memória cultural da cidade e sua dinâmica cotidiana. Sua presença material, no fluxo dos transeuntes e na paisagem tombada pelo IPHAN, transforma o monumento em marco simbólico da paisagem urbana. Ele não apenas compõe o cenário, mas interfere nele como ponto de pausa e reflexão.

O corpo esculpido, embora fixo, interage com o movimento da cidade. A escultura convoca o transeunte a interromper seu ritmo, a contemplar, a pensar. Ela propõe uma pedagogia do olhar urbano: ao erguer a vista para a figura de João Lisboa, o cidadão é convidado a refletir sobre o papel da razão e da crítica na construção da vida pública. Nesse sentido, o monumento opera como lugar simbólico de escuta e memória, contraponto à velocidade e ao ruído do cotidiano.

Assim, a escultura de *João Lisboa* não se limita a prestar tributo a um personagem histórico. Ela encarna uma concepção moderna de cidadania e se afirma como artefato de memória crítica. Sua imagem serena, atenta e letrada é uma convocação silenciosa à formação de uma consciência pública esclarecida. É, ao mesmo tempo, documento histórico e projeto político, que continua a educar pela forma, pelo lugar e pelos valores que inscreve no espaço urbano.

O monumento, portanto, não celebra um herói épico ou um mártir guerreiro. Celebra, sim, o cidadão letrado, o intelectual público, o crítico da ordem, que utiliza a palavra como ferramenta de emancipação. É, nesse aspecto, um gesto simbólico que desloca o centro de gravidade da monumentalidade do corpo para a mente; do gesto físico para a potência da linguagem escrita. Tal escolha reafirma uma pedagogia do pensamento como forma de intervenção no mundo.

Contudo, a recepção desse gesto simbólico nem sempre foi pacífica. Antes mesmo de sua inauguração oficial, a escultura de João Lisboa foi alvo de vandalismo, conforme noticiado pelo jornal *Pacotilha*, em sua edição de 29 de dezembro de 1917.

O episódio evidencia que os monumentos públicos, embora construídos com intenções celebratórias e pedagógicas, estão sujeitos a múltiplas leituras e tensões sociais. A depredação da obra pode ter origem em diferentes fatores: desde a ausência de políticas de educação patrimonial até reações inconscientes ou deliberadas a uma representação simbólica que, para parte da população, pode remeter ao poder estatal, à exclusão social ou à imposição de narrativas oficiais.

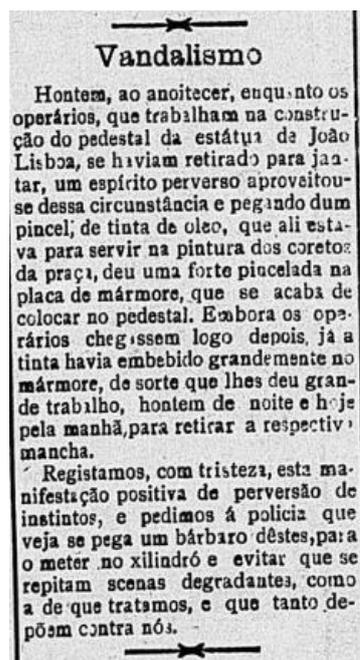


Figura 21: Notícia sobre ato de vandalismo no *Monumento a João Lisboa*, publicado antes da inauguração oficial.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil

Essa tensão revela o caráter ambivalente da escultura pública, que tanto pode operar como instrumento de pertencimento e celebração quanto como alvo de resistência ou contestação. O vandalismo, nesse sentido, pode ser lido não apenas como ato de destruição, mas como sintoma de disputas simbólicas em torno da memória coletiva, da ocupação dos espaços urbanos e do papel das instituições na mediação dessas representações. A escultura de *João Lisboa*, ao se tornar objeto de tal conflito, reafirma sua potência como dispositivo simbólico ativo, cuja presença no espaço urbano continua a suscitar reações, afetos e dissensos.



Figura 22: Vandalismo no *Monumento a João Lisboa*, atualmente.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Desse modo, a escultura de João Lisboa transcende sua função comemorativa, consolidando-se como um dispositivo complexo de memória, crítica e pertencimento. Sua presença na paisagem urbana de São Luís continua a interpelar o olhar público, acionando debates sobre identidade, cidadania e o papel da arte na vida coletiva. Ao reunir densidade simbólica, sofisticação formal e disputas de sentido, a obra reafirma sua centralidade no acervo escultórico público da cidade.

3.3 Análise plástica e simbólica da *Escultura do Almirante Tamandaré*

A escultura do *Almirante Tamandaré* apresenta uma composição formal marcada pela verticalidade, pelo isolamento monumental. A figura do militar, modelada em bronze escuro, ergue-se sobre um pedestal maciço de granito polido, com linhas retas e ângulos firmes, que ampliam sua imponência diante da paisagem fluvial.

A posição ereta do homenageado, com olhar lançado ao horizonte e braços repousando sobre o sabre, transmite uma imagem de vigilância, honra e autoridade. Trata-se de uma representação que retoma os códigos clássicos da estatuária cívico-militar, em que a contenção gestual e a sobriedade formal reforçam os ideais de disciplina, estabilidade e permanência. Conforme relata o artista Eduardo Sereno:

A posição do Almirante ereto, braços sobre o sabre, olhando para frente não é apenas estética. É uma postura que carrega um símbolo de disciplina, vigilância, respeito. É uma linguagem mais clássica, mais formal, típica das homenagens cívicas, onde o gesto contido fala mais alto do que qualquer exuberância. (informação verbal)³⁰

Esteticamente, a escultura adota uma linguagem figurativa tradicional, condizente com a iconografia militar do século XIX. O uniforme minuciosamente representado, os emblemas da Marinha e o rigor anatômico da obra conferem-lhe um caráter de verossimilhança histórica e de consagração oficial.

A escolha pelo bronze como material, associado historicamente à durabilidade, à nobreza e ao prestígio, reforça a intenção de eternizar simbolicamente a figura de Tamandaré no espaço urbano de São Luís. O bronze, por suas qualidades de resistência e sua tradição na estatuária oficial, contribui não apenas para a preservação física da obra, mas também para sua projeção como signo de autoridade e reverência. Ao ser utilizado em esculturas de personagens ilustres, o material transcende o aspecto técnico e assume um papel simbólico na construção da memória monumental.

Essa leitura plástica, no entanto, não pode ser dissociada das intenções simbólicas e políticas que a escultura carrega. Nesse sentido, a obra reafirma a persistência de convenções plásticas vinculadas à representação do poder no imaginário coletivo. Como destaca Wesley dos Santos Lima (2021, *apud* DINIZ, 2021), “a estética modernista ampliou as possibilidades expressivas da escultura pública, mas os modelos clássicos continuam sendo mobilizados para

³⁰ Entrevista realizada pela autora com Eduardo Sereno, por áudio via WhatsApp, realizada em São Luís, em julho de 2025.

celebrar figuras vinculadas ao poder oficial”. A escultura do *Almirante Tamandaré* confirma essa dinâmica ao retomar elementos formais clássicos, como a simetria, a verticalidade e a postura solene, para reafirmar ideais de disciplina, ordem e patriotismo. A permanência desses códigos revela uma resistência à experimentação plástica quando se trata da celebração de figuras ligadas ao Estado e às Forças Armadas, indicando que, embora a arte pública contemporânea explore novas linguagens, o paradigma heroico-acadêmico ainda domina os projetos de representação oficial.

Essa escolha formal e material, portanto, não é neutra: está imersa em um campo simbólico onde a plástica opera como extensão do discurso político. Como observa Vasconcelos (2007), “os monumentos públicos são produzidos por sujeitos sociais historicamente situados e, nesse sentido, traduzem intencionalidades, escolhas plásticas e políticas que revelam os valores que se pretende eternizar”. A obra em questão, ao adotar o bronze e os cânones formais do heroísmo oitocentista, reafirma um modelo de representação estatal que privilegia a ordem, a autoridade e a consagração de figuras masculinas ligadas ao poder militar.

Como destaca Brambilla (2018), tais esculturas produzem sentidos duradouros ao transformar o espaço público em lugar de evocação institucional. Nesse contexto, a linguagem clássica da obra, longe de ser mera escolha plástica, torna-se um veículo de legitimação da memória oficial, articulando material, forma e localização como um conjunto orientado à pedagogia cívica. A sobriedade da escultura, a nobreza de seus materiais e a solenidade de sua postura consolidam sua inserção em uma tradição monumental que não promove o debate, mas cristaliza um ideal histórico homogêneo, centrado na exaltação da autoridade estatal.

Além dos aspectos formais e materiais, é fundamental considerar o modo como o monumento se insere na paisagem urbana e dialoga com seu entorno imediato. A escultura não atua isoladamente, sua força simbólica se amplifica a partir da relação que estabelece com o espaço que ocupa. Nesse sentido, o local de implantação da obra contribui para reforçar seus significados e ampliar sua potência comunicativa no tecido urbano.

Simbolicamente, o monumento estabelece múltiplas camadas de sentido. Sua localização à beira-mar, voltada para a Baía de São Marcos e próxima a uma área residencial da Marinha, evoca diretamente a identidade naval do homenageado, inscrevendo sua memória no próprio cenário que remete ao poder marítimo e à defesa do território nacional. Trata-se de uma ambientação altamente significativa, uma vez que Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré, dedicou sua vida às expedições navais, à proteção das fronteiras marítimas e à

consolidação da soberania nacional pelas vias oceânicas. No entanto, há um elemento que se destaca por sua aparente contradição; a escultura está orientada de costas para o mar.

Esse detalhe, longe de ser irrelevante, levanta questões interpretativas sobre o modo como a memória oficial é configurada no espaço urbano. O fato de um herói naval, cuja identidade está intrinsecamente ligada às águas, ser representado de costas para o mar pode ser visto como uma ruptura simbólica com sua origem. Ao voltar-se para a cidade, o monumento parece priorizar o vínculo com o espaço cívico, voltando seu olhar não ao horizonte marítimo, mas à malha urbana e à coletividade social que o contempla. Essa inversão espacial pode ser lida como uma tentativa de deslocar o foco da ação para a contemplação, do mar para a pátria, da biografia particular para a representação pública. O escultor da obra, esclarece que essa decisão foi tomada de forma consciente, em diálogo com a Marinha:

A escultura está voltada de costas para o mar. Isso foi pensado, discutido com a Marinha. A ideia era mostrar que ele já cumpriu sua missão no mar, e agora olha para a cidade, para o povo. É um gesto simbólico: ele se volta para proteger a cidade, não mais como guerreiro do mar, mas como guardião da memória coletiva. (informação verbal)³¹

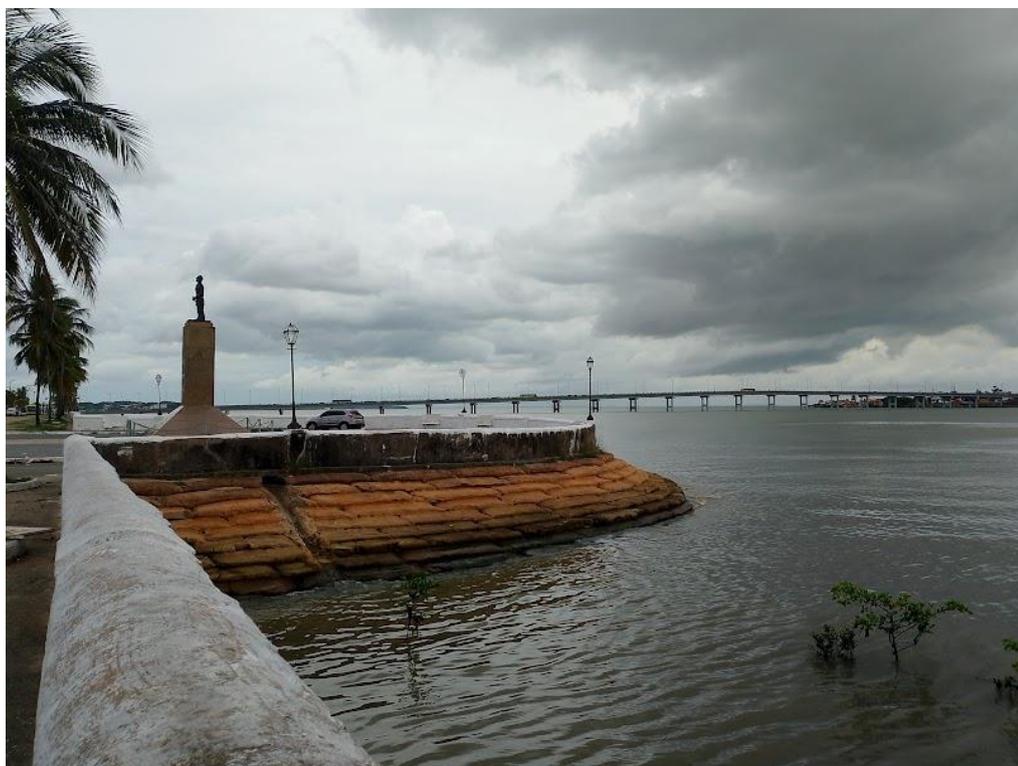


Figura 23: *Monumento ao Almirante Tamandaré*.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

³¹ Entrevista realizada pela autora com Eduardo Sereno, por áudio via WhatsApp, realizada em São Luís, em julho de 2025.

Como propõe Pierre Nora (1993), “os lugares de memória se constroem justamente nas fissuras da experiência vivida, nos deslocamentos entre o que foi e o que se quer lembrar”. Assim, a orientação do monumento pode indicar que a escultura não celebra apenas o homem do mar, mas o símbolo nacional, o representante da ordem e da hierarquia que agora se volta para a cidade como guardião da memória e da autoridade republicana. A escultura, portanto, não apenas representa o Almirante Tamandaré, mas o reinscreve em uma nova narrativa espacial e política.

Essa inversão simbólica, a figura do almirante voltada para a cidade e não para o mar, antecipa a função didática e representativa que o monumento assume no espaço urbano. Mais do que evocar a trajetória naval de Tamandaré, a escultura se posiciona como um mediador entre a memória individual e a pedagogia coletiva, comunicando valores que extrapolam a biografia do homenageado. A própria disposição da obra, aliada à sua monumentalidade e à sua visibilidade estratégica, prepara o observador para a leitura da narrativa inscrita no pedestal. É nesse ponto que a inscrição em bronze desempenha papel fundamental: ela não apenas informa, mas orienta a interpretação da figura representada, enquadrando sua imagem em uma moldura heroica e institucional.



Figura 24: Placa informativa sobre Almirante Tamandaré..
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

A placa de bronze fixada no pedestal explicita a narrativa heroica construída em torno da figura de Joaquim Marques Lisboa, ressaltando seus feitos e sua dedicação à pátria, o que contribui para reforçar a função educativa e cívica da obra. Nesse sentido, como observa Nora (1993), “os lugares de memória surgem quando os ambientes de memória desaparecem”, sendo os monumentos formas materiais de cristalizar a história e transmiti-la como verdade consensual e legitimada.

Além disso, o isolamento físico da escultura em uma base elevada, cercada por correntes metálicas e afastada do fluxo direto dos pedestres, acentua seu caráter solene e hierarquizado. A elevação do pedestal não apenas confere destaque visual à figura representada, mas também institui uma barreira simbólica entre o monumento e a vida cotidiana da cidade. Esse distanciamento espacial funciona como estratégia de sacralização da imagem, remetendo à tradição de separar o que é ordinário do que se quer consagrar. A escultura, nesse contexto, assume uma função quase ritualística: ao ser colocada fora do alcance imediato, ela não é apenas vista, ela é reverenciada.



Figura 25: *Monumento ao Almirante Tamandaré.*
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Essa separação entre o observador e a obra não se dá apenas em termos físicos, mas também em termos semânticos: há um deslocamento da escultura do campo do diálogo para o

campo da contemplação solene. Como sintetiza Brambilla (2018), “ao isolar determinados personagens no espaço público, a arte monumental opera como tecnologia simbólica de poder”. No caso do *Monumento ao Almirante Tamandaré*, essa lógica é plenamente ativada: a obra reafirma a monumentalidade cívica não como simples ornamentação urbana, mas como mecanismo de legitimação de discursos hegemônicos, nos quais a autoridade, o heroísmo e a ordem são performados e perpetuados. A esse respeito, o escultor reflete: “Ela está num ponto em que se destaca, mas não está acessível ao toque. Está num lugar de contemplação. Essa distância marca a solenidade, faz com que a obra não seja só observada, mas reverenciada.”

Por fim, essa leitura se alinha à reflexão de Vasconcelos (2007), ao apontar que a escultura pública atua como mediadora entre a paisagem urbana e os discursos de pertencimento, sendo “um espaço privilegiado para a disputa dos sentidos da história e da memória”. A escultura do *Almirante Tamandaré*, ao ocupar um local estratégico de São Luís com imponência e solenidade, contribui para a construção de uma memória nacional pautada na valorização das Forças Armadas e dos ideais de civismo, autoridade e soberania.

Dessa forma, o *Monumento ao Almirante Tamandaré* evidencia como a escultura pública ainda que opera, no contexto urbano contemporâneo, como um dispositivo de monumentalização da história oficial, reiterando modelos heroicos forjados no imaginário republicano e associados à autoridade, à ordem e à soberania. Ao privilegiar figuras de prestígio nacional e reforçar uma plástica clássica vinculada ao poder institucional, essa obra exemplifica uma lógica de visibilidade seletiva, que consagra personagens previamente legitimados pelas estruturas do Estado.

No entanto, ao lado dessa tradição consagradora, emergem outras formas de intervenção escultórica no espaço público que ampliam o repertório da memória urbana, lançando luz sobre sujeitos do cotidiano e narrativas historicamente invisibilizadas. É nesse contexto que se inscreve o conjunto escultórico dos *Pregoeiros* de São Luís, cujas representações deslocam o foco da monumentalidade cívica para a valorização afetiva e cultural dos habitantes anônimos da cidade.

Em consonância com essa perspectiva, o escultor Eduardo Sereno (informação verbal³²) reforça: “A escultura pública tem papel educativo. Transforma o espaço comum em lugar de memória, identidade, afeto e humaniza a cidade. Pode ser um ponto de pausa, encontro, introspecção e estar acessível para todos.”

³² Entrevista realizada pela autora com Eduardo Sereno, por áudio via WhatsApp, realizada em São Luís, em julho de 2025.

3.4 Análise plástica e simbólica das esculturas dos *Pregoeiros*

As esculturas dos *Pregoeiros* se afastam intencionalmente da linguagem monumental clássica ao adotar uma plástica que valoriza o corpo comum, a escala humana e os gestos cotidianos. A opção por retratar os personagens em tamanho natural, e com altura compatível ao do transeunte, rompe com a tradição da grandiosidade heroica e convida à aproximação, ao toque, ao olhar horizontal. A obra não impõe distância; ao contrário, convida ao reconhecimento.



Figura 26: *Esculturas dos Pregoeiros*.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Os materiais também participam desse gesto simbólico. A zirconita³³, de aparência clara e textura fosca, oferece resistência às intempéries, mas sem o brilho e o peso simbólico do bronze ou do mármore. Sua escolha sugere um deslocamento de valores: da ostentação à simplicidade, da solenidade à familiaridade. Essa plástica acessível atua como extensão do

³³ A zirconita, também conhecida como zircônia cúbica, é um material cerâmico sintético de alta resistência mecânica e durabilidade, comumente utilizado em esculturas públicas por sua estabilidade às intempéries e pela possibilidade de acabamentos detalhados e foscos. Sua aparência menos ostensiva que a de materiais como o bronze contribui para uma plástica mais próxima do cotidiano.

conteúdo simbólico da obra, a valorização do ordinário, do popular, do que é vivido no cotidiano e não consagrado nas instituições.

Do ponto de vista compositivo, as esculturas registram detalhes sutis: a postura corporal, o figurino simples, os objetos de trabalho (pirulitos e caixa de sorvete) são elementos que contam histórias silenciosas. Esses elementos iconográficos, associados a práticas comerciais informais e à oralidade típica dos pregões, reforçam a ideia de memória viva; uma memória que não é apenas vista, mas também lembrada e sentida. Como destaca o artista responsável pelas esculturas: “Essas esculturas são uma forma de eternizar o que é essencial, mas muitas vezes invisível à sociedade. Nós temos o vendedor de caranguejo, de quebra-queixo, o de bolo; são pessoas que constroem uma cultura e fazem parte da nossa história urbana.”

Ideia está compartilhada por Vasconcelos (2007, p. 163), “a escultura pública, quando voltada ao cotidiano, contribui para expandir os sentidos do patrimônio, acolhendo saberes, práticas e experiências que ultrapassam os marcos da história oficial”. Essa afirmação ajuda a compreender que, ao representar sujeitos populares em suas atividades comuns, a escultura ultrapassa a função meramente comemorativa e passa a atuar como mediadora de experiências culturais não institucionalizadas. Ou seja, ela amplia o repertório daquilo que é considerado patrimônio, ao dar visibilidade às vivências marginalizadas pelas narrativas hegemônicas da história. No caso das esculturas dos *Pregoeiros*, esse gesto materializa práticas de venda, circulação e oralidade que constituem formas legítimas de construção de memória e pertencimento urbano, mesmo quando excluídas dos registros oficiais.

O espaço de instalação também colabora com a experiência plástica. Posicionadas em uma praça aberta à convivência e à circulação, as esculturas não se elevam sobre pedestais, elas ocupam o mesmo chão que o público. Essa horizontalidade simbólica reforça a ideia de igualdade, de partilha do espaço e da história. A arte aqui não exalta um personagem distante, mas celebra figuras próximas, cuja existência moldou o ritmo da cidade. Como explica Brambilla (2018), a escultura pública pode atuar não apenas como marco de poder, mas como dispositivo afetivo, instaurando um campo de significações sensíveis entre o sujeito representado e o espectador.

Entretanto, essa aproximação pode colocar em risco as esculturas. A condição atual das obras evidencia esse descaso, que envolve não apenas o poder público, mas também os transeuntes. Como se observa na imagem abaixo, os elementos (pirulitos) que integram a linguagem da escultura de Corina apresentam sinais visíveis de vandalismo. Vários doces

metálicos foram arrancados, deixando lacunas no suporte e revelando a fragilidade da obra diante da interferência humana.



Figura 27: Detalhe da escultura vandalizada dos Pregoeiros
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Esse cenário aponta para a urgente necessidade de políticas públicas eficazes de preservação do patrimônio artístico urbano, conforme defendido por Chagas (2009), que ressalta a importância de ações educativas e preventivas voltadas à valorização da arte pública como parte do cotidiano social. Além disso, como observa Vasconcelos (2015), o espaço urbano é atravessado por disputas simbólicas e práticas de uso que frequentemente ignoram o caráter patrimonial das esculturas, comprometendo sua integridade física e simbólica. Nesse contexto, a escultura de Corina emerge como exemplo de como a ausência de cuidado coletivo e institucional pode comprometer a permanência e o sentido das obras inseridas no tecido urbano.

Essa precarização material não compromete apenas a integridade física da escultura, mas também sua potência simbólica. A ausência dos elementos que compõem o ofício representado, como os pirulitos ou a caixa de sorvete, dilui o sentido da obra, cuja expressividade depende da fidelidade aos gestos e objetos do cotidiano popular. A memória

encarnada nas práticas dos pregoeiros, portanto, corre o risco de se apagar simbolicamente à medida que a escultura se deteriora. O escultor denuncia:

A escultura da Dona Corina teve parte dos pirulitos arrancados. É triste, porque esses detalhes contam a história. É como se apagassem a identidade dela aos poucos. Enquanto outras esculturas recebem manutenção, os Pregoeiros vão se deteriorando, como se fossem menos importantes. (informação verbal³⁴)

O contraste com a escultura do *Almirante Tamandaré* é significativo. Enquanto esta recebe manutenção periódica e permanece protegida por seu vínculo com instituições de poder, como a Marinha do Brasil e Prefeitura de São Luís, os *Pregoeiros*, representantes das camadas populares, não contam com mecanismos eficazes de preservação. Essa desigualdade expõe como a política de memória material ainda reproduz hierarquias sociais e simbólicas, priorizando determinados grupos e apagando outros.

A instalação em praça pública, sem barreiras físicas e em contato direto com o fluxo urbano, reforça tanto a vocação democrática da obra quanto sua vulnerabilidade. A horizontalidade simbólica que a torna acessível também a expõe. E, nesse sentido, o vandalismo pode ser lido não apenas como ato destrutivo, mas como expressão de conflitos simbólicos: a escultura que deveria representar o povo é, paradoxalmente, vítima de sua invisibilidade institucional. O artista compartilha sua experiência:

Essas figuras são do povo, mas acabam sendo vítimas de um abandono institucional. Já vi uma senhora emocionada ao reconhecer Dona Corina na escultura. Isso mostra que a obra toca quem viveu aquela época, mas também revela como é frágil quando não há política de cuidado. (informação verbal³⁵)

Diante disso, as esculturas dos *Pregoeiros* revelam uma tensão latente entre visibilidade e apagamento, memória e desgaste. Elas desafiam o entendimento tradicional de monumento ao expor que a permanência da arte pública depende não apenas de sua instalação, mas de uma rede ativa de reconhecimento, cuidado e pertencimento coletivo.

Por fim, o gesto escultórico que eterniza os *Pregoeiros* propõe outra pedagogia da memória: uma que escuta os silêncios da história oficial e devolve presença a vozes populares. Ao inscrever esses corpos na paisagem urbana, a obra amplia o repertório simbólico da cidade e devolve centralidade a sujeitos antes periféricos. Como conclui o escultor: “Essa arte é uma

³⁴ Entrevista realizada pela autora com Eduardo Sereno, por áudio via WhatsApp, realizada em São Luís, em julho de 2025.

³⁵ Entrevista realizada pela autora com Eduardo Sereno, por áudio via WhatsApp, realizada em São Luís, em julho de 2025.

resistência cultural. É uma voz que não se cala. Quando você coloca essas figuras no centro da cidade, você está dizendo que elas importam, que elas fizeram história também. A arte pública tem que escutar o povo.”

A plástica do cotidiano, portanto, converte-se em instrumento de resistência simbólica e reconhecimento coletivo. Desse modo, ao romper com os códigos da monumentalidade heroica e institucionalizada, as esculturas dos *Pregoeiros* instauram uma nova gramática da arte pública, pautada na escuta sensível, na visibilidade do ordinário e na valorização das trajetórias anônimas que sustentam a vida urbana. Ao reinscrever esses corpos na paisagem da cidade, a obra desafia os critérios tradicionais de consagração e amplia os sentidos do patrimônio, revelando que também é possível construir memória coletiva a partir do afeto, da proximidade e da dignidade das experiências populares.

As reflexões em torno das esculturas dos *Pregoeiros*, portanto, ampliam o entendimento sobre as múltiplas funções da arte pública no contexto urbano de São Luís. Ao colocar em evidência sujeitos historicamente marginalizados, a obra reafirma a potência simbólica das esculturas como agentes de memória e pertencimento. Essa leitura crítica das formas de representação presentes no acervo escultórico da cidade permite, agora, avançar para outra dimensão igualmente fundamental: a da preservação dessas obras enquanto bens culturais materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs uma análise crítica e interpretativa do acervo escultórico público localizado no Centro Histórico de São Luís, compreendendo-o como expressão material da memória coletiva, da identidade cultural e das disputas simbólicas que permeiam o espaço urbano. Mais do que elementos decorativos ou vestígios do passado, as esculturas públicas analisadas mostraram-se dispositivos complexos de significação, nos quais diferentes temporalidades, valores e narrativas se inscrevem, tensionando a paisagem da cidade e revelando os modos como a história é contada, celebrada e, por vezes, silenciada.

No Capítulo 1, foi traçado o percurso metodológico e teórico que sustentou a pesquisa, com destaque para os conceitos de paisagem cultural, memória coletiva e escultura pública. A partir de uma abordagem qualitativa, interpretativa e documental, buscou-se compreender a cidade como texto simbólico, no qual a arte pública atua como linguagem de disputas e representações. Esse embasamento permitiu compreender as esculturas não apenas como obras isoladas, mas como partes constitutivas de uma trama urbana marcada por processos históricos, estéticos e políticos.

O Capítulo 2 apresentou um panorama histórico da escultura pública no Centro Histórico de São Luís, contextualizando sua inserção no espaço urbano desde os modelos acadêmicos oitocentistas até as abordagens mais contemporâneas, sensíveis às urgências da memória plural e democrática. A análise dos monumentos a *Gonçalves Dias*, *João Lisboa*, *Almirante Tamandaré* e aos *Pregoeiros* permitiu evidenciar como essas obras se articulam a distintas intenções políticas e plásticas; da glorificação da elite letrada e militar à valorização das experiências populares. Cada escultura, em sua linguagem própria, ativa camadas de sentido que ultrapassam sua aparência formal, funcionando como pedagogias visuais silenciosas, que educam o olhar, moldam afetos e constituem o repertório simbólico da cidade.

No Capítulo 3, a análise concentrou-se nos aspectos estéticos, simbólicos e materiais das esculturas selecionadas, aprofundando a leitura das formas, posturas, materiais e signos que compõem suas narrativas visuais. As obras foram abordadas como artefatos polissêmicos, nos quais se cruzam escolhas formais, intenções ideológicas e memórias afetivas. A monumentalidade vertical e idealizada de *Gonçalves Dias*, por exemplo, contrasta com a introspecção crítica da figura sentada de *João Lisboa*, e ambas diferem radicalmente da proposta horizontal e empática dos *Pregoeiros*. Esse contraste evidencia a pluralidade de

discursos que convivem, nem sempre de modo harmônico; no espaço urbano de São Luís, projetando sobre a cidade diferentes modelos de sujeito, de memória e de cidadania.

A pesquisa permitiu concluir que o acervo escultórico público de São Luís não é um repositório fixo de memórias consensuais, mas uma paisagem em constante negociação simbólica. As esculturas analisadas constituem, cada uma a seu modo, fragmentos de um mosaico identitário em disputa, no qual se entrelaçam visões de mundo, projetos de cidade e expectativas de futuro. Preservar esse acervo, portanto, não implica apenas em garantir a integridade material das obras, mas também reconhecer seus múltiplos sentidos sociais, culturais e políticos. É preciso escutá-las, interpretá-las, atualizá-las; compreendendo que a memória urbana é, por definição, um campo de embates, de esquecimentos e de reconfigurações.

Num momento em que se intensificam os debates sobre o papel dos monumentos no espaço público, seja por sua permanência, remoção ou ressignificação, este trabalho reafirma a escultura como linguagem viva, profundamente enraizada nas disputas por visibilidade e pertencimento. A escultura pública, ao articular arte, memória e espaço, é capaz de educar o olhar, de desafiar narrativas hegemônicas e de afirmar presenças historicamente marginalizadas. Assim, a defesa da preservação do acervo escultórico de São Luís não é apenas uma questão patrimonial, mas um compromisso ético com a pluralidade da memória e com o direito à cidade como espaço de escuta, reconhecimento e transformação.

No campo pedagógico, os resultados desta pesquisa oferecem valiosas possibilidades de aplicação em sala de aula, especialmente no ensino de Artes Visuais. As esculturas públicas podem ser mobilizadas como ferramentas educativas para promover a leitura crítica da paisagem urbana, o reconhecimento da diversidade cultural local e o debate sobre memória e cidadania. Ao propor atividades de mapeamento, análise iconográfica, produção de releituras ou intervenções artísticas no espaço público, educadores podem estimular a construção de um olhar sensível e engajado por parte dos estudantes, incentivando o pertencimento à cidade e a reflexão sobre os sentidos do patrimônio. A escultura pública, nesse sentido, torna-se aliada na formação de sujeitos críticos, capazes de dialogar com sua história, com o espaço que habitam e com os discursos que moldam seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Fátima. **Arte pública no Brasil: Chaves Pinheiro: o digno escultor**, identificado com a arte, que consagrou a vida ao estudo e ao trabalho. Pg. 250-253. In: Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica de sua trajetória. Rio de Janeiro : EBA/UFRJ : NAU Editora, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/706390017/Historas-EBA-Revisaocritica-20161>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

BRAMBILLA, Adriana Carmen. **Arte Pública, Paisagem Urbana e Memória: Monumentos Passo-Fundenses de Paulo Batista de Siqueira**. Passo Fundo, 2019. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/2412>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CÂMARA, Sílvia; CAMPOS, Ricardo. **Arte(s) Urbana(s)**. São Paulo: Perspectiva, 2019. Vila Nova de Famalicão- Portugal. Edições Húmus, Ltda., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/y3ax-l4wl>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CARVALHO, Jessica Mendonça de. **Patrimônios do nosso centro: As práticas sócio-espaciais insurgentes e os programas de desenvolvimento do Centro Histórico de São Luís**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís-MA, 2023. Disponível em: <https://www.ppdsr.uema.br/wp-content/uploads/2024/12/PATRIMONIOS-DO-NOSSO-CENTRO-as-praticas-socio-espaciais-insurgentes-e-os-programas-de-desenvolvimento-do-Centro-Historico-de-Sao-Luis.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museu, e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação**. Pg. 27- 31. In: Dossiê Educação Patrimonial, n. 3, Iphan, jan./fev. 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_03.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: https://www.academia.edu/39284870/O_Espa%C3%A7o_Urbano_Roberto_Lobato_Correa?auto=download. Acesso em: 13 de abril de 2025.

DINIZ, Gabriela Viana. **Educação Patrimonial e Ensino de História: Experiências com plataformas digitais envolvendo o Centro Histórico de São Luís.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História. Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4418>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

LIMA, Wesley dos Santos. **Formas Simbólicas Espaciais: Os Monumentos na Praça dos Girassóis em Palmas - TO.** 2021. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins Porto Nacional, Tocantis, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2827>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

NASCIMENTO, Lúcia do Moreira. **As alterações no projeto de praças para a conservação de centros históricos.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3560>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Revistas PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ROCHA, Abigail Vale. **Transformações e usos do Patrimônio no Centro Histórico de São Luís (Maranhão).** Dissertação (Mestrado Ciências Sociais): Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, 2025. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/6050/2/ABIGAIL%20VALE%20ROCHA.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

SERENO, Eduardo. **Entrevista concedida a Arlinda Souza Menezes.** São Luís, jul. 2025. Áudio via WhatsApp.

OLIVEIRA, Mónica. **Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?** Disponível em: <http://www.eras.utad.pt/docs/JUN%20INTER%202015.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

VASCONCELOS, Tânia de Freitas. **A arte como referência visual e cultural do lugar:** sinalizando o patrimônio ambiental da cidade de Fortaleza. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-16092024-101222/>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

MARINHA DO BRASIL. **Monumento do Almirante Tamandaré passa por obra de conservação e restauração em São Luís - MA.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/com4dn/monumento-do-almirante-tamandare-passa-por-obra-de-conservacao-e-restauracao-em-sao-luis-ma>. Acesso em: 1 junho de 2025.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS HOMENAGEIA PREGOEIROS COM MONUMENTOS NA PRAÇA NAURO MACHADO. **Prefeitura de São Luís.** São Luís, 14 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.saoluis.ma.gov.br/portal/noticias/0/3/1382/prefeitura-de-sao-luis-homenageia-pregoeiros-com-monumentos-na-praca-nauro-machado>. Acesso em: 1 de julho. 2025.

PREFEITO EDUARDO BRAIDE ENTREGA ESTÁTUAS EM HOMENAGEM AOS PREGOEIROS DE SÃO LUÍS. **Prefeitura de São Luís.** São Luís, 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.saoluis.ma.gov.br/portal/noticias/0/3/1389/prefeito-eduardo-braide-entrega-estatuas-em-homenagem-aos-pregoeiros-de-sao-luis>. Acesso em: 1 de julho. 2025.

PORTAL AMAZÔNIA. **Pregoeiros:** personagens históricos das ruas de São Luís. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/pregoeiros-personagens-historicos-das-ruas-de-sao-luis/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital Brasileira.** Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 4 de julho. 2025.

APÊNDICE

PLANO DE CURSO

Exigência da Resolução n.º.1 de 16 de janeiro de 2009, que normatiza o curso de Licenciatura em Artes Visuais

TEMA: Escultura pública, memória e identidade: olhares sobre a cidade.

PERFIL DO ALUNO: O presente plano de curso foi elaborado para estudantes do ano do Ensino Médio, embora sua proposta também possa ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental II, especialmente 8º e 9º anos. Trata-se de um público em processo de construção de identidade, tanto no plano individual quanto coletivo, e que está ampliando sua capacidade de refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor. São jovens que transitam diariamente pelos espaços da cidade, mas nem sempre se percebem como sujeitos históricos ou culturais inseridos nessa paisagem. Em geral, possuem repertórios diversos sobre sua realidade local, ainda que nem sempre organizados de forma sistemática, e demonstram maior envolvimento em propostas que valorizam o cotidiano, as experiências pessoais e as relações afetivas com o território. Diante disso, o plano busca acolher e potencializar essas vivências, promovendo uma escuta ativa e incentivando a expressão criativa e simbólica. Ao tratar de temas como memória, identidade e patrimônio cultural por meio das esculturas públicas, a proposta visa desenvolver a sensibilidade plástica, o pensamento crítico e o senso de pertencimento dos estudantes, mobilizando-os como autores de narrativas visuais e agentes de transformação do espaço que habitam. O estudante a quem se destina essa proposta é, portanto, alguém em constante formação, aberto ao diálogo e capaz de reconhecer a arte como linguagem viva que comunica, representa e ressignifica sua relação com a cidade e com sua própria história.

CARGA HORARIA: 8 horas/aulas (4 encontros de 2 horas/aulas.)

EMENTA: A disciplina propõe uma investigação sobre o papel da escultura pública na construção da memória coletiva e da identidade cultural, com foco na paisagem urbana de São Luís. Por meio da leitura crítica de monumentos e intervenções artísticas no espaço público, os estudantes serão estimulados a refletir sobre os processos de seleção simbólica, pertencimento e representatividade na cidade. A proposta integra análise plástica, produção criativa e diálogo

com o cotidiano dos alunos, valorizando suas experiências locais e afetivas. Serão abordados temas como arte e patrimônio, corpo e memória, exclusão simbólica e possibilidades de ressignificação do espaço urbano a partir da arte. Ao final, espera-se que os estudantes desenvolvam um olhar sensível, crítico e engajado diante da cidade que habitam.

OBJETIVO GERAL: Estimular a leitura crítica da paisagem urbana e dos discursos da memória coletiva, por meio da análise, interpretação e criação artística a partir de esculturas públicas da cidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar esculturas públicas como dispositivos de memória e identidade cultural;
- Compreender a paisagem urbana como texto visual que comunica valores e discursos;
- Desenvolver releituras artísticas que dialoguem com a cidade e a história local;
- Estimular o senso de pertencimento e a valorização do patrimônio material.

OBJETO DE CONHECIMENTO:

- Leitura e análise de esculturas públicas;
- Relação entre arte, memória e paisagem urbana;
- Experiência plástica e produção artística.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Impressões de imagens das esculturas;
- Cartolina, papel *craft*, pincel, tinta, argila, lápis de cor, cola;
- Projetor ou televisão, computador;
- Slides com imagens das esculturas;
- Trechos breves e adaptados da monografia para leitura conjunta.

AValiação:

- Participação nas discussões;
- Criatividade e criticidade nas atividades de criação;
- Capacidade de articulação entre arte e memória coletiva;
- Sensibilidade na leitura e interpretação da paisagem urbana.

AULA 1

Metodologia:

1º parte: Início com a exibição de imagens projetadas (ou impressas) de esculturas públicas situadas em São Luís: *João Lisboa*, *Gonçalves Dias*, *Almirante Tamandaré* e os *Pregoeiros*. Durante a apresentação visual, os estudantes são convidados a observar livremente, e em seguida responder oralmente à pergunta provocadora: “Você reconhece essas esculturas? Já passou por elas? O que elas dizem sobre a cidade e sobre quem somos?”

2º parte: A partir da pergunta central “O que é memória coletiva?”, condução da aula com conversa dialógica. Utilização de trechos acessíveis da monografia para mediação com linguagem clara e contextualizada, explorando três eixos: Memória coletiva e identidade cultural, Representatividade e Patrimônio e pertencimento:

AULA 2

Metodologia:

1º parte: Os alunos se organizaram em duplas. Cada dupla irá desenhar ou descrever um mapa afetivo do bairro onde mora. O mapa pode ser desenhado à mão ou escrito como narrativa livre. Ao final, os alunos compartilham seus mapas com a turma. Após o compartilhamento dos mapas, a professora mediará conversa sobre o que faz um lugar ter valor simbólico, mesmo que não seja monumentalizado. Essa conversa antecederá o debate da Aula 3. Os mapas terão com foco:

- Locais simbólicos que fazem parte de suas memórias (praças, igrejas, quadras, esculturas, muros pintados, feiras etc);
- Elementos visuais e sensoriais marcantes (árvores, cheiros, sons, cores);
- Esculturas ou monumentos que conhecem (se houver), mesmo que não saibam o nome oficial destas obras.

AULA 3

Metodologia:

1º parte: Acolhida e retomada da aula anterior. Breve conversa sobre o que mais chamou atenção na atividade do mapa afetivo. Leitura compartilhada de um trecho do trabalho de conclusão de curso intitulado “*Acervo Escultórico Público: Memória e Identidade no Centro Histórico de São Luís – Maranhão.*”

Ao reinscrever esses corpos na paisagem da cidade, a obra desafia os critérios tradicionais de consagração e amplia os sentidos do patrimônio, revelando que também é possível construir memória coletiva a partir do afeto, da proximidade e da dignidade das experiências populares. (MENEZES. p.74,75, 2025)

Após leitura do texto, será realizada análise das esculturas dos *Pregoeiros*, com o objetivo de refletir criticamente sobre os critérios simbólicos que definem quem é homenageado no espaço público. Será feito registros das análises no quadro, como contribuições dos estudantes, buscando gerar uma consciência crítica sobre os processos de seleção simbólica e exclusão na construção da memória urbana. Utilização de pergunta disparadora para debate, como:

- Por que será que alguns corpos viram estátuas e outros não?
- Quem é lembrado nas esculturas da cidade?

2º parte: Cada estudante irá desenvolver um desenho de uma escultura para homenagear uma pessoa comum, que, na opinião deles, merece estar na paisagem da cidade. A escultura pode ser realista, simbólica ou estilizada. Ao lado do desenho, escrever uma legenda simbólica: nome da pessoa, porque foi escolhida, o que ela representa.

3º parte: Os alunos são convidados a apresentar seus desenhos e explicar por que homenagearam aquela pessoa.

AULA 4

Metodologia:

1º parte: Apresentação de casos reais de vandalismo à escultura, como o caso da obra ao *João Lisboa*. Durante o debate sobre vandalismo ou protesto, será incentivado que os alunos relacionem com o contexto contemporâneo, utilizando perguntas norteadoras como: “Vocês acham que o vandalismo pode revelar sentimentos de exclusão ou de não pertencimento?”

2º parte: Cada aluno vai criar uma mini escultura simbólica, feita com materiais acessíveis. O monumento pode ser realista ou abstrato. E cada aluno deverá escrever uma legenda com: título, o que representa, onde ele gostaria que fosse instalado e por quê.

3º parte: Compartilhamento das mini esculturas e exposição dos trabalhos desenvolvidos nas aulas.

REFERÊNCIAS

BRAMBILLA, Adriana Carmen. **Arte Pública, Paisagem Urbana e Memória: Monumentos Passo-Fundenses de Paulo Batista de Siqueira**. Passo Fundo, 2019. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/2412>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CÂMARA, Silvia; CAMPOS, Ricardo. **Arte(s) Urbana(s)**. São Paulo: Perspectiva, 2019. Vila Nova de Famalicão- Portugal. Edições Húmus, Ltda., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/y3ax-l4wl>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CARVALHO, Jessica Mendonça de. **Patrimônios do nosso centro: As práticas sócio-espaciais insurgentes e os programas de desenvolvimento do Centro Histórico de São Luís**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís-MA, 2023. Disponível em: <https://www.ppdsr.uema.br/wp-content/uploads/2024/12/PATRIMONIOS-DO-NOSSO-CENTRO-as-praticas-socio-espaciais-insurgentes-e-os-programas-de-desenvolvimento-do-Centro-Historico-de-Sao-Luis.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museu, e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação**. Pg. 27- 31. Dossiê Educação Patrimonial, n. 3, Iphan, jan./fev. 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_03.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: https://www.academia.edu/39284870/O_Espa%C3%A7o_Urbano_Roberto_Lobato_Correa?auto=download. Acesso em: 13 de abril de 2025.

MENEZES, Arlinda Souza. **Acervo Escultórico Público: memória e identidade no Centro Histórico de São Luís – Maranhão**. Monografia. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

OLIVEIRA, Mónica. **Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?** Disponível em: <http://www.eras.utad.pt/docs/JUN%20INTER%202015.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ROCHA, Abigail Vale. **Transformações e usos do Patrimônio no Centro Histórico de São Luís (Maranhão)**. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais): Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, 2025. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/6050/2/ABIGAIL%20VALE%20ROCHA.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

OLIVEIRA, Mónica. **Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?** Disponível em: <http://www.eras.utad.pt/docs/JUN%20INTER%202015.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

VASCONCELOS, Tânia de Freitas. **A arte como referência visual e cultural do lugar: sinalizando o patrimônio ambiental da cidade de Fortaleza**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-16092024-101222/>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ARTISTA EDUARDO SERENO

Entrevista concedida por áudio via WhatsApp a Arlinda Souza Menezes para fins de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais (UFMA). A transcrição foi realizada com auxílio do aplicativo *Blip ViraTexto*, posteriormente revisada manualmente. Abaixo, as perguntas e respostas dadas pelo entrevistado, mantendo-se a integridade e a oralidade de sua fala.

1. Como foi o processo de criação das esculturas do Almirante Tamandaré e dos Pregoeiros?

Bom, o processo... esse processo de criação da escultura... do *Almirante da Tamandaré*... dos *Pregoeiros*... foi assim... profundamente... cuidadoso... eu tenho que fazer ressalvas... e carregando de significado... cada obra... nasce de uma escuta atenta ao contexto histórico... social... cultural... e... educativo... a gente pode dizer isso... que está acontecendo... que está inserido.

2. Como foi desenvolvida a escultura do Almirante Tamandaré?

No caso do *Almirante Tamandaré*... eu recebi uma encomenda da Marinha... e mergulhei na história do personagem... buscando compreender... não apenas os fatos biográficos... mas também... o simbolismo da figura... na memória nacional... a escultura foi pensada para transmitir força... liderança... e identidade.

Respeitando a imagem do aeronaval, mas também urbanizando o próximo mundo assim do público. Porque quando se tem a questão militar, se olha de uma forma... sempre... como é que se diz... olha só de uma forma de agressão... de uma pessoa que lutou... que matou... ele teve a importância em defesa do país, ele teve sua importância.

Eu procuro traduzir isso... de uma forma... de uma posição dele estática... e aí teve um detalhe técnico que tem que ser dito... a peça sofreu uma quebra quando eu entreguei... uma quebra no joelho... e eu não estava aqui para fazer... alguém... eu entreguei a marinha por inoperância deles... a peça sofreu uma quebra... depois foi colada... fizeram tudo certinho... mas ela perdeu um volumezinho... ela perdeu uma cabeça... é assim que se chama. Mas... resolvido. Tá.

3. E sobre a escultura dos Pregoeiros? O que a inspirou?

Bom, já a obra dos *Pregoeiros*... a gente vê aqui também uma encomenda da prefeitura... no caso, a encomenda da prefeitura, né... e de homenagem a esses personagens anônimos... que dão vida... a gente que dão vida à cultura... nossa cultura popular, vamos chamar assim...

Mas também eu me inspirei do trabalho oral... nas vozes que elas diziam... o pregoeiro do sorveteiro... o Bem-te-vi... e Dona Corina... a pregoeira do vendedor de pirulito... essa gente

que carrega essa história, né... que anda, cria filho. E ali foi maravilhoso... uma forma de eternizar... o espaço urbano.”

4. Como foi decidida a localização das esculturas?

Bom... em todos os dois casos... vamos botar assim... eu tive o cuidado da instalação. O ambiente urbano foi discutido assim com grupos... da prefeitura... com gestores... com Dona Cátia Bogéa... que é integrante desse processo... com o Sr. Joaquim Eicham, também que estava participando... para poder ter um denominador comum... onde as nossas opiniões coincidiam... fluxo de pessoas... e o impacto visual foi criteriosamente estudado... não teve coisas jogadas.

E a obra não pode ser apenas um objeto... ela precisa dialogar com o espaço... com a história... Nós da área de artes visuais... sempre temos essa visão e esse cuidado. O diálogo é a alma da arte pública, né.

5. Por que o *Almirante Tamandaré* foi posicionado de costas para o mar?

Bom... a escultura foi posicionada de costa para o mar... como um gesto simbólico... estratégico... isso aí nós estudamos... isso aí... eu... e... o capitão de Mai Guerra... na verdade, o capitão... é o comandante de Mai Guerra.

Bom... a intenção foi representar o que o comandante já havia cumprido... na sua missão de mar... e agora ele observa a cidade... protege o povo... olha para o futuro... de terra firme... porque ele está em terra firme... agora... Eu cogitei também... isso aí foi cogitado... teve opiniões... de colocar ele de frente para o mar.

Teve opinião sobre isso, outros botaram em meio 45 graus e tal, mas acabou acatando a opinião da maioria.

Bom, agora, de certa forma, quem está passando o transeunte, né... é uma forma de mostrar que a presença dele continua viva e vigilante.

Não mais nas batalhas, marítimas, viagens... mas no coração da cidade e na memória coletiva.”

6. Quais foram os maiores desafios enfrentados durante esse trabalho?

Bom, o maior desafio... nesse projeto foi... equilibrar a técnica, simbolismo e emoção... claro que dá a forma que representa... vamos chamar assim... dignamente a memória coletiva... e assim... ao mesmo tempo... um tempo de dialogar com o espaço urbano... são os cuidados... e analisar assim... cada etapa ela deve ter sua complexidade... a gente olha... mas o que mais me marcou foi o momento de modelagem... porque... a modelagem é uma emoção... você está construindo um rosto... você está construindo uma mão... é o que eu me atento mais... eu adoro construir mãos, rosto e pé... ver o gesto das expressões que ganham vida.

É ali que a escultura deixa de ser matéria e passa a carregar o sereno. A escultura passa a carregar a minha alma.

7. Como foi a recepção do público? Teve alguma reação que marcou?

O que mais ficou... na memória foram assim... essas reações do público. Eu vi uma senhora assim emocional reconhecer a Dona Corina... é algo fantástico...os netos, os bisnetos da Dona Corina... está com 97 anos agora, né...e eu vi dizer... isso me lembra... minha avó... essa peça...ou as pessoas... isso me lembra a minha infância... infância... ver.

Pessoas hoje que são avós... imagine que Dona Corina... marcou a vida de pessoas vendendo pirulito... que hoje são avós...e ela continua... viva, forte aí.

E aí não é um reconhecimento maior do que ver a obra sendo abraçada... pelas pessoas... fazendo parte da cidade...tendo liberdade de alguém com deficiência visual... deficientes... pessoas cegas...e tocar a obra... ver o rosto... e existe essa interação.”

8. Qual é, na sua visão, o papel educativo da escultura pública?

A escultura pública... é o papel dela na vida do cotidiano das pessoas, né... é um profundo papel. Ela tem um papel educativo, né...ela transforma o espaço comum em lugar de memória... de identidade, né... de... de afeição, de afeto...e traz a essência humana, que a gente se chama...ela humaniza o ambiente... humaniza a cidade...

Imagine... no meio da correria do dia a dia... pessoas... uma escultura pode ser um ponto de pausa... de reflexão...é... de encontro. Junto... com alguém ou consigo mesmo...olhar para uma pessoa e imaginar... poxa, essa pessoa fez parte dessa história.”

9. O que é necessário para que a arte pública continue viva e significativa?

É preciso que a gente tenha um compromisso coletivo, de cuidados, né...de valorizar o trabalho do arte... de reconhecer os artistas...esse operário da arte, esse operário da história, esse que coloca... escreve a história através da sua arte...esse compromisso de políticas públicas que valorizam a arte para preservar as obras e que incentiva essas novas criações, né,que venha a educação, que forme pessoas públicas com essa visão...mas, maior de tudo, está em manter essa arte acessível... cuidada... entregada ao cotidiano...”

ANEXOS

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietário A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 3.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 26 DE JANEIRO DE 1873.

Estatua de Gonçalves Dias.

Entenebrecem-se os horisontes das folhas mais lidas desta cidade. O *Publicador* e o *Paiz* começam de ameaçar ruínas, e a estatua do nosso primeiro poeta lyrico, que deveria ser collocada no seu logar sem grandes fallatorios, vem dar ázo á imprevistas tempestades.

De permeio com estes dois campeões illustres da opinião publica, não vimos advogar a causa de nenhum—por nada ter que advogar, e entrando na questão por ambos agitada e que vai tomando algum vulto nos animos geraes, é nosso fim espalular-a pelo seguinte theor:

Primeiro que tudo trata-se de saber si já ha dinheiro para a erecção do monumento. Si já, metam-se mãos a obra; e quanto a estatua, colloque-se de harmonia com a vontade geral, visto que ella é do publico, e de conformidade com o personagem que ella representa.

O ficar de costas para o mar e frente para as casas dos Srs. commendador Bertort e Marques Rodrigues, é uma questão secundaria; e assim pense cada um a respeito como quizer.

Pede porem a verdade que se diga—a

FOLHETIM DO DOMINGO.

Regeneração e honra.

(Semi-romance).

A MEU AMIGO A. AZEVEDO.

(Vid. n 2).

VI.

Tem decorrido doze annos depois dos acontecimentos que acabamos de narrar.

Em Pernambuco, e na mesma casa em que vimos Rosinha e a menina Julia, ainda moravam ellas.

Julia, porem, é uma moça de desessete annos: uma virgem bella e seductora. Nunca se separou das suas duas mães.

Rosinha inda está moça, tendo sido sempre

despeito da opinião dos illustres Srs. Dr. Real e Porto-Alégro, que a frente da estatua deve, por todos os motivos, olhar para o mar, que é a frente do largo.

Em questões de gosto, a disputação e sempre frivola, e pelo que respeita a regras de arte, si formos atraz dos seus rigores, damos com tudo em pantanas. E' raro, rarissimo até, encontrar-se um monumento seja de que natureza for, que sob esse ponto de vista não tenha defeitos.

Ha no Rio de Janeiro algumas estatuas: que nos recorde, todas ellas estão collocadas de harmonia com a frente de seus largos.

Camões, de quem o poeta em questão é um digno emulo, lá está n'uma praça central de Lisboa, e ainda assim a sua frente está voltada ao Tejo. D. José 1º—estatua equestre colossal, uma das primeiras da Europa, fita tambem o oceano, e a de Bocage, em Setubal, cremos que tem esta mesma direcção.

Vê-se pois, que, si formos atraz de exemplos, todos nos indicarão o que a razão aconselha, e o que parece mais conveniente com o vulto no marmore esculpura-do.

Um poeta, quando elle o é na accepção da palavra que o denuncia, não é nenhuma bagatella; é um ente privilegiado. No seu peito, de envolta com os sentimentos

um modello de mãe de familia. Teve uma unica filha, que hoje conta dez annos de idade.

Sophia, a desditosa Sophia—é a mulher regenerada e que tanto tem chorado o seu erro.

Julia está para casar-se. E' o noivo um rapaz que de pouco chegou á Pernambuco, e que d'ella se captivou.

Devemos logo dizer ao leitor quem elle é: Cama-se Alfredo de Vasconcellos e ó amigo o socio de Affonso d'Andrade.

E' um bello rapaz de vinte e cinco annos de idade.

Dentro em pouco dias que havia visto Julia, pediu-a um casamento.

Acceito por Sophia, Rosinha e seu marido disseram ao noivo que, visto ir ligar-se á essa moça, cumpria-lhes descobrir-lhe um segredo ignorado de todos, mas que lhe devia ser manifesto.

que lhe divinisa o cerebro, engolfam-se todos os esplendores da natureza. Nos arroubos de sua alma existe a manifestação do que ha de sublime no seu organismo; e as sublimidades de seu estro não podem, por modo algum, medir acanhados recintos.

E' pois necessario que a estatua do poeta olhe para a vasta solidão dos mares que lhe são tumulo, e que a sua frente espaçosa, onde o dedo de Deos imprimir o cunho do genio, não tenha por limites quatro casas mal architectadas.

Na sua attitudo scismadora e devorante, a posição do poeta deve ser d'aquellas de se lhe pôr nos labios—*a mim o espaço, a mim a luz, a mim o mundo*—; porque o espaço, a luz e o mundo foram por elle comprehendidos, e estes tres grandes objectos não podem admittir raias.

Collocar o vulto do poeta de costas para o atlantico, é pôr o fóra da natureza que elle tanto amou, é apartal-o dos quadros que o inspiraram, é, em summa, occultal-o de todas as bellezas que a sua lyra celebrou e que vivem immorredouras nos seus cantos immortaes.

Um poeta, quando elle se chama Gonçalves Dias, é uma creatura predestinada; vive, mas não vive como nós outros simples mortaes; e quando desapparece da face da terra, é quasi sempre antes de

Esse segredo era o nascimento de Julia. Contaram-lhe tudo.

A revelação foi feita mesmo em presença da moça, que envergonhou-se, ouvindo a historia de seu nascimento.—Não tinha pae! Só então o soube ella!

—Não importa, D. Julia, disse Alfredo; o que val isso? não teve pae; mas terá um esposo que amal-a-ha extremosamente.

—E julga-me mesmo assim digna do Sr.?

—E porque não?... não a julgaria se sua mãe não tivesse sido sedusida, e si não se regenerasse. Ella não é criminosa, e deve merecer todo o conceito.

Fôra Alfredo a primeira pessoa a quem era revelado este segredo.

(Continúa.)

A. Britto-

MONUMENTO
A MEMORIA DO POETA BRAZILEIRO
GONÇALVES DIAS.

Representa a nossa gravura de hoje o monumento erigido á memoria do insigne poeta Brazileiro ANTONIO GONÇALVES DIAS, em uma das mais pittorescas e risonhas praças da cidade de S. Luiz, capital da Provincia do Maranhão.

Como se vê, é elegante, magnifica e mui regular esta obra d'arte que foi executada na officina do canteiro do Sr. GERMANO JOSÉ DE SALES, pelo talentoso escultor Portuquez, o Sr. REIS.

Tem o monumento do primeiro degrau ao apice, quinze metros e cincoenta centímetros; cabendo á estatua 2 metros e 80 centímetros, á columna 9m. e 50 cm., e ao pedestal e escadaria 3m. e 20 cm. A estatua figura o poeta de corpo inteiro e de sobrecasca e como que a descuido desce-lhe do hombro esquerdo uma capa talar. Traz o braço direito naturalmente estendido, pendendo-lhe da mão uma coroa de louros. O braço esquerdo encosta ao peito e segura na mão d'esse lado um rolo de p. pais. Juncto á perna direita, está encostada uma lyra, e no lado opposto vê-se a mascara, emblema do drama.

Nota-se muita originalidade na columna que, afastando-se dos sistemas architectonicos conhecidos, imita um tronco de palmeira com os respectivos bolhos ou raizes por base e por capital palmata livres da mesma, e as demais partes de espaço e espaço por prescynthos. Em cada face do pedestal ha um busto de Maranhenses tambem illustres por seu saber: Odonico MENDES, SOTERO DOS REIS, JOÃO F. LISBOÁ e GOMES DE SOUZA.

A grade que rodeia o monumento figura delgadas lanças terminadas por lyras e as columnatas que as reforçam, são coronadas por grimaldas de louros.

O projecto de todo este conjunto foi determinado pelo Sr. Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL, que só e com muita perseverança concebeu a idéa, adquiriu os meios de a realizar e conseguiu que se concluíssem seus planos á medida de seus desejos.

Foi effectuada a inauguração da estatua com grande pompa, festividade e entusiasmo, como já noticiamos, no dia 7 de Setembro do anno p. p., anniversario da independencia do Brazil, e o assentamento da pedra fundamental do referido monumento a 10 de Agosto, anniversario natalicio do poeta. A cerimonia e os festejos desse acto não ficaram a desmerecer aos de agora.

Tive-se com muito empenho de afornosar á certosa praça, de que apenas figura esta gravura uma pequena parte. Vae ser toda calçada a mosaico, segundo o plano remetido pelo referido Sr. Dr. A. H. LEAL. Será circumdada de uma leve gradil para proteger dous renques de formosissimas palmeiras que hão de ali ser plantadas, e um jardim com bancos de ferro, dentro do espaço livre de um e outro renque de palmeiras.

O SR. DR. A. H. LEAL.

O illustre Brazileiro a quem se deve a criação deste monumento, nasceu no Maranhão a 24 de Julho de 1828 e é graduado em Medicina pela Facultade do Rio de Janeiro. Elle mesmo um litterato de muito apurado gosto, o Sr. Dr. LEAL é ainda mais notável pela incalculavel lida com que tem conseguido dar á lume grandes produções de seus comprouvianos: por muito tempo elle tem sido a alma editorial do Maranhão: é-lhe exclusivamente devida a publicação de certas obras de J. F. Lisboa, este grande mestre de nossa lingua, e de A. GONÇALVES DIAS. Em *Almanacks*, em artigos de revistas e outros periodicos, o Sr. Dr. LEAL tem constantemente espalhado muita luz sobre a historia da sua Provincia natal. No *Dicionario de Inocencio Silva*, Vol. VIII pag. 168, e no Vol. XXX da *Revista Trimestral* do Instituto Historico do Brazil, pag. 401, vêm a seu respeito noticias biographicas e lista de suas principaes publicações.

Ultimamente o Sr. Dr. LEAL tem estado invadido para trabalhar com o vigor com que outrora arquesava as mais pesadas tarefas. Ain-

da assim, todavia, é notavel a somma de trabalho que ainda emprehe o que tem concluido no meio dos soffrimentos. Elle reside em Lisboa e nestes poucos annos passados concluiu uma obra em quatro volumes, consistindo de illustres Maranhenses e que por isso denominao o *Parthenon Maranhense*. Tambem escreve um *Apontamento para a Historia dos Jesuitas no Brazil*, de que já tem publicado excerptos, e um volume de *Locubraciones*.

E' este um Brazileiro que distingue e honra a sua patria e cujo nome ha de ser sempre repetido com respeito pelos seus patrioticos e com respeito e amor pelos seus comprouvianos.

A pagina contigua acharão os nossos leitores um retrato do Sr. Dr. LEAL, feito segundo uma recente photographia.

Escolhida a cevada, o primeiro passo que se dá é pô-la de molho n'uma grande cisterna de pau ou pedra, e enchendo-se de tanta agua quanto basta para cobrir a cevada que em poucas horas absorve a agua e fica secca e entumece de 10 a 50 por cento do seu primitivo tamanho. O tempo ordinario deste processo é de 40 horas, findas as quaes o grão está tenro, e é tirado para fora e ajunctado em pilhas onde fica exposto por cerca de 26 horas. Durante este tempo a sua temperatura é elevada uns dez graus Fahr. e o grão está a agua superabundante que absorveu. Neste estado, a cevada brota fibrinellas nas radiculas e um pedunculo. A' proporção que se eleva a temperatura as radiculas crescem rapidamente e então é preciso fazer parar a germinação. Para este fim estende-se o grão no chão e

mesmo processo opera-se uma transformação chimica da cevada que perde 8 por cento do peso original, posto que ganha de 1 a 9 por cento no tamanho especifico. A cevada tinha 55 partes de hordéina, 32 de amido, 5 d'assucar, 3 de glutina, 4 de gomma e uma de resina. Na cevada já secca e preparada para fazer cerveja (4 que os Ingleses chamam *malt*) ha só 12 partes de hordéina, mas 56 de amido, 15 d'assucar e 15 de gomma e só uma de glutina e uma de resina. A principal mudança chimica é, pois, a transformação de muita hordéina em materia amylica, assucar e gomma.

Deste modo a cevada fica prompta para o distincto processo da fermentação.

O primeiro grau desta parte do fabrico da cerveja é a trituração do grão. Para este fim empregam os cervejeiros varios meios: ou das pedras, como nos moinos de milho e outros cereaes, ou um cylindro como o de um grande moimbo de café ou, o que é melhor-fazem passar a cevada por entre cylindros de aço. Assim moída, a cevada é lançada d'um grande tonel cujo arnujo parece muito á da urna de fazer manteiga. Neste tonel lança-se agua quente, que se mistura com a farinha. Para se conseguir um perfeito contacto de todos os grãos com a agua ha umas pás, movidas n'um eixo de roda tocado á mão ou a vapor, que rolem-se dentro do tonel, como rodas abertas de um vapor de navegar. Opera-se então na cevada outra transformação chimica: desenvolve-se nella uma substancia chamada *dias-tase* que reage na materia amylica e a muda n'uma especie d'assucar chamado assucar d'uva. A temperatura do tonel desce 20°. FAH. em seis horas, e então deita-se-lhe outra porção d'agua fervendo na temperatura de 190° de modo que faça subir a da mistura a 167° mais ou menos. Em duas ou tres horas, tira-se para fora a agua do tonel, que é depositada em outro tonel ou o que os cervejeiros da Inglaterra chamam *underback*. Nova agua na temperatura de 190° é introduzida no tonel e como é mais quente do que a primeira, dissolve muita materia amylica que ali ainda ficou. Depois tira-se esta agua, que é remida á outra, e mais uma vez introduz-se agua fervendo no tonel, agora na temperatura ainda mais alta de cerca de 200°. O liquido desta terceira lavagem é muito fraco para ser misturado ao das outras duas, mas serve para cerveja fraca ou para ser aquecido e lavar a cevada para cerveja de primeira qualidade.

Para que o cervejeiro sempre faça este modo da mesma forma, usa de um instrumento chamado saccharometro que o habilita á reduzir ou augmentar a sua força, ajunctando-lhe mais ou menos liquido da terceira lavagem.

O residuo de palha, etc. da terceira lavagem serve para alimento do gado.

Agora o mosto é posto a ferver n'uma caldeira de cobre, onde é misturado com lípulo. Durante a fervorencia tem-se cuidado que o lípulo se assente no fundo da caldeira, perto do fogo e para esse fim ha dentro da caldeira uma especie de garfo de pau movido continuamente por uma roda, que os sedimentos ou borras conservam-se em suspensão mechanica. O lípulo é útil porque dá ao liquido um oleo volátil e fragrante, resina amarga e um pouco de tannino.

A porção do lípulo depende da qualidade da bebida que se quer fazer. Para cerveja mais forte é preciso mais lípulo. Este lípulo ainda presta outro servico: impede que se decomponha, e por conseguinte que estrague o mosto, a grande porção de materia nitrogenica que ella contém: essa materia separa-se e forma o que os cervejeiros chamam *mulagem*.

Depois disto, o liquido é cozido em chapas de ferro com buraquinhos em que ficam retidas as fitas. Quando o liquido é levado ás cisternas, passa por um *refrigerador*, que tem a forma do chão de madeira de uma casa ordinaria, mas com uma bórda ao redor. As taboas são muito unidas e nessa especie de caixa é lançado o liquido para esfriar. Para apressar o processo do esfriamento, alguns cervejeiros atravessam barras nas bordas do soalho e nessas barras põem pequenos abanos mechanicos que ajudam o resfriar. Outras vezes no fundo do soalho ou tanque de pau elles põem um tubo enroscado por onde deixam passar agua fria.



BRAZIL.—MONUMENTO A GONÇALVES DIAS, NA CIDADE DO MARANHÃO.

O FABRICO DA CERVEJA.

A CERVEJA é um bem conhecido liquido fermentado, o Sr. Dr. LEAL é ainda mais notável pela incalculavel lida com que tem conseguido dar á lume grandes produções de seus comprouvianos: por muito tempo elle tem sido a alma editorial do Maranhão: é-lhe exclusivamente devida a publicação de certas obras de J. F. Lisboa, este grande mestre de nossa lingua, e de A. GONÇALVES DIAS. Em *Almanacks*, em artigos de revistas e outros periodicos, o Sr. Dr. LEAL tem constantemente espalhado muita luz sobre a historia da sua Provincia natal. No *Dicionario de Inocencio Silva*, Vol. VIII pag. 168, e no Vol. XXX da *Revista Trimestral* do Instituto Historico do Brazil, pag. 401, vêm a seu respeito noticias biographicas e lista de suas principaes publicações.

O fabrico da cerveja tem dous ramos diversos, tão diversos que muitas vezes são estabelecimentos diversos que se desempenham,—a preparação da cevada, o que os Ingleses denominam *maltting* e a fermentação da cevada assim preparada *brewing*.

em camadas de quinze polegadas; mexe-se e remexe-se bem a camada e á proporção que fica, bem remexida vai-se estendendo mais e por conseguinte vai-se diminuindo a espessura da camada até que chegue só a seis polegadas. Então as radiculas tem atingido o seu maior comprimento.

Segue-se agora o processo de seocar a cevada. E' esta introduzida n'uma estufa quasi sempre por meio de um buraco no soalho em que é esendida. A estufa tem dous andares ou compartimentos divididos por um soalho perfurado, por onde passa o calor que se irradia do fogo que se acha na divisão inferior. A cevada é estendida no soalho e secca, a humidade escapando-se por uma chaminé no tecto. O calor a principio é só de 90° FAH. mas deve ser elevado gradualmente á cerca de 150°. No processo de seocar, além do grão as radiculas que são depois separadas por meio de peneiras de arame. Neste

29-batalhão de reserva... Superior Tribunal de Justiça

SALSA HOLLANDA... Um caríssimo colar

De emperatriz, do Rio... Não aludamos ao colar de gemas...

Dezempregados... Daram providência à espécie...

PELO MAR... Deveriam entrar... A bordo de New-York...

Mocinha tuberculosa... Certidão de que minha filha...

Folhetim... 14 de agosto de 1913... PHYL

PHYL... G. CHANTEPLEURE... Não que o seu alconcegador...

Confirmação da dita... Presidente do desembargo...

JURAMENTOS... Cidad. Guimarães - Eulher...

Emprego Prejudicial do No. 4... Efetuado nos dias 4 e 5...

Entre nós dois... Correio no dia 15 de agosto...

Sociedade Mutua do Glorioso S. Benedito... Tendo fallecido seus membros...

João Francisco de Sousa Junior... 25 de Setembro de 1912...

João Francisco de Sousa Junior... 25 de Setembro de 1912...

Sociedade Auxílios Mutuos... Haracylo Pires Sáez...

Sociedade Beneficente... Luiz... O arrendatário da sociedade...

Paulista... Caixa Internacional de pensões...

Sociedade Funeraria do Itaipava... Foi pago herdeiros do...

Benício Maranhão... Conselho da Assemblia Geral...

Cláudio Nobrega... Offereço ao publico meus...

Maia Mendes Costa... Commissão do publico e do...

Sociedade Beneficente... Luiz... O arrendatário da sociedade...

Paulista... Caixa Internacional de pensões...

Sociedade Funeraria do Itaipava... Foi pago herdeiros do...

Benício Maranhão... Conselho da Assemblia Geral...

Cláudio Nobrega... Offereço ao publico meus...

Maia Mendes Costa... Commissão do publico e do...

Maia Mendes Costa... Commissão do publico e do...

Sociedade Beneficente... Luiz... O arrendatário da sociedade...

Paulista... Caixa Internacional de pensões...

Sociedade Funeraria do Itaipava... Foi pago herdeiros do...

Benício Maranhão... Conselho da Assemblia Geral...

Cláudio Nobrega... Offereço ao publico meus...

Maia Mendes Costa... Commissão do publico e do...

Maia Mendes Costa... Commissão do publico e do...

RUBINAT LLORACH... a melhor agua mineral natural purgativa

VIAGEM DE RECREIO A VIANNA... O magnifico vapor «Brazil»...

Preços das passagens... Ida e volta 12\$000... Ida ou volta 10\$000

EPILEPSIA GRAEIAS GELINEAU... Trazendo a e Bandeira por exultancia...

FLORES BRANCAS... E amolha-se a rapidez da cura!!!

A Uterina é a vida da mulher!... A Uterina é a vida da mulher!

Taboas... Retratos em prestações... Para que todos possam obter um bello retrato...

Para noivados... Seda, setim, véos, grinaldas...

Cosineira... Precisa-se de uma d. rna...

«A Vida do Lar»... «A Vida do Lar»... «A Vida do Lar»

Piano... A. rua do Alacrin, n. 46...

Quitanda... Passa-se uma quitanda...

Cavallos de sella... Vendem-se barros d'gavall...

Preleiras... Vendem-se tres preleiras...

O JORNAL

João Francisco Lisboa

Os festejos de hoje. Na casa de onde ha 80 anos saia, nesta data, a "Chronica Maranhense". Na praça João Lisboa. A entrega do monumento ao municipio da Capital. A inauguração. As contencias. Falará o Intendente. Discursarão Fran Paxeco; pela Academia das Sciencias, de Portugal, e Domingos Barbosa, pela Academia Maranhense. Hino a João Lisboa. A entrega das medalhas comemorativas. A ornamentação da praça. As inscrições no pedestal

Presta, hoje, o Maranhão a homenagem muito devida ao maior dos seus fillos do passado: João Francisco Lisboa, inaugurando na praça do seu nome o bellissimo monumento destinado á justiça de se lhe perpetuar a memoria.

De quarenta e quatro anos para cá ainda mais se impunha aos maranhenses a efetivação dessa

das mais entusiasticas adhesões do mais vivo jubilo popular.

Manda a justiça consignar aqui a circumstancia de que o monumento é, como obra d'arte, em tudo digno da gloria que vai perpetuar.

O bronze, devido ao cinzel do afamado escultor francez Jean Magrou, é, no genero, um dos mais belos que conta o Brasil.

O pedestal, projetado e construido com a maior competencia, desinteresse e dedicacão, pelo illustre engenheiro dr. Haroldo de Figueiredo, em nada desmerece a magnifica escultura que vai sustentar.

«O Jornal», juntando os seus aplausos aos que hoje irrompem da alma maranhense, saúda, com a mais carinhosa efusão, a gloria de João Lisboa.

A propozicão da Estatua

João Lisboa não foi maior homem no seu tempo do vivo do que hoje, cincoenta anos de morte.

Certo que o seu caracter de tempera, a feição da indole que lhe não foi menor elemento da sua gloria de eleito, falou sempre alto ao sentimento do meio contemporaneo, em nada importando, ao revés, a circumstancia assés poderosa de por vezes tristemente dividido em opiniões diversas. A sua intelligencia, sábia e superiormente trabalhada ao sabor moderno dos grandes ensinamentos, foi sempre um mesmo centro de irradiações sadias e fortes, dominando, tremeluzante, pelo poder da sua dialéctica de aço. O seu manifesto valor pessoal se manteve lídico da menor suspeita, mesmo através da objectiva adversaria. Mas o homem, efectivamente, não vive para os seus dias—João Lisboa começa de ser o homem do futuro.

A escola de desprendimento e evicismo que nos legou, indelevelmente impressa nos menores actos da moderada mas altiva independencia que o caracterizava, não conseguiu exito na actualidade. Os arruollos da sua viriidade de democrata verdadeiro e intemerato, servido pela consciencia e o caracter bem reflectidos, não lhe valeram, outro-sim, mais que do Timon o augusto nome. O exemplo edificante do seu apostolado não logrou collocar-o, immediatamente, na proeminencia que se ora já de esperar naquelles tempos, que a poeira da distancia embacia mas não apaga, passando, muita vez, despercebido. Mas a historia, carinhosa, recolhendo-o para novas gerações—sil que resurgem, no crescente avolumado em que o vemos, muito grande já mas por certo que ainda menor, por muito, do que o haverão de ver os pósteros seculares.

A obra que imprimiu, mensa, nos horizontes franjados da nossa educação incipiente de povo em expectativa transportou-se lídica. O espirito da época, confundido na concepção do formidável monumento de trabalho social-politico, conservou-se inerte. O tempo reservou-se a afania de desvendarem a verdadeira página de saber



JOÃO FRANCISCO LISBÔA (O Timon)

o gloria nôssa que foi o portentoso co-estadão. As suas lições, coruscantes de judiciosos conceitos e aprimorado eclecticismo civico, já vêm de dar frutos — o Maranhão cede, ao influêso do seu vigor extraordinário, para as reivindica-



DR. CLODOMIR CARDOZO, Intendente Municipal, que receberá o monumento.

ções imperiosas do seu conceito em porção. O exemplo aí está no próprio facto de como se soleniza, hoje, a erecção do seródico mas redentor monumento.

João Lisboa concorreu ao pedestal de maior agitação e de mais sérias responsabilidades públicas que se hão registado na crónica politico-regional, nélas



Academico DR. ALFREDO DE ASSIS, que discursará no ato de desvendar a placa collocada no prédio de onde saia a «Chronica Maranhense».

Tomando parte a mais saliente como jornalista doutrinador-moralista.

De temperamento feito e educado ao fragor das novas correntes descentralizadoras do primeiro império, sustendo-lhe o na ranço directo do coeficiente sociológico determinado e disposto dos «meios materiais necessários aos fins», em verdade não podia ele — espirito iluminado e forte, evolucionista conciente e vulgarizador intrépido — não podia ele, em verdade, servir menos a sua cauza psiquica, dezempenhando-se com menos brilho no desfarçamento dos verdadeiros «motivos» da sua acção positiva. Entretanto a ninguém se permitirá o direito de pretender sequer obstar-lhe a gloria do método da oportunidade e da superioridade com que o fez sempre, — triplice identidade que aos Classicos revelou-o de criador perfeito e inimitavel. Que «fazer» não é grande coisa na relatividade humana do operador automaticamente constante, sinão o «saber fazer», o «fazer» que ninguém mais o faria. E foi rialmente esta a obra admiravel do excelso maranhense!

Ninguém como João Lisboa sabia ser o artista do pensamento e da palavra que ele foi. Ninguém como ele o digno, portanto, do que ele não-o é, com justiça eleito o primus inter pares dessa létrada augusta do século, que tanto nos sublimou, na qual se vive á direita de Gonçalves Dias, Odorico Mendes e Sotêro dos Reis.

A reparação é completa. Mas, negada applicação á frãze comina, não lhe restamos culto á morte: vive mais o homem na historia dos seus actos do que na rialidade fatalissima dos seus dias. João Lisboa começa de ser o homem do futuro. As gerações aclamam-no. «Os genios gigantescos hão mister de pedestais alcançados pela gloria, d'onde dominem o universo inteiro.

Salve!

J. S. Q.

Este o programa dos festejos: A's 15 horas reunir-se-ão os membros da Academia Maranhense em casa do presidente dessa associação de letras, prof. Ribeiro do Amaral, donde irão, incorporados, buscar, em automoveis, os exmos. srs. coronel Antonio Bricio de Araujo e dr. Clodomir Cardoso.

Em companhia do chefe do Estado e da Comma, dirigirse-ão para a rua dr. Arquimio Lopes, onde se procederá ao desvendamento da placa comemorativa, mandada collocar pela municipalidade na casa da qual saia, ha 80 anos precisos, o primeiro numero da «Chronica Maranhense».

Falará aí o academico dr. Alfredo de Assis.

Daí seguirão para a praça João Lisboa, onde, da tribuna adrele preparada, falará o prof. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia, o qual, em nome do governo do Estado, fará entrega do monumento ao municipio da Capital.

Terá, então, lugar a solenidade do desvendamento da estua pelo exmo. sr. governador do Estado, prestando

as forças a continência do estilo e executando as bandas de musica o hino do Maranhão.

Responderá zo presidente da Academia, recebendo o monumento, o exmo. sr. dr. Clodomir Cardoso, intendente municipal.

Uzará, depois, da palavra o academico sr. Fran Paxeco, consul portuguez, prestando a adeseão da Academia das Sciencias, de Portugal.

Em seguida falará, em nome da



Academico DOMINGOS BARBOSA, que falará em nome da Academia Maranhense.

Academia Maranhense, e encerrando a série dos discursos, o academico sr. Domingos Barbosa.

Um grupo de meninas entoará, então, o Hino a João Lisboa, letra do dr. Alfredo de Assis e musica do prof. Adelman Correa.

Seguir-se-á um concerto pelas bandas militares.

Em frente á estua haverá, além da tribuna para os oradores, dois palanques, destinados a um ás familias e outro ás autoridades e delegações.

—A praça João Lisboa essa sendo



Academico FRAN PAXECO, que falará em nome da Academia das Sciencias, de Portugal.

visitosamente decorada pela firma Baltazar Pereira, Filhos & Cia., e será fartamente illuminada a gazolina, serviço este confiado ao sr. Manuel Valente.

Continua na 4ª pagina



DR. LUIZ A. DOMINGUES DA SILVA, a quem será offerta uma medalha de ouro, como promotor da construcção da estua.

homenagem, pois ha quarenta e quatro anos que foi inaugurado o monumento de Gonçalves Dias.

E João Lisboa e Gonçalves Dias são, um no verso e outro na prosa, não somente os dois mais altos nomes dentre os que tanto renome conquistaram para a Atenas Brasileira, mas tambem duas das mais fúlgidas glorias do Brasil.

Mandado esculpir o seu vulto em bronze pelo então governador, o preclaro sr. dr. Luiz Domingues, deliberou o illustre actual chefe do Estado coronel Antonio



CEL. ANTONIO BRICIO DE ARAUJO, governador do Estado, que promoveu a erecção da estua.

Bricio, que fosse um dos seus primeiros atos a inauguração do monumento.

E, num gesto espontaneo, digno dos maiores aplausos, confiou essa incumbencia á doula e esforçada Academia Maranhense, que, acatando-a, logo meteu intalgavelmente mãos á obra.

E é assim que hoje se vai inaugurar a formosa estua, no meio

"Diário de S. Luiz"

Praga João Lisboa
PROPRIEDADES DA EMPRESA
"DIARIO DE S. LUIZ" LTDA.

ASSINATURAS
PARA O INTERIOR
Um ano Cr\$ 120,00
6 meses Cr\$ 60,00
TABELA DE PUBLICAÇÃO
Por centimetro de coluna
Na 1.ª pagina ... Cr\$ 6,00
Na ultima pagina ... Cr\$ 4,00
Por paginas indeter-
minadas Cr\$ 3,00

SUCURSAL
Servico Interstadual de Imprensa
Rio - Praça Mauá, 7-13P.
Tel. 43-9913 e 43-4558.
Paulo - Praça do Patriarca,
1.º and. - Tel. 349390

Plantão de Farmácias

BOI - DIURNO
Farmácia "Barbosa"
NOTURNO
S. VICENTE DE PAULA
ALIANÇA - DIURNO
Farmácia "Confiança"
NOTURNO
Farmácia "São Luiz".

Campanha de Educa-
ção dos Adultos

Com a interpenetração mu-
tua de todos os povos, para os
fins economicos comerciais, agri-
colas, técnicos e multiplos ou-
tros, a educação é processo men-
tal, continuo, diario, permanen-
te, que se dá desde que o in-
dividuo nasce até o morrer. O
agricultor precisa conhecer os
melhores processos de produção
e está ao corrente dos mercados.
O negociante precisa conhecer
as oscilações dos preços e as
últimas informações sobre os
artigos. Os industriais necessi-
tam estar ao corrente das ofer-
tas e procurar dos artigos, de
qualquer processo de produção
mais baratos.

Dai que nas realidades da
existência a primeira grande
escola é o lar doméstico, em
que primeiro moldamos nossas
personalidades. E cada família
resulta um pouco diferenciada
pela influência dos pais e mães.
A segunda escola é a própria vi-
da, a realidade, a natureza in-
teira em que cada um observa
e elabora as impressões recebi-
das, por via do próprio cérebro.
Outra escola relevantíssima é a
inumerável imprensa moderna,
em que todos estamos aprenden-
do o dia inteiro um sem nú-
mero de fatos e cousas, de tó-
da a natureza. Há outro fator
escolar hoje cada vez mais im-
portante, e é o rádio com as
centenas e milhares de reper-
cussões e efeitos sobre a vida
individual e social.

Nesse conjunto integral de
elementos educacionais, é evi-
dente que a escola, no seu sen-
tido estrito e formal, o estabele-
cimento de ensino em que os
menores entram e permanecem
dos cinco aos quinze anos, digam-
os, tem uma função destacada
e também delicada.

No entanto, levando a efeito
a campanha de educação dos
adultos, o atual Ministério da
Educação soube muito bem
aprender o estágio ou fase so-
ciológica e histórica em que nos
encontramos, encarando de um
ponto de vista científico as reali-
dades do nosso ambiente.

Num país que soube de um
momento para outro realizar a
alfabetização total e imediata
de seu povo, um decreto do po-
der-central assim formulou um
programa integral: "Nosso des-
tino de hora em diante é que a
instrução não seja mais res-
trita a alguns mas seja espalhe-
da tal forma que não haja mais
uma só aldeia com uma única
família ignorante, e tão pouco
nenhuma família com um só
(Conclui na 3.ª página)

Verdadeiros Venenos!
Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:
Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e
substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, ver-
dadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas inter-
nas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo
o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves
distúrbios repentinos do ventre, irritação da mucosa do estô-
mago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho,
nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar,
biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede,
azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau
hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de
comer, proguça, abatimento, sonolência e moleza geral e mul-
tas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.
Para evitar e tratar estes males use Venre-Livre, remédio
sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas
conseqüências.
Venre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e
limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações
tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.
Use Venre-Livre
Lembre-se sempre
Venre-Livre não é purgante
Tenha sempre em casa,
Venre-Livre

O grande valor de uma
observação pedagogica

Um livro precioso há, na litera-
tura da filosofia científica, que
deve constituir meditada leitura
dos nossos homens de governo,
responsáveis pelo nosso engran-
dimento nacional. É a obra --
Os grandes homens (Die grosse
Manner), de Professor W. Ostwald,
que, na opinião das mais altas
autoridades no assunto, é o maior
dos grandes químicos contempo-
râneos. Para se lhe julgar do va-
lor a este livro, basta saber-lhe
do motivo da publicação.

Ao tempo em que era Ostwald
professor de química na Univer-
sidade de Leipzig, um japonês,
seu discípulo, lhe fez certa vez esta
esquisita e de certo modo em-
baraçosa pergunta: "Que meios
haverá para reconhecer muito ce-
do os alunos que no futuro pode-
rão dar investigadores de valor,
capazes de enriquecer o patrimô-
nio científico e aumentar portan-
to a grandeza econômica das
suas pátrias? Tinha o governo do
seu país, disse aquele japonês,
como explicação daquela pergunta,
o intento de consagrar somas im-
portantes para o desenvolvimento
de indivíduos, tomados especial-
mente nas classes pobres e dos
quais se pudessem mais tarde es-
perar os mais notáveis serviços
úteis ao Japão.

Ao espírito penetrante daquele
sábio Mestre, tão habituado às
perquisições da ciência quanto às
cogitações da filosofia, não foi
difícil atinar com a resposta sa-
tisfatória aqqua indagação do
seu discípulo. Observador minucioso
e do mais apurado tino das gera-
ções escolares que lhe passavam
pelo magistério, logo sentiu que
lhe estava nas mãos o fio de Ari-
adne com que se desembrulhar no
labirinto, que lhe apresentara o
discípulo japonês. Uma simples
recordação da sua vida de profes-
sor, em paralelo com a história
dos grandes vultos da ciência,
bastaria para o raciocínio a fazer
naquela respecta.

Analisando assim a vida glorio-

sa de Humphry Davis, Julius
Robert Mayer, Michel Faraday,
Justus Liebig, Charles Gerhardt,
Helmann Oelmholtz, pode con-
cluir Ostwald que os escolares
particularmente bem dotados
jamais se satisfazem com o que lhes
oferece o ensino ordinário, achando
sempre que o que recebem
deste é insuficiente quantitativa-
mente e sobretudo qualitativa-
mente, o que os leva a exigir mais.
Indica, portanto, inferioridade
mental do aluno a sua aceitação
passiva de quanto lhe explica o
professor, como estreiteza pedago-
gica deste revoltar-se contra
as exigências de clareza, que lhe
façam os alunos sobre pontos
obscuros ou controversos da ma-
teria explicada. Deve ser o profes-
sor um verdadeiro elemento
positivo da civilização, concorren-
do de modo proveitoso para o en-
grandecimento mental e economi-
co da sua Pátria com adestradas
gerações, que lhe possam servir
bons destinos.

É axioma sociológico que as
civilizações, com efeito, se plas-
mam com a herança social, que
se prepara e acumula pela educa-
ção. Logo, quanto mais capazes
forem os educadores das gerações,
mais iluminados e dignos para
essa tarefa lhes sairão os disci-
pulos.

Professor, entretanto, que, por
inepcia, incultura, ou outras de-
ficiências espirituais quaisquer,
contrariando a luminosa lição de
Ostwald, ao invés de incentivar
nos seus alunos a independência
intelectual da crítica às suas li-
ções, transformar estas em mas-
sudas e indigestas excreções pe-
dagogicas, perde esse caráter
nobre de obreiro da civilização, pa-
ra ficar na triste qualidade de um
parasito do magistério, que ape-
nas malbarata o tempo de uma
geração.

Ora, nas escolas é que estão as
oficinas da prosperidade e gran-
deza de um povo e por isso aos
(Conclui na 11.ª página)

AGRADEÇO a Nossa Senhora
das Graças uma graça alcan-
çada.
A. S. M.

GABINETE DO
GOVERNADOR
NOTA OFICIAL

Dia 2 de julho de 1948.
AUDIENCIAS: Conferenciaram
com o Sr. Governador do Estado,
no dia de ontem, as seguintes pes-
soas: Sr. Zacarias Cardoso, com-
merciante residente na cidade de
Codó; Mrs. Ernest T. Wise, Consul
Britânico em Belem do Pará, que
se fez acompanhar de Mrs. Tomas
George Parson, Gerente da Booth
& Cia, nesta capital e Mrs. Tomas
Moses Agente Consular da Ame-
rica do Norte; Monsenhor Luiz
Macureira, Secretário do Arcebis-
pado e Professora Maria do
Carmo Teixeira.
VIAGEM A CODÓ: Sua Excia.
Sr. Governador do Estado, viajou
hoje pela madrugada em auto-
móvel de linha, com destino à
cidade de Codó, de onde regres-
sará dentro de três dias.
SOLENIDADE: O Sr. Almir Fer-
reira Vale, Secretário Particular
do Sr. Governador representou S.
Excia. na solenidade de instala-
ção da Academia de Contadores
Profissionais, cujo ato se realizou
na sede do Centro Calceiral, on-
tem às 20 horas.
AUDIENCIA PUBLICA: Quar-
ta-feira ultima, 30 de junho, S.
Excia. Sr. Governador concedeu a
sua habitual audiência publica
mensal, durante a qual foram
atendidas cerca de 250 pessoas de
todas as classes sendo prestados
auxílios a todos os que os solicita-

DR. WENER
PASSARINHO
Cirurgião-Dentista
RUA OSVALDO CRUZ, 37A

REPRESENTANTES VIAJANTES
Grande Fábrica de Folhinhas procura vende-
dores ativos em todas as zonas. Mostruário com 100
modelos diferentes.
ÓTIMA COMISSÃO E ADIANTAMENTO
SOLICITE INFORMAÇÕES AGORA MESMO à
Fábrica Paulista — S. Paulo — Caixa Postal, 3.306.

HISTORIA DOS NOSSOS
MONUMENTOS

JOÃO LISBOA

Ao centro do antigo Largo do Carmo, foi levantada a es-
tátua de João Francisco Lisboa.

Obra do escultor francês Jean Magnon, primeiramente foi
assentada sobre um pedestal formado por quatro cubos, revesti-
dos de mármore branco, com inscrições gravadas nas qua-
tro faces do pedestal.

Foi inaugurada a 1 de Janeiro de 1918.

Na administração Magalhães de Almeida foi reformado o
pedestal, apresentando atualmente aspecto diverso do pri-
mitivo. É um prisma retangular, com pórticos gregos, nas
quatro faces do mesmo.

O revestimento do pedestal é de mármore vermelho, e, ao
alto circundam medalhas de bronze com as effigies de Sotero
dos Reis, Henrique Leal, Sousa Andrade, D. Luis de Brito, Aluizio
de Azevedo, Raimundo Corrêa, Urbano Santos, Sá Viana,
Cesar Marques, Candido Mendes, Artur Azevedo, Nina Rodri-
gues, Bráulio Muniz, Joaquim Serra, Gonçalves Dias, Teixeira
Mendes, Gomes de Castro, Gomes de Sousa.

Numa das faces do pedestal foi inscrita a data do nas-
cimento do prosador ao lado da de sua morte: 1812-1863.

Estão desenhados os jornais de João Lisboa numa placa de
bronze em estilo imitativo, e tais são: O Brasileiro, Eco do
Norte, Publicador Maranhense, Crônica Maranhense e Jornal
de Timon, folhas em que a pena do grande prosador imprimiu
o fulgor do seu talento extraordinário.

Noutra face do pedestal está a inscrição: Os gênios gigan-
tescos não mister de pedestais alçados pelo glória, aonde do-
minem tudo e tenham por espectador o universo inteiro, pen-
samento extraído da sua obra e aplicado em sua honra pela
geração que o imortalizou no bronze.

A estátua representa João Lisboa, de sobrecasaca, senta-
do em uma poltrona larga, abaixo da qual repousam em des-
ordem livros in folio de aspecto antigo.

João Lisboa tem o braço distendido, sustentando um
jornal com o auxilio da mão esquerda, em posição de leitura.

DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL.—Dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois.

DIRECTORA DA ESCOLA MODELO BENEDICTO LEITE.—D. Maria da Gloria Pargã Nina.

COMMANDANTE DO CORPO MILITAR.—Tenente-Coronel Fernando Guapindaia de Souza Brejense.

SECRETARIO MILITAR DO GOVERNO.—Major João Pedro Smith.

DIRECTOR DA BIBLIOTHECA PUBLICA.—José Ribeiro do Amaral.

DIRECTOR DAS OBRAS PUBLICAS.—Dr. Anisio de Carvalho Pa-
lhano.

DIRECTOR DA IMPRENSA OFFICIAL.—Domingos Barboza.

DIRECTOR DO SERVIÇO SANITARIO.—Dr. Juvencio Odorico de Mattos.

Ha ahí homens de todos os crédos partidarios na politica do Estado —e até alguns sem nenhum—porém ninguem, ainda o desaffecto ou adversario mais apaixonado, poderá desconhecer em qualquer delles toda probidade e competencia technica para o serviço, e no serviço de seus cargos.

E' aliás simples homenagem que rendo ao merecimento de todos, declinando-lhes aqui os nomes, porquanto são todos funcçionarios de minha exclusiva escolha e exclusiva confiança.

Obras Publicas.—Alem das obras de que vos dei conta o anno p. passado: no Palacio da Justiça; no Palacio do Congresso; na Penitencia-ria; na Escola Normal; na Escola Modelo Benedicto Leite; nas Escolas Almir Nina, Almeida Oliveira, Nina Rodrigues e Raymundo Correia; no Lyceu Maranhense; na Hygiene; na Imprensa Official; no Internato de Educandos Artífices; no palacete do Estado que serve á Assistencia á Infancia; no porto de Guimarães e no de Tury-assú; e no Rio Mearim; reconstrui o Posto policial de S. João e está a ultimar-se a reconstrucção do Quartel do Corpo Militar do Estado; construi a Estrada de rodagem ligando o Municipio da Capital a S. José de Riba-mar, no Municipio da Villa do Paço do Lumiar; reconstruíram-se o Quartel e a Cadeia de Barra do Corda; e si não fóra o inverno, ter-se hia concluido a desobstrucção do rio Mearim.

Estatua de João Lisboa—Já o esculptor Jean Magrou recebeu duas terças partes da importancia ajustada pela confecção da estatua do inolvidavel brasileiro que temos a gloria de ter sido nosso conterraneo, restando o pagamento da ultima prestação, que será feito após a entrega do trabalho.

Esse importante serviço que, se fôr realizado, constituirá um grande melhoramento proporcionado ao sertão maranhense, estando estudado pelo engenheiro Rufino Frank Lima, contractado pelo Estado para esse fim.

Não pode este Governo informar devidamente ao Congresso o estado em que se acham os referidos estudos, por falta de informações detalhadas por parte do alludido engenheiro.

Já foram dispendidos com esses estudos 46.306\$640 réis.

A construcção dessa estrada foi autorizada pelo Congresso, tendo sido votada para essa obra a quantia de 250 contos.

Estatua de João Lisbôa

Resolvi, logo ao assumir a direcção dos negocios publicos do Estado, mandar inaugurar a estatua do grande escriptor maranhense João Lisbôa, a qual, por encommenda do Governo, foi fundida em Paris e se achava ha muito tempo nesta cidade. Para esse fim fiz entrega da referida estatua á Academia Maranhense, para que esta, como expoente maximo da intellectualidade desta terra, se encarregasse da escolha do pedestal a construir e da inauguração do monumento, que de facto se realizou em 1.º de Janeiro deste anno, com grande imponencia e a maxima solemnidade.

A construcção do pedestal, foi dirigida gratuitamente pelo reputado e digno engenheiro Dr. Haroldo de Figueiredo, de quem tambem foi o projecto escolhido para o referido pedestal.

Sobreleva notar que, tendo sido as obras orçadas pela modica quantia de 6.500\$000, ainda assim não foi esta totalmente gasta, visto que o alludido engenheiro recolheu aos cofres do Estado o saldo de mais de trezentos mil réis.

Calamidades publicas

Rigoroso, como poucos, o inverno do anno passado, trouxe como consequencia da abundancia das suas chuvas, a enchente transbordante de diversos dos nossos rios, e a innundação de quasi todas as terras do litoral maranhense.

A cheia foi a calamidade que nos bateu á porta no primeiro semestre do anno de 1917, trazendo comsigo todo o cortejo proprio dos grandes males, com que a natureza, como que farta de prodiga

Telegramas

Descondo intrigas
RIO, 17.—Uma nota do Itamaraty diz:— Não ha fundamento algum no boato espalhado ultimamente, sobre desinteligencias entre a embaixada de Portugal e o governo brasileiro.

A' Bandeira

O' formosa Bandeira,
Magesdo Balsão de minha Patria,
Symbolo augusta desta terra nãstra,
Da terra brasileira:

Da te saúde, e venerando imagem
Deste immenso Paiz que é minha terra,
A ti, Bandeira, que nos dá coragem
Para vencer na guerra!

Não sei doutra em grandezas assim igual,
Por quem de lázros se cobrirá a espada
Do grande Osório, o bravo general,
E Barrão venceu com toda a Armada.

Doutra não sei mais bella,
Que exprima na cor verde as nossas matas,
Do pin d'acço o ouro falvo na amarella,
E na azul nozella o céu como o retrato.

Estimulo dos bravos, dos heróes,
Soberana reliquia deste povo,
De morte a saul o povo salva e passa
Comprehender que és a imagem do Brasil.

E, destemido e forte,
A' sombra tua, ó Lábaro sagrado,
Pelos unidos, sem temor á morte,
Vencido embora, embora derrotado!

Que não há maior gloria, honra maior
Do que, por ti lutando,
Campir sabermos o Dever maior,
Por tua gloria, o sangue derramado!

Salvé, excolto Balsão
Aqui-verde, florido, desta Patria!
Porque encerras em ti a terra nãstra,
Eia te encerro tambem no coração.

E, hoje, que és festa!
Como que o dia do teu natalicio,
Como jura solenne dito seja
Que por ti não medimos sacrificio.

Por ti, armas as mãos,
Pelos vinte e uma estrelas—os Estados,
Por teu sagrado Ambr, os cidadãos
Sejão todos, Bandeira, os teus soldados!

Apolinário de Carvalho
S. Luiz—1917.

Cordões de seda, em todas as cores
e grossuras, encontram-se na loja
O BRAZIL
Rua Oswaldo Cruz, n. 33—Teleph. 75

Bar Carioca

Hontem, ás 19 horas, teve lugar a inauguração do conceituado «Bar Carioca», o ponto predileto das famílias maranhenses.

Caprichosamente ornamentado e com magnifica iluminação electrica, o bem montado estabelecimento estava repleto de frequentes e convidados.

Os inumeros empregados, num vai-vem continuo, eram insufficientes para atender os multiplos chamados que de todas as partes lhes eram dirigidos.

A sala de botemim apresentava-se com um aspecto seductor, abrigando, em volta de suas pequenas mesas de marmore, grande numero de distintas familias e illustres cavalheiros.

A sala de bilhar era pequena para conter o povo que a enchia.

Na varanda, onde se notava o retrato do glorioso mestre Carlos Gomes, delicado trabalho do pintor Paulo Barros, u na afinada orquestra de 21 professores, sob a direcção do musicista Bangoim, se fazia ouvir de momento a momento, na correcta execução de belos trechos dos melhores compositores.

O vasto e arrejado salão de refeições, com esplendidas paisagens gravadas nas paredes, era constantemente procurado pelos seus assíduos frequentadores.

Até ás 24 horas o movimento de povo foi grande, estando o acreditado estabelecimento sempre repleto de frequentes.

A imprensa fez-se representar, sendo cumulada de gentilezas pelos srs. Antonio Branco e Gasparinho, proprietarios do «Bar» que hontem se inaugurou.

«O Jornal», que esteve presente a essa formosa festa, manda seus eluzios parabens ao Branco e ao Gasparinho, almejando longa vida e muitas prosperidades ao «Bar Carioca», que sem duvida terá a primazia entre os seus congeneres desta capital.

«SERRANA» a cereja mais apreciada pela chie carioca por ser muito saudavel. 3024—3

Os saldos

Remeteram saldos á secretaria da fazenda colector de Carolina, na importância de 6.842.844 e do Alto Paraiba, no valor de 1.029.023 rs.

NEUGENAUER

o melhor chocolate do mercado. 3022—5

ARMAZENS TEIXEIRA
Secção de Alfama. 3197—3

Cura tosses, Bronchites, Influenza e molestias do peito, em 48 horas.
A' venda em todas as boas Drograrias e Pharmacias
Depósito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre

Religiosos

No templo de S. Pantaleão será celebrada, no proximo domingo, a festividade de Santa Severa.

Os cultos começarão no sábado e se estenderão até segunda-feira e prometem ter o maior brilhantismo.

—Hoje, ás 19 horas, reunem-se os confades da Conferencia da Inmaculada Conceição, da Sociedade de S. Vicente de Paula.

—Haverá amanhã, na igreja de S. João, reunião das zeladoras e associadas da confraria de S. Sebastião, ali erecta.

—Espera-se o comparecimento de todos.

O ENIGMA DA MASCARA

Em fasciculos 5
A' venda na Tip. Teixeira

A festa da bandeira

Hoje, ao meio dia, será içado o pavilhão nacional, com todas as formalidades do estilo, nos mastros da Escola de Aprendizes Marinheiros, que se encontrará com a fachada festivamente ornamentada.

Após essa cerimonia, o professor Antonio Corrêa Raposo fará uma conferencia aluziva ao dia, cantando os aprendizes, em seguida, os linhos da Republica e da Bandeira.

A Escola continúa durante todo o dia franqueada ao publico.

—Em virtude do telegrama abaixo transcrito, recebeu o director do gabinete do Thezouro Nacional pelo dr. Delegado Fiscal, o governo da Republica mandou lerir o dia de hoje em todo o paiz, por motivo da festa da Bandeira.

Delegado Fiscal—Maranhão.
«Comunico-vos haver o governo resolvido declarar feriado o dia 19 do corrente, para que tenha maior effeito a festa da Bandeira.—(Assignado) Benedito H. de Oliveira Junior, director do gabinete.

—A Agencia do Banco do Brasil não funciona hoje, em comemoração á data.

A Academia Maranhense

Renuiu, hontem, conforme estava anunciado, a Academia Maranhense, comparcendo os srs. Ribeiro do Amaral, Godofredo Vianna, Domingos Barbosa, Fran Paxco, Barbosa de Godos, Alfredo de Assis, I. Xavier de Carvalho e Raimundo Lopes.

Procedeu-se á eleição do corpo administrativo que tem de gerir a Academia no anno proximo vindouro, sendo este o resultado—presidente, Ribeiro do Amaral; 1º secretario, Domingos Barbosa; 2º secretario, Alfredo de Assis; bibliotecario, Astolfo Marques;—releitor, tesoureiro, Fran Paxco, eleito.

A seguir, o sr. presidente comunicou o conteúdo da carta que lhe dirigiu o exmo. sr. coronel Governador do Estado, e que já foi publicada, comtendo á Academia a incumbência de promover a inauguração da estatua de João Lisboa.

A Academia, unanimemente, accetou o honroso encargo e resolveu ir immediatamente a palacio levar ao chefe do Estado, não só essa declaração, mas tambem os seus agradecimentos pela escolha da lei para tal, e os seus aplausos ao exmo. sr. coronel Antonio Brício de Araujo pelo gesto do seu governo.

A Academia, unanimemente, accetou o honroso encargo e resolveu ir immediatamente a palacio levar ao chefe do Estado, não só essa declaração, mas tambem os seus agradecimentos pela escolha da lei para tal, e os seus aplausos ao exmo. sr. coronel Antonio Brício de Araujo pelo gesto do seu governo.

A Academia, unanimemente, accetou o honroso encargo e resolveu ir imediatamente a palacio levar ao chefe do Estado, não só essa declaração, mas tambem os seus agradecimentos pela escolha da lei para tal, e os seus aplausos ao exmo. sr. coronel Antonio Brício de Araujo pelo gesto do seu governo.

A Academia, unanimemente, accetou o honroso encargo e resolveu ir imediatamente a palacio levar ao chefe do Estado, não só essa declaração, mas tambem os seus agradecimentos pela escolha da lei para tal, e os seus aplausos ao exmo. sr. coronel Antonio Brício de Araujo pelo gesto do seu governo.

A Academia, unanimemente, accetou o honroso encargo e resolveu ir imediatamente a palacio levar ao chefe do Estado, não só essa declaração, mas tambem os seus agradecimentos pela escolha da lei para tal, e os seus aplausos ao exmo. sr. coronel Antonio Brício de Araujo pelo gesto do seu governo.

Fitas de gorgorão, pretas, marrom e brancas, em diversas larguras, proprias para laços de sapatos, achá de receber.
O BRAZIL
Rua Oswaldo Cruz, n. 33—Teleph. 75

Magalhães de Almeida

O nosso colega «Diario da Manhã», que circula em Vitória, expediu-nos o telegrama seguinte:

A bordo do vapor «Ibá» seguiu em viziata a seu Estado natal o comandante Magalhães de Almeida.

Neste ponto, foi visitado por grande numero de amigos e admiradores, comparcendo pessoalmente a bordo o secretario geral do Estado.

48: de caçadores

Segundo nos solicita o tenente Villaronga Fontenelle, secretario deste batalhão, avizamos achar-se aberto o voluntariado para preenchimento dos claros existentes nesta unidade do exercito, que se achá habilitado a obter gratuitamente os atestados de conduta que por lei são exigidos aos alistados.

LOMBRICOIDE INDIANO

E' infallivel na expulsão dos vermes (lombrigos).
A' venda em todas as boas Drograrias e Pharmacias
Depósito geral: Pharmacia do Indio—F. Alegre

Casa de Penhores

Autorizada a funcionar por acto do Governo do Estado, de 29 de junho de 1917

Emprestimos sob penhores de JOIAS, TITULOS, MOEDAS, ORO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS, etc.

Avallador por nomeação do Ilmo. Sr. Dr. Secretario de Justiça e Seguranca Publica, ANTONIO MANUEL DURANS, com officina de ouroes, á rua Grande, 41 A.

Operações todos os dias uteis das 8 ás 5 horas da tarde.

Epaminondas de Moura Ferro

Rua da Madre de Deus, 14
Maranhão
3109—4

Cronica social

Aniversarios
A menina Silvia Serra de Menezes, filha do maior João de Castro Menezes, negociante de nossa praça.

Passou, hontem, a data natalicia da senhoria Juliana Marjão de Castro, a Neves Teixeira, que com rara distincção secretaria a Escola Modelo Benedito Leite.

Lar em festa
O illustre engenheiro dr. Carlos Marques e sua virtuosa consorte comemoraram hontem a passagem do 18º aniversario do seu felice enlace matrimonial.

«O Jornal», embora tardemente, os felicita.
O nosso conterraneo dr. Otto Galvão, atualmente em Pedreiras, em serviço de sua profissão, viu, hontem, passar a sua data natalicia.

«O Jornal» envia ao applicado estudante as suas felicitações.
«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

Zulmira Marques
No Colegio do Sagrado Coração de Maria, recebeu diploma, hontem, a graciosa senhorita Zulmira Marques, dileta filha do brillante maestro patricio, dr. Carlos Marques.

A distincta senhoria, que prova de inumeras simpatias no nosso meio social, de que é um dos belos ornamentos, recebeu muitas felicitações por parte de suas amiguinhas.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

Realizou-se, sábado ultimo, ás 9 horas, o enlace matrimonial do sr. Benedito Duarte Rodrigues e da senhoria Maria das Neves Martins de Souza.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

«O Jornal» envia-lhe e aos seus dignos genitores, os mais eternos saudaes.

MARES E RIOS

A ENTRAR

Do norte
«Maranhão» a 90
«Faria» a 97

Do sul

«Gera» a 20
«Ibá» a 26
«Manaus» a 3 de dez.

A SAIR

«Fragoso», para o Pindaré, a 20, ás 16 horas.
«S. Paulo», para Caxias, a 20, ás 17 horas.

«Rio Branco», para Caxias, a 20, ás 24 horas.
«S. Pedro», para Pedreiras, a 21, ás 17 horas.

«Vitória», para Mearim, a 22, ás 7 horas da manhã.
«Santo Antonio», para Caxias, a 22, ás 12 horas.

«S. Paulo», para Pedreiras, a 23, ás 12 horas.
«S. José», para Pindaré, a 24, ás 12 horas.

«O Ceará» chegará do Sul da Republica, em 20 do corrente pela manhã, saindo para o norte, á tarde.

«O Maranhão» chegará do norte, em 20, á tarde, saindo para o Sul da Republica, ás 10 horas de 21 do corrente.

A SAUDE DO HOMEM e o paraizo dos velhos e não contem abastamentos cambiáveis. C—150

Enterro

Realizou-se, ás 7 1/2 horas de ontem, seguido de grande acompanhamento, o enterramento da exma. e veneranda senhora d. Inês Raimunda Evertton de Faria, avó dos srs. Zeno, Euclides e da genitil senhoria Maria Faria Cardoso.

Seguraram as alças do caixão os srs. Francisco Carvalho, Oscar Pereira, Euclides Cardoso, Abelardo Rocha, Beribulo Domingues e Antonio Alípio Evertton de Carvalho.

Sobre o estuque viam-se estas cores: Recordação de seus netos Zeno, Maria e Euclides A' minha mãe, e Recordação da familia Oscar Pereira.

Creada

Prezisa-se na Travessa de Palácio, n. 6. 3255—3

Companhia Fluvial Maranhense

Para Pindaré
O vapor «Fragoso» sairá no dia 20, ás 16 horas da tarde. Recobe passageiros e encomendas até ás 5 horas da tarde.

Para Caxias
O vapor «Rio Branco» sairá no dia 20, ás 12 horas da noite. Recobe passageiros e encomendas até ás 5 horas da tarde.

Para Mearim
O vapor «Vitória» sairá no dia 22, ás 7 horas da manhã. Recobe passageiros e encomenda até ás 5 horas.

Lloyd Maranhense

Para Caxias
O vapor «S. Paulo» sairá no dia 20, ás 6 horas da tarde. Recobe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída.

Para Pedreiras
O vapor «S. Pedro» sairá no dia 21, ás 7 horas da tarde. Recobe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída.

Para Caxias
O vapor «Santo Antonio» sairá no dia 22, ás 12 horas da noite. Recobe passageiros e encomendas até ás 5 horas da tarde.

Para Pedreiras
O vapor «S. Paulo» sairá no dia 23, ás 12 horas da noite. Recobe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída.

Para Pindaré
O vapor «S. José» sairá no dia 24, ás 12 horas da tarde. Recobe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída.

Deve ser usada pelos amicos, neurasthenicos, pelos que soffrem do estomago pelas sensações que atormentam.
A' venda em todas as boas Pharmacias e drograrias
Depósito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre. 1243

TOLOUOL

Cura tosses, Bronchites, Influenza e molestias do peito, em 48 horas.
A' venda em todas as boas Drograrias e Pharmacias
Depósito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre

KOLA SOEL

Depósito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre. 1243

Telegramas

NACIONAIS

RIO, 21.—O ministro do Uruguay o almirante Scalin...

O testamento do capitalista Fontes, ha ainda as seguintes declarações: Deixa 20 contos...

Gelo Vende-se qualquer quantidade a Grando junto a Companhia das Agas...

Instituto Maranhense Resultado dos exames realizados nesse estabelecimento

Portuguez—Carlos Aziz, Julio Pinho, Antonio Frazão, José Soares, José Web...

Francês—Julio Pinho, Carlos Aziz, Antonio Frazão, José Soares, José Web...

Arithmetica—Carlos Aziz, Antonio Frazão, Julio Pinho, José Web...

Geographia—Carlos Aziz, Antonio Frazão, Julio Pinho, Valdemar Barros...

Arithmetica—Carlos Aziz, Antonio Frazão, Julio Pinho, José Web...

Pharmacia e Drogaria e Inconveniente medicamento puramente vegetal...

Uma reutilização Acasouso, hontem, e recolhimento de uma carta em que Sr. Luiz Cunha...

TARDE AZIAGA Hantem, á tarde, disseram-nos, a rampa estava aziaga...

Jardim zoológico Hontem 6.913 Hoje, leitor, não discrepo...

Preservar-se o retumismo que ataca a vechie, usando-se na mocidade o «Elixir de Nogueiras»...

O «Vinho Cressato», do farmaceutico quimico Silveira, preserva a tuberculose...

Via-Vitê

Sob a direção do sr. Emir Vaz da Silveira, redação dos srs. Francisco Ferreira e José Valente Collares Moreira...

Para alimentação de gallinhas, porcos, etc. Vende-se a an reis cada quilo, na Fabrica Martins...

Sementes oleaginosas O sr. Henrique de La-Roque enviou-nos, pelo ultimo paquete...

Importante trabalho, que foi oferecido, em vernáculo, ao Estado do Pará, de cujas officinas officinas é a feitura...

Uma A sr. Senador João Pedro, n. 12, precisa-se de uma ama que seja asiatica...

Pelo esporte Recreemos as seguintes linhas: «Belga—versus—Espiranga»...

Escrivem-nos: «Ao Redactor da Sessão Sportiva, do «O Jornal»...

Amigo e Sr. E' para lastimar que o campeonato deste anno do F. A. C., já começado...

Pela primeira vez, fóra annunciado pelo Black, que o campeonato começa com o encontro do Kaki com o Black...

Directoria accitou os teams, cada um com 15 jogadores, deu publicidade pela «Facotilla» designando o nome de todos os jogadores...

Qual foi a surpresa de Kaki, quando escalado para jogar com o Black, no Domingo passado...

Hoje, leitor, não discrepo. O «cabeiro» me trepo, Mulher que pegue na «Cobra»...

Ze PECHENGA. O «Vinho Cressato», do farmaceutico quimico Silveira, preserva a tuberculose...

contrario o seu team não comparecia em campo para bater-se com o Black, desde que fizesse parte do team o jogador Lemos.

A directoria no sabado nada resolveu e no Domingo, apresentando-se no Club ás 3 horas da tarde, o team Kaki, procurou sobre guaes as providencias tomadas pela Directoria...

Essa mesma Directoria, em vez de dar uma satisfação ao publico, procurando realizar o jogo que fóra annunciado, com enredos já vendidos...

Gratias. A sr. Senador João Pedro, n. 12, precisa-se de uma ama que seja asiatica...

Anniversarios Hoje—A exma. sr. d. Felicidade Lisboa de Freitas...

Antonio de Moura Ferro Passa, hoje, á data natalicia do sr. Antonio de Moura Ferro...

Constrataram casamento o sr. capitão Salim Jorge Mussalim e a senhorita Maria Jorge Gath...

A estatua de Joao Lisboa Está definitivamente marcado, para ter lugar a inauguração da estatua de Joao Lisboa...

Para Directores Francisco Xavier de Carvalho 8064 votos, Manoel Coelho Pecegueiro Junior 8052 »...

Para Suppentes da Directoria João Pereira Martins 8151 votos, José Alves Martins de Souza 8076 »...

Para Commissão Fiscal Francisco Pinto Teixeira 8283 votos, Luiz Pereira Monteiro 8283 »...

Para Suppentes da Commissão Fiscal Manuel Joaquim do Nascimento Ferreira 8434 votos, Manuel Gonçalves Moreira Nina 8432 »...

Tremor de terra Houve, ha dias, um forte tremor de terra com ruidos subterraneos, na cidade de Cachoeira, na Bahia.

Acta da 96ª Sessão ordinária da Assembléa geral dos accionistas do Banco Hypothecario e Commercial do Maranhão.

Acta da 96ª Sessão ordinária da Assembléa geral dos accionistas do Banco Hypothecario e Commercial do Maranhão. Aos doza dias do mez de Novembro de 1917...

Verificado haver numero legal para funcionar a Assembléa, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão, dizendo que a Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

Em seguida mandou o Sr. Presidente fazer a leitura da acta da sessão anterior, mas foi isso dispensado por a Assembléa...

Em vista disso, foi a dita acta submettida a discussão e votação, e não tendo ninguem falado a respeito, foi a mesma approvada pela Assembléa...

CUNHA & C.

IMPORTADORES e EXPORTADORES

Telegr. — Videnses. Rua Portugal, n. 33

COMPRAM, aos melhores preços do mercado, todos os generos de produção do Estado.
SACCAM, por cheque ou telegrama, sobre qualquer praça do paiz ou do estrangeiro, median-te modica commissão

Bar Carioca

Grande numero de pessoas affluia honravelmente ao dia e á noite, ao requetado «Bar Carioca».

O restaurante, com um variadissimo cardapio era constantemente procurado, mantendo-se repleto de frequeres até alla noite.

Na sala de billar a concorrência foi selecta e grande.

O botequim funcionava sem cessar, logrando encheres sobre encheres. Inumeras familias o procuraram, demonstrando assim a preferência que lhe concedem.

Uma pequena, porém afinada orquesta, sob a competente direcção do brilhante maestro M. Manella, deu desempenho a um magnifico programa de musicas modernas, deliciaudo os «habituaes» até ás 24 horas, quando se retiraram todos os presentes.

O Branco e o Gasparinho acolheram maxima gentileza o nosso representante que ali esteve oferecendo-lhe lauta ceia, deixando-o bastante satisfeito.

Não se pode negar a maneira distinta porque esses dois cavalheiros, proprietarios do bem montado «Bar», tratam os seus frequeres e é isso com certeza que atrai as familias maranhenses ao famoso botequim, tornando-o assim o ponto central onde se vai reunir o que de mais seletto existe em nosso meio social.

A iluminação electrica que lá se ostenta brilhante, estava soberba, inundando de luz as vastas e acedias salas do magnifico estabelecimento.

«O Jornal» felicitou o Branco e o Gasparinho, pela justa preferência que a nossa sociedade está concedendo ao apreciado «Bar Carioca», que indubitavelmente logrou primazia entre os seus congeneres nesta Capital.

Grande fabrica de confeitos, pastilhas de lorcetti pimenta, pastilhas de chocolate, caramels, chocolate em pó, biscoitos, etc. etc. de ERNESTO NEUGEBAUER

A primeira do Brazil
Todos os artigos acima, aditam-se a venda nas principaes casas desta praça, a preços ao alcance de todas as bolsças!...

Hoje

Em 1841 — O presidente da Provincia inaugura, nesta capital, a Casa dos Educandos Artificiaes.

Em 1846 — Morte de Isabel de Castella, a rainha que proteheu Colombo na descoberta da America.

Em 1846 — Fundação da fortaleza Lage, na ilha de Ilheus.

Em 1823 — O imperador d. Pedro I nomeia, na Assembléa Constituinte, que estava convocada, uma commissão de 10 membros para organizar o Pacto Fundamental.

Em 1911 — Fallece, em Petropolis, o sr. Pedro Maria Henon, o mais antigo florecultor da reitida cidade e dedicado amigo do imperador d. Pedro II.

Em 1914 — Novo bombardeo de Zeebrugge, no mar do Norte, pelos inglezes.

Batalla de Lodz, Germanes e russos que vencem.

As tropas alemãs em operação em Angola, Guiné Inferior, invadem essa possessão portugueza, mas são repellidos para o sudoeste em territorio alemão.

O Marcellio fez o que quiz
Todas as vezes que o Martiniano passava pela porta do Marcellio este lhe fazia com as mãos uma porção de figuras indecorozas.

Aquele cidadão, de indole pacata, fingia não ver a apanha do defeito e seguia rumo de seu trabalho de trabalho.

Sabado á tarde, o Martiniano desceu mais cedo, e quando derontou com a porta do adversario este açulou um cão bravo contra as suas pernas.

O animal, furoroso, investiu e ferrou os dentes na canella do tranzeante em quanto o Marcellio, tendo positivamente e pozando as acrobacias necessarias na emergência, gritava a bom gritar:

—Avança, Corisco! Era isto que eu queria!

O agredido saiu com diversas avarias na perna direita e com a calça em trançalho.

O fato deu-se na rua dos Prazeres e os inimigos chamam-se Marcellio Peixoto e Martiniano Tavares.

Os Telegrafos

Acha-se reido nesta repartição um despacho para Francisco Silva, couraçado «Tiradentes»

Abertura de credito
O governo abriu o credito de 3 contos para pagamento da subvencão á navegação do rio Mearim no trimestre de julho a setembro.

A SAUDE DO HOMEM é o paraliço dos velhos e não contém absolutamente catharticos. C.—150

LOMBRICOIDE INDIANO
E' infallivel na expulsão dos vermes (lombrigas).
A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias.
Deposito: Pharmacia do Indio—P. Alegre

CHAPEOS, CHAPEOS e mais CHAPEOS

A CHAPELERIA BLUHM acaba de despachar um bonito sortimento de CHAPEOS DE FELTO, CLAQUES DE SETIM, CHAPEOS DE PA-LHA, de diversos gostos e qualidades, que vendem sob medida, GORROS, DE VELLUDO e CASEMIRA, PARA MENINOS, e BONETS DE CASEMIRA, para viagem. Tem sempre em deposito todos os appetrechos de utilencias para OFFICIAES DO EXERCITO e GUARDA NACIONAL. Confecciona bonets militares assim como para a marinha e lavam-se chapéus de Panama.

Chapeleria Bluhm

Rua Oswaldo Cruz, n. 16 C. 3047

As festas escolares

Esplendida a matinee escolar que os alunos do acreditado colegio da distinta professora senhorita Zila Paes tiveram honravelmente afeito.

Quando chegamos os salões do vasto predio á rua da Madre Deus, n. 20, estavam completamente cheios.

Dai a instantes deu-se inicio á festa com uma saudação á bandeira e, logo após, o canto de «O voluntario».

No desempenho de todo o programma com gosto e método conecionaria, não houve, valha a verdade, um só dos alunos que se não recomendasse aos aplausos da seleta e numeroza assistencia.

Assim é que agradaram imenso «O retrato do professor», «O aniversario do papez», e «Uma sessão inaugural», comedias em um ato, «As leis sociais» e «Se eu fosse professora», monologos, tudo da autoria de Zila Paes, «Bri-queudo das arvores», «La cigale et la fourmi», fábula de La Fontaine, «Um concurso á mestra» (brinquedo), «Exercício de geometria», de Zolina Rolin, «A bandeira», o dialogo «As duas torças», de Luiz Guimarães.

A' ultima hora resolveu a professora intercalar no programa a engraçada comedia «A escola antiga e a escola moderna», que, durante a representação, trouxe a assistencia em franca hilaridade, tendo concorrido sobretudo, para isso a correção e o espirito com que se houve no papel de professor á antiga, na inspecção a escola, o inteligente menino José Mattos.

Quando já o programa a mais de meio, fez um quarto alunos fizeram saudações á senhorita Zila Paes, em uma das quaes se acentuou a profunda emoção de uma gentil menina que não pôde conter o choro.

A professora, á vista da surpresa desses discursos, e tomada de viva commoção, deixou de agradecer a gentileza de seus alunos, como nos declarou.

Fez a chave de ouro da festa a comédia «As estações», de Zila Paes, em cuja parte final a primavera distribuiu as flores de que sempre anda alfiteada com as pessoas presentes.

A todos a distinta professora cumulo da muita fidelidade de seu trato.

A' porta do predio fez-se ouvir a banda do 48.º de Caçadores.

«O Jornal», que pelo seu representante saliu penhorado ás distincções da senhorita Zila Paes, manda a essa intelligente educadora maranhense os seus melhores saudaes pelo magnifico exito que coronou a matinee, com que foram encerrados os trabalhos escolares do cadente ano no estabelecimento sob a sua digna direcção.

Ata

A' rua Senator João Pedro, n. 32, predica-se de uma aula que seja assistida. —1

A estatua de João Lisboa

O governo do Estado cometeu á Academia Maranhense a erecção da estatua de João Lisboa, e BONETS DE CASEMIRA, para viagem.

O projeto de pedestal, do dr. Haroldo Figueiredo, foi por aquelle engenheiro oferecido gentilmente ao Coronel Antonio Britico, que, por sua vez, o passou ás mãos do presidente da Academia—não para que fosse por ella, a priori, preferido, como explicito e insistentemente declarou o governador ao meo do expediente, porém para que fosse colada com outros, que porventura apparecessem.

A aprovação, pelo governo, do projeto do dr. Haroldo Figueiredo, não foi mais do que a sanção da escolha da Academia Maranhense.

«O Jornal» felicita o Branco e o Gasparinho, pela justa preferência que a nossa sociedade está concedendo ao apreciado «Bar Carioca», que indubitavelmente logrou primazia entre os seus congeneres nesta Capital.

Grande fabrica de confeitos, pastilhas de lorcetti pimenta, pastilhas de chocolate, caramels, chocolate em pó, biscoitos, etc. etc. de ERNESTO NEUGEBAUER

A primeira do Brazil
Todos os artigos acima, aditam-se a venda nas principaes casas desta praça, a preços ao alcance de todas as bolsças!...

MARES E RIOS

A ENTRAR
Do norte «Paris» 27
Do sul «Manaus» 3 de dez.

A SAIR
«Vitoria», para Caxias, ás 7, ás 10 horas da manhã.
«Paulos», para Pedreiras, a 2, ás 6 horas da manhã.
«José», para o Pindaré, a 28, ás 6 horas da manhã.
«Ruy Barbosa», para o Pindaré, a 29, ás 10 horas.
«Rio Branco», para Caxias, a 30, ás 13 horas.
«S. Pedro», para Caxias, a 30, ás 6 horas da manhã.
«Santo Antonio», para Caxias, a 3 de dezembro, ás 7 horas da manhã.

As saídas dos vapores do Lloyd, do Rio de Janeiro, serão ás sexta-feira.

«Manaus» deixará o Rio, com destino ao norte, hoje, e em 30 sairá o «Brasil».

«Paris» chegou da noite a 27, á tarde saindo para o sul a 28, pela manhã.

«Bahia» chegará do sul a 26, saindo para o norte no mesmo dia.

«Vapor «Bahia» deixa o porto de Manaus, com destino ao sul, hoje, ás 16 horas.

O paquete «Paris» aportará aqui no dia 27, á tarde, com procedencia do norte.

10\$000
1 chapeu de palha, ultima moda, despachado agora, encontra-se nos
ARMAZENS TEIXEIRA
Secção de Modas 3105—4

Telegramas

NACIONAIS

Candidato á senatoria

RIO, 24—Dizem que o dr. Thaumaturgo de Azevedo quer ser candidato á senatoria pelo Amazonas e por isso está á procura de um grupo politico que queira apoiá-lo.

Politica cearense.—A futura chapa de deputados
Dizem ser possível que a chapa de deputados pelo Ceará seja organizada pelo presidente do Estado de acordo com os elementos dos partidos ali existentes.

Roteleiro na Baía

RIO, 25—O dr. Arlindo Leone declarou que serão reeleitos pela Baía todos os deputados seabistas e também o sr. Castro Rebelo.

ESTRANGEIROS

Espectros pelos mortos na campanha
LISBOA, 24—Na igreja de Stibel, foram celebradas exequias pelos mortos na campanha.

Um falecimento

Falleceu o sr. Pedro Vidocira. Um avanço portuguez

O ministerio das colonias publicou uma nota da qual consta que o avanço das nossas forças já vai além de Rovima, tendo sido libertados os tenentes Mattos Preto, Calvio e outros, proseguindo as operações com toda vantagem.

Gêlo

Vende-se qualquer quantidade á rua Oswaldo Cruz (antiga rua Grandjean) junto á Companhia das Águas. Aceitam-se encomendas para entrega em domicilios. 3132—3

Abuzos a corrigir

Escrevem-nos:
«Pedimos ao poder competente, por intermedio dessa folha, que lance as suas vistas para o proceder da mór parte dos condutores de carros, que, sem o menor rebuço e contra a moral publica, andam geralmente, além de maltrapilhos, quasi que nus e, quer de dia quer de noite, repletos dos mais viciaes carros, muitas vezes em vertiginosa correria, á vista de pareos, o que pode ocasionar qualquer atropello e, bem assim, para os cabecos do interior da ilha que, puxando magros cavalos, perambulam pelas praças e ruas mais publicas, com as faldas das camizas lora das calças, todos pachorrentos, como se estivessem em suas cazas ou em alguma estrada do sertão.

Ora, isso em uma capital que goza de foros de civilização e que ostenta o pomposo titulo de Atenas Brasileira, dá muita indício de costumes áquelles que nos procuram, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Urge, pois, que a policia que, como parece, tem o precizo elemento para obstar tais abuzos, que muito nos deprimem, ponha um paradeiro a essas cenas, alias inqualificaveis.

«O Jornal», que se encontra de inteiro accordo com a opinião do missivista, gostozomnie subscreve o pedido de providencias acima exarado, que se torna necessário para cobrir semelhantes abuzos, dignos de um correctivo energetico.

F. TONY.
A UNICA QUE HONRA A INDUSTRIA NACIONAL, a unica que não tem competencia em qualidades a unica que foi premiada na Exposição Nacional de 1908.

Finalmente a SUPERIOR, entre as marcas de MANTEIGA PARA MESA, todas nacionaes como estrangeiras, que vem a esta praça. — A UNICA SEM RIVAL. — 3023—2

Para os Lazaros e Assistencia á Infancia
Entregamos, sabado ultimo, á Assistencia á Infancia 2.470 coupons da Ferro Carril e diversos da Casa Meirelles & C., na importancia de 4113,200 para serem resgatados em beneficio destas instituições; aquelles á razão de 5 réis cada um e estes á de 112 1/2 de valor neles declarados.

A SAUDE DO HOMEM é o mais generico de todos reconstituintes modernos C.—150

Brevemente

Abertura da CASA DIAS, á rua de Nazareth, 44

O seu proprietario, sobejamente conhecido em nosso meio, tendo chegado lá pouco da Capital do Paiz, onde adquiriu as maiores novidades em modas, confeccões e miudezas, especializando-se em artigos de luxo, inaugurará dentro em breves dias este elegante estabelecimento, no ponto mais central da cidade, para o qual pede a vizita das exmas. Familias Maranhenses. 262—8

TOLUOL

Cura tosses, Bronchites, Influenza e moléstias do peito, em 48 horas.

A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias.
Deposito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre

LOMBRICOIDE INDIANO
E' infallivel na expulsão dos vermes (lombrigas).
A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias.
Deposito: Pharmacia do Indio—P. Alegre

Lloyd Maranhense

O vapor «S. Paulo» sairá no dia 28, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Pedreiras
«S. José» sairá no dia 28, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Pindaré
«S. Pedro» sairá no dia 30, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Caxias
«S. Antonio» sairá no dia 30, ás 4 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 2 horas da tarde do dia anterior.

O vapor «S. Pedro» sairá no dia 30, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Caxias
«S. Antonio» sairá no dia 30, ás 4 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 2 horas da tarde do dia anterior.

O vapor «S. Paulo» sairá no dia 28, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Pedreiras
«S. José» sairá no dia 28, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Pindaré
«S. Pedro» sairá no dia 30, ás 6 horas da manhã. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia de saída.
Para Caxias
«S. Antonio» sairá no dia 30, ás 4 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 2 horas da tarde do dia anterior.

KOLA SOEL
Deve ser usada pelos anemicos, neurasthenicos, pelos que soffrem do estomago pelas senhoras que amamentam.
A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias.
Deposito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre. 1933

O JORNAL

A GUERRA

Telegramas especiais do «O JORNAL».

Os austro-alemães suspendiram as operações em toda a linha da frente — O custo da última investida do inimigo — Os franco-britânicos organizaram posições — Um grande campo entroncheado — A suspensão dos ataques será curta — Ponta destruída — Artilharia e crianças massacradas — Crise de transportes — O culpado das destruições — O comando em chefe do exército russo — Declarações da França sobre o governo russo — Os Estados Unidos não fornecerão munições à Rússia — Uma nota coletiva — Dielos de artilharia — Preparo para uma luta colossal.

ROMA, 1. — Nas noites de 20 e 27 últimas, foi suspensa a atividade do austro-alemão em toda a linha da frente após os combates de 25 e 26, nos quais dez divisões inimigas tentaram expugnar os montes Perica, Spioncica e Tomba, sendo repulidas e atiradas para o lugar donde haviam partido, perdendo a metade dos efetivos. O inimigo não tentou novas ações.

A última investida geral na zona do monte Grappa, custou ao general Krobattin below 30 mil homens.

As forças franco-britânicas organizam posições nas linhas da frente.

Os austro-alemães constroem um grande campo entroncheado no Tagliamento, reforçam a linha Valdobbiadene e a cumulum tropas no planalto Aslago do baixo Piave.

Acreditou-se a que suspensão dos ataques seja curta.

Na noite de 27 foi destruída com dinamite o ponto Vidor, sobre o Piave, pelos alemães.

Nas zonas invadidas pelos alemães foram massacradas mulheres e crianças.

GENOVA, 1. — Na reunião da Câmara de Comércio italo-brasileira foi discutida a falta de transportes para os portos italianos e do Brasil, sendo resolvido solicitar-se da Câmara de Comércio de S. Paulo que facilitasse a exportação de comestíveis para a Itália.

A Academia Maranhense

Reuniu, hontem, a Academia Maranhense, com a presença dos srs. Ribeiro do Amaral, presidente, Domingos Barboza, 1.º secretário, Alfredo de Assis, 2.º secretário, Godofredo Vianna, Justo Jansen, Fran Paxco, Barbosa de Godois e I Xavier de Carvalho. Foram eleitos membros efectivos da Academia os srs. Drs. Benedito de Barros e Vasconcelos e José de Almeida Nunes, a quem por proposta dos srs. Domingos Barboza e Alfredo de Assis, e este por proposta do sr. Godofredo Vianna.

Mediante proposta do sr. Barboza de Godois, foi eleito membro correspondente o sr. Viriato Corrêa.

O sr. Dr. Justo Jansen requereu que fossem incluídas na ata da sessão felicitações ao acadêmico sr. Dr. Alfredo de Assis pelo seu livro *Um crítico*, em que defende o seu outro livro *Costas da vida*, e em que faz, também, a defesa do nome de Sotero dos Reis, atacado pelo sr. Osório Duque Estrada.

Foi acolhido com aplausos unanimemente esse requerimento do sr. Justo Jansen.

A seguir, tomou a Academia varias deliberações a respeito da inauguração da estatua de João Lisboa, os srs. já inscritos que devem ser gravadas no pedestal, e a ornamentação da praça, resolvendo mais telegrafiar aos srs. vice-presidente da República, senadores e deputados federais pelo Maranhão, intendentes municipais do interior e colonia maranhense nos varios Estados, pedindo-lhes a sua adesão e convidando-os a, pessoalmente ou por meio de representante, assistir em solenidade de 1 de Janeiro vindouro.

Resolveu, ainda, a Academia mandar gravar duas medalhas de ouro, destinadas: uma ao exmo. sr. Dr. Luiz

F. A. C.

Procedeu-se, hontem, à eleição para a diretoria, comissão fiscal e Assembleia Geral desta futura associação desportiva, que tem de funcionar em 1918, e que deu o seguinte resultado: **Diretoria** — Presidente — J. M. A. Santos, 1.º e 2.º secretários — Alcindo Oliveira e José da Silva Coutinho, tesoureiro — Antonio Pinho Roza, diretor de sport — Edmundo Calheiros. **Suplentes** — João Jorge S. Freitas, José M. Prado, junior e Manuel Maia Ramos.

Comissão Fiscal — José C. Santos Guimarães, José Francisco Jorge e Horacio Aranha.

Assembleia Geral — Presidente — Joaquim R. Lopes da Silva, 1.º e 2.º secretários — Joaquim E. Belchior e Pedro Mendes.

O sr. Ceclio Lopes foi nomeado depositario geral, na comarca desta capital, na vaga por falecimento do cel. Guimarães Camara, que esse cargo exercia.

Os balancetes

Os coletores de S. Francisco, Picos e Imperatriz remeteram à secretaria da fazenda os balancetes do mez de setembro; os de Penala e Picos, os do mez de outubro.

Licou Maranhense

Sendo chamados, hoje ao meio dia, para exame final de portuguez os candidatos seguintes: 1. Ademar de Sousa Brito, 2. Benedito Rodrigues Balaia, 3. Benedito Augusto Rodrigues, 4. Clevis Alves Royal, 5. Domingos Soares da Rocha Santos, 6. Domingos Augusto de Nunes Costa, 7. Hugo Alves Pinto, 8. Emerson Fernandes Lopes, 9. Frederico da Costa Nunes, 10. Francisco Dias Carneiro.

Suplementares

1. Filomena Izolda Silva, 2. Primo Luiz dos Santos Brandão, 3. Francisco Lima, 4. Francisco Lisboa Vianna, 5. Floriano Pessoa da Silva.

Os Telegrafos

Aclam-se retidos, nosa repartição, os seguintes despachos: — Quintino Tavaira e Joana Gomes, 17 Novembro.

A ponte de Itamaueca

A ponte de Itamaueca, no Caminho Grande, está rachada ameaçando cair a qualquer momento.

Os bondes, que fazem o serviço da linha suburbana, por prudencia, chegam somente à Vila Flor, onde deixam os passageiros, que, neste tempo invernal, caem na lama.

Dois poderes competentes chamamos a atenção para este fato.

Ensino Primario

Ficou com saliente pratica inaceitavel de preparar alunos para exames de admissão no Liceu do Estado, lesinando tambem materia do curso primario em cuas particularidades ou na sua residencia à rua dos Afogados, 41.

Secretaria da Fazenda

Movimento do Cales Geral Dia 30 6144\$002 Importancia despendida 21691\$100 Saldo existente 209184\$676

Cronica social

Hoje—A intelligente menina Déa Galabiera, prezada filha do capitão Vicente Oliveira do Rego Galabiera.

—A senhora Francisca dos Anjos Corrêa. —O sr. Arthur Costa Lisboa, membro da firma Netto & Filho da nossa praça.

Maria Isabel Neto Costa Delleite, hoje, o aniversario natalicio da senhorita Maria Isabel Neto Costa, um dos ornamentos de mais destaque em nosso meio social, onde goza de justas simpatias e se tem revelado possuidora de uma educação esmerada.

A distinta aniversariante, que ora se encontra em S. Bento, «O Jornal» envia eluviosos saudos.

Batizados

O sr. capitão Benedito Pinto da Silva, auxiliado da firma Oliveira Neves & C., levou, hontem, à pia baptismal sua interessante filha: Maria Jurecy.

Foram padrinhos o sr. cel. Antonio Vieira e sua enxada. esposa. O ato teve lugar na capela do Paço Episcopal.

Advogacia

Alcides Pereira — Residencia e escritório à rua do Sol n. 17. EXPEDIENTE — 7 ás 9 e 1 ás 5. Telefone n. 24

Brevemente

Abertura da CASA DIAS, á rua de Nazareth, 44

O seu proprietario, sobejamente conhecido em nosso meio, tendo chegado ha pouco da Capital do Paiz, onde adquiriu os maiores novidades em modas, confeccões e miudezas, especializando-se em artigos de luxo, inaugurará dentro em breves dias este elegante estabelecimento, no ponto mais central da cidade, para o qual pode a visita das oximas. Familiar Maranhenses. 2912-3

De Arayozes

Recebemos do nosso correspondente o seguinte telegrama: ARAYOZES, 30. — Teve brilhantissimo excepcional a festa realizada a 28 do passado, no collegio municipal dirigido por d. Maria José Veras. Depois dos exames, succedeu a festa litero-dançante, recitando poesias, monologos, comédias e outras peças.

Além de apresentarem preparo intellectual exibiram trabalhos de crochets, bordados a lan, escomilhos e outros. Falaram sobre o ato o promotor dr. Trajajahu Moreira, que expoz a sua satisfação, na qualidade de inspector escolar, de fiscalizar a escola municipal referida, dizendo que o instruir se bem uma arte e que assim d. Maria José Veras era artista que trabalhava seu empenhamento para a grandeza de Arayozes e felicidade dos lares. Acrescentou que o magisterio devia orgulhar-se de possuir professora que possui tais qualidades. Discuturam mais, exultando os esforços, a competencia e a dedicação da professora, o Vigario, madame dr. Agnello Costa e cel. Mariano Clapças, que, perorando, disse o seguinte: de norte ao sul do Estado, de leste a oeste, decendo os picaros dos montes ou subindo as cordilheiras azues, correndo as praias abismadas de areias ou se afastando das aguas tóxicas, não há, podia afirmar, quem excedesse em competencia, dedicação e intelligencia, a professora municipal de Arayozes. Cuzos esporádicos, disse, são estes de certo na vida do magisterio, salientando-se raro surgir uma Luiza de Freitas. Terminando declarou fundada a Liga contra o Analfabetismo, mostrando necessidade de acompanhar Cururupú, Mosoró e Rio Negro e pedindo a congregação de todos os esforços para a diffusão da instrução. Disse ainda, textualmente: 'E' verdade que temos de encontrar officios a vencer, mas não é menor consolar que temos um Fabricio Diniz para bradar — avante!

A direção da Liga ficou assim composta: Presidente de honra, d. Maria José Veras; vice, Padre Assis; Presidente dr. Agnello, vice, dr. Trajajahu; Secretario, cel. Mariano Clapças; Tesoureiro o cel. José Machado. Ficou assentado pedir-se á camera que decretasse leis contra o analfabetismo e a manutenção de um collegio gratuito, intercedendo-se junto ao governo para criar um externato na Villa.

As damas terminaram ás duas horas da madrugada, sendo servidos doces e bebidas.

Agradecimento

A exma. sra. d. Zita Guimarães Cesar mandou agradecer aos pezaes que lhe enviaram por occasião do falecimento de seu esposo o cel. Antonio Guimarães Camara.

Bar Carioca

Louçou grande e soleta concorrência, hontem, durante a noite especialmente, o elegante Bar Carioca, que é, sem duvida, atualmente, o ponto predileto da elite social. E o Branco e o Gasparinho, sempre ativos zombeteiros, fazem prodigios de gentilezas para com os seus innumeros frequentes.

Tiro Coronel Rondon

Foram transferidas para as segundas feiras as reuniões do Conselho diretor.

Figueiredo & Irmão

de ser seu procurador, em Itapicuri, o sr. Francisco Manuel Cardozo, a quem haviam confiado todos os poderes para tratar de seus negocios all.

Antonio Maria Filho

communica aos seus clientes que reabriu seu gabinete dentario, no predio á Praça João Lisboa, n. 18, sobrado

2390-2

CUNHA & C.

IMPORTADORES e EXPORTADORES

Telegr. — Videnses. Rua Portugal, n. 83

COMPRA, aos melhores preços do mercado, todos os generos de producao do Estado. SACCAM, por cheque ou telegrama, sobre qualquer praça do paiz ou do estrangeiro, mediante modica commissão

Estatua de João Lisboa

De accordo com o que ficou deliberado em reunião haucta domingo proximo passamos, a Mesa da Academia dirigiu telegramas aos srs. drs. Wenceslau Braz e Urbano Santos, presidente e vice-presidente da Republica, aos nossos representantes na Camara e no Senado Federal e aos intendentes dos municipios do interior do Estado, convidando-os a fazerem-se representar na inauguração da estatua de João Lisboa, a realizarse a 1.º de janeiro vindouro.

Dirigiu-se tambem, por telegrama, á colonia maranhense no Rio, Pernambuco, Piauí, Pará e Amazonas fazendo identico apelo.

Sua de opinião que a posição a ser dada á estatua do grande João Lisboa, seja de frente para a rua do Sol. — J. Cunha.

—Para onde deve ficar voltada a estatua do glorioso Timon? Ollhando para o mar. Nam é caso para plebiscito. Jádi opinião contraria é absurda. Cito exemplos:—a nossa estatua de Gonçalves Dias, as de Floriano e Muna, nos extremos da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro (estatua de costas para a praia), a de D. José, em Lisboa, etc. etc.

E absurda, repito, a idéa de collocar-se de frente para o Circo, a estatua de João Lisboa. Fosse ele um apostolo da religião, mesmo assim deveria estar de costas para o templo, porque não se comprehenderia de outro modo a posição do apostolo.

Seria o mesmo que collocar a estatua de Benedito Leite no extremo da nossa avenida ollhando para o Palácio onde elle exerceu o governo. — José Ribeiro.

A estatua do glorioso patriota e inequalivel estilita João Lisboa, deve ser collocada com a frente voltada para a «Notre Dames», de forma que traçada uma diagonal do cinema S. Luiz ao canto da rua de Nazareth, venha a mesma linha apontar a estatua pelo meio.

Outra não pôde ser a sua posição, e a todos concentrada.—A. P.

—Não deixa de ter a sua razão quem entende que o bronze de Miogou deve ficar voltado para o lado opposto á Igreja do Carmo por ser mais trançado e assim mais exposta á admiração de todos, ao primeiro lance de vista. Porém, lembramos que a estatua de Gonçalves Dias, depois de muito discutida sua collocação, ficou resolvido voltado para o mar que serviu de modelo ao grande poeta. A parte lateral da praça para a qual ficou voltado o monumento não é precisamente a mais frequentada, nem mesmo em tempo de festa. Ainda mais, a estatua daquelle individual preta não está situada vis-a-vis á porta da Igreja dos Remedios como acontece com a do inexcusable escritor do «Timon», segundo os planos a executar.

No Pará, ao centro da praça Visconde do Rio Branco ladeada de quatro ruas, todas bem frequentadas, havendo uma delas uma Igreja, ergue-se a estatua do dr. Malcher e esta não dá as costas para o templo.

Aqui mesmo, a estatua do dr. Benedito Leite, na praça do mesmo nome, em vez de ollhar para o ponto mais concorrido que é o encruzamento das ruas de Nazareth e Palma, está voltada para a rua do Sol, pois que ficaria melhor. — Um maranhense.

—Em vista de tantas opiniões a respeito da forma por que deve ficar collocada a estatua do grande escritor João Lisboa, vimos tambem dar a nossa achamos que deve ficar ollhando para a rua do Sol, pois que ficaria melhor. — Um admirador do grande mestre.

—O sr. Julio dos Santos veio declarar-nos que vota para que a estatua fique de costas para a Igreja.

Vida sportiva

Será, amanhã, ás 16 horas, que o «Luzo Brasileiro» enfrentará o «Vasco da Gama» no campo do primeiro destes clubes.

Pelo entusiasmo que vem despertando esta pugna, é facil prever que o match que se vai empenhar no proximo domingo entre os teams Ypiranga e Carioca será assistido por uma fazenda e avulsa assembleia.

Os jogadores estão assim dispostos:

Table with 2 columns: YPIRANGA and CARIOCA. Lists names of players like Cavalanti, Genaro, Arlindo, Augusto, Domingos, etc.

Paio Lombro vendem, artigo novo e barato, 5311-5. Figurado e Imbuo.

O povo reclama

Muito custava implantar na nossa S. Luiz, todos os melhoramentos de que lá dispõem muitas outras capitais dos Estados do sul do paiz, porém em a autoridade competente tomar em consideração e fazer desaparecer por uma vez o inqualificavel abuso que os malvados carreiros praticam a todo momento, maltratando os pobres animas que tanto lhes auxiliam, não ha dificuldade, e além de tudo é uma necessidade.

Não ha dificuldade porque não se trata de arbitrariedade; e necessidade pelo fato desses pobres animas puxarem pesos superiores ás suas forças, sendo ainda esparçados de um modo revoltante. Melhor tratamento deveriam ter esses intellizes quadrúpedes, para os quais seria justo que fosse fixado um certo peso para puxarem, não só pelo estado da magreza em que vivem, mas ainda pela grande desvantagem que ha da nossa cidade ser bastante montanhosa.

Espero, pois, que a autoridade providente fizesse desaparecer esse mau habito dos estupeiis carreiros.

11-11-917. Kemp.

Café Central

Este café abre-se ás 7 horas da manhã tendo café chá, leite, doces, bolo e mais novidades! Rua Cel. Collares Moreira 3292-1

Falecimentos

Sacumbiu, em Pedreiras, ha dias, a srz. d. Zelinda Amaral, esposa do sr. Antenor Amaral.

A extinta, que era muito relacionada naquela localidade, gozava de geral estima. A familia entuada enviamos sinceros pezemes.

Um méro

A vizaram-nos que, hontem, por lá manhã, foi encontrado no furo do esgoto, no dique, um Méro medindo 75 centímetros de comprimento.

No ventre do peixe acharam 3 pintos.

Linguica grossa

Em latas de 4 libras, recobram, e vendem barato. FIGUEIREDO & IMAO 3297-5

Prorogação do Congresso

A Camara aprovou a prorrogação das sessões do Congresso até 31 de dezembro

Atelier da moda

E' realmente interessante a importância que um detalhe do vestuario feminino de repente assume, tornando-se o caracteristico da moda de uma época. Os lobos foram o ultimo exemplo e os cintos preparam-se agora para substituí-los em tal ponto.

Os cintos frouxos e largos, que a moda da estação que ora começa está passando em voga, trazem a influencia oriental, simplesmente enrolados á cintura, mas logo sobre o busto ou sobre os quadris, contornam o corpo a que se destinam, em cintos d'ão ao vestuario um aspecto novo e de uma elegancia cheia de simplicidade.

Sobre as salas que vão ser todas semelhantes, isto é, curtas e estreitas, eberá ás blusas em tecido de longas jaquetas, blusas contido pelo cinto, e renovação da "moda". Será sobre essas blusas que os cintos representarão um grande papel. Em "tricot" de seda, em mal piqué, com grande gola quadrada, um cinto do mesmo tecido passando a primeira vez na altura do talco e depois descendo para encostar-se mais abaixo em sua segunda, para vir atar-se por fim na frente sob o peço de dois grandes "glans" de seda, eis o modelo que sempre se vê em Paris, um singular excênico e muito característico.

O inverno vem impondo em Paris as formas paucenas. São comuns as "manchas" minúsculas de penas acopladas ao fecho da cabeca, parecendo á distância, estar quem as traz em um cabido. Um véo de renda ou bordado, violeta, quasi sempre cobre o cabeça e rosto.

Usam-se tambem as formas de veludo negro, muito altas, e grandes "berets", bege e cinza, sem outro enredo que um pequeno véo.

Sem dúvida o chapéu grande e plano, o que nos convem agora, tem mais outra elegancia, é o chapéu schlegel por excelência. Freqüente o inverno parisiense não o exclude, pelo contrario, os modelos dessa natureza são numerosos. A favor desses chapéus uma revista da moda Le Monde que sempre que uma senhora nos chama a atenção na rua, pela sua elegancia, traz um grande chapéu, de largas "bolsas" brancas. E não é para desprezar a meia sombra em que os chapéus grandes envolvem a nionomia, fazendo ressaltar, fúsculamente, o brilho dos olhos.

Uma tendência para o "drapé" dá a dia se accentua sendo no que diz respeito á saia, em relação ao corpo. Graalmente esses corpos formam-se pelo cruzamento, sobre os seios, dos panos, os fêmes sendo o que passa por cima preenhe um ou dois lobos na cintura, para chlar em ponta ao lado, ao longo da saia.

Nada se pôde afirmar sobre o comprimento da cintura. A moda não determina ainda de definitivas serias longas ou curtas, parecendo que continuará a vagar esta indeterminação usando cada um o que melhor lhe parecer.

ANTONIO CORRÊA LIMA Cirurgião dentista Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia Com longa pratica Rua da Palma, 22 C. 1328

TRIBUNA LIVRE

Bilhete Postal MERCULIANO

A minha vignenga já começou. Os meus pinguins amigos já estão lozendo janhu.

Lá, mais uma vez, esse bello artigo do jornal «Comarca do Codó», e que o teu jornal «O Estado» achou tão bom e tão justo que o transcreveu, na sua edição do dia 4 do corrente.

Garanto-te que, com toda o meu despeito, não te diria tanto.

Olha que aqui está duro de roer, e vê bom que foi o «Estado» — o jornal que fundaste para te defender, vel' bom, é o «Estado» que agora te está acozando.

Isso ainda é o começo do teu castigo e da minha vignenga. Espera pelo resto que vem chegando... Maranhão, 6 de dezembro de 1907.

H. Gusmano.

Cel. Brício de Araujo A «Comarca do Codó», tratando da investidura do exmo. sr. coronel Brício de Araujo ao governo do Estado, publicou o seguinte: «Adiuse á frente da mão do estado, o exmo. sr. cel. Antonio Brício de Araujo, na qualidade de seu primeiro vice governador.

E em todo esse paiz muito conhecido o nome de s. ex. como pollicente largo descriptivo.

Foi sempre um dos bons elementos do antigo partido que obedeceu á sabia e criteriosa orientação de Benedito Leite, o morto querido de quem já mais se esquecerá o Maranhão.

Como representante do povo

LOMBRICOIO INDIANO

E' indifferente na expulsão dos vermes (lombrigas). A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias Deposito geral: Pharmacia do Indio—P. Alegre

Chapelaria Central

A CHAPELERIA CENTRAL acaba de despachar um bonito sortimento de CHAPELOS DE BELLO, CLAIQUES DE SETIM, CHAPELOS DE FELTRO, chatos e redondos, mollos e duros, CHAPELOS DE PALHA, de diversos gostos e qualidades, que vendem sob medida, GORROS, DE VELLUDO e CASEMIRA, PARA MENINOS, e BONETS DE CASEMIRA, para viagem. Tem sempre em deposito todos os apetrechos de officios para OFFICIAES DO EXERCITO e GUARDA NACIONAL. Confecciona bonets militares assim como para a maninha mercantil. Concorra todas as qualidades de chapéus, com promptidão, e lavam-se chapéus de Panamá.

Furtado & Comp

Rua Oswaldo Cruz, n. 16 C. 3047

no congresso do estado, o sr. coronel Brício se houve com distincção e elevação de espirito, marcando de seus paries a escolha para dirigir os trabalhos daquele departamento legislativo.

No momento actual, goza s. ex. na politica do Estado de posição de destaque, ao mesmo tempo que representa uma esperança para os optimidos.

Sim, como o inicio do governo do coronel Brício de Araujo, o povo tem a mais sincera e arraigada esperança de que as vignengas mesquinhas e inqualificaveis torres não desaparecer, assim como as nefastas oligarchias e odiosas preferencias que têm avassalado alguns innociosos do Maranhão, tudo açambarcando com o mais criminozo desprezo ás leis e ao direito.

A historia não terá mais que registrar fatos deprimentes aos creditos de um povo que se afana de ser civilizado.

O direito do cidadão será respeitado, como o manda a Constituição.

Convencidos, como toda a população do Estado do Maranhão, de que a administração do exmo. sr. coronel Brício de Araujo, será toda pacifica e fecunda em beneficios para o Estado que se orgulha de tê-lo por filho, a «Comarca» saúda a s. ex. auspiciando-lhe felicidades pessoais. 3314

Do mundo

«Bahia» a 11 «Rio de Janeiro» a 10 «Maranhão» a 17 «Paris» a 24

A ENTRAR

«S. José», para Pindaré, a 10, ás 16 horas. «S. Paulo», para a Ilha da Corda, a 10, ás 16 horas. «Santo Antonio», para Caxias, a 10, ás 16 horas. «Rio Branco», para Caxias, a 10, ás 17 horas. «Vitória», para Vianna até Gibiry, a 10, ás 17 horas. «Fragozo», para Pindaré, a 11, ás 17 horas. «Gonçalves Dias», para o Meirim, a 11, ás 17 horas.

As saídas dos vapores do Lloyd, do Rio de Janeiro, serão ás sexta-feiras. O «Maranhão» chegará na Bahia a 10, no Recife a 12 e aqui a 17.

O «Bahia» fica esperado no Pará, vindo de Manaus, a 9. O «Bahia» chegará do sul a 10, ás 6 horas, saindo para o norte a 10.

O «Bahia» chegará do norte a 11, saindo para o sul á tarde. O paquete «Paris» deixará o Rio a 14, tocará na Bahia a 17, no Recife a 19, ficando esperado aqui a 24.

O «Tela», vindo de New-York, chegou ao Pará a 30 de novembro e seguiu para Manaus a 1 do corrente.

Do publico

A Empresa Teatral e Cinematografica sempre solicita em atender ás reclamações que lhe são dirigidas, rezolven continuar a exhibição das pelliculas que constituem o drama ENIGMA DA MASCARA, prevenindo aos seus habituos que assim procede em vista do pedido feito pela «Ucolilha» de antes da hontem.

Esta rezolução é simplesmente no intuito de proporcionar o drama completo áqueles que o dezanjam ver, não se importando com as frequentes interrupções a que será obrigada a projeção, em vista de se encontrarem denanzado fatigadas as pelliculas.

O ENIGMA DA MASCARA, portanto, continuará a ser exhibido nas suas outras series, até que o publico, que agora exige a sua continuação, exija tambem a sua retirada do Cartaz.

As habituos, que deejem conhecer todo o drama, a Empresa pede indulgencia para os defeitos da pellicula. A Empresa. 3315

Velho! Ovelho! A mocidade é tudo... Lêde com atenção o annuncio deste jornal sobre A SAUDE DO HOMEM 107-C

Negrolina

TINTA FIXA Propria para marcar caixas, saccos, etc. Deposito: J. Travasso & Cia. Travessa do Commercio 3313-15

Companhia Fluvial Maranhense

Para Caxias O vapor «Rio Branco» sairá no dia 10, ás 5 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 2 horas da tarde. Para Vianna até Gibiry O vapor «Vitória» sairá no dia 10, ás 5 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 3 horas da tarde. Para Pindaré O vapor «Fragozo» sairá no dia 11, ás 5 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 3 horas da tarde. Para Meirim O vapor «G. Dias» sairá no dia 11, ás 5 horas da tarde. Recebe passageiros e encomendas até ás 3 horas.

Lloyd Maranhense

Para Pindaré O vapor «S. José» sairá no dia 10, ás 4 horas da tarde. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída. Para Barra da Corda O vapor «S. Paulo» sairá no dia 10, ás 4 horas da tarde. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída. Para Caxias O vapor «Santo Antonio» sairá no dia 10, ás 4 da tarde. Recebe carga até á vespera e passageiros até o dia da saída.

TOLUOL

Cura tosses, Bronchites, Influenza e moléstias do peito, em 48 horas. A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias Deposito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre

Curas

Curas tosses, Bronchites, Influenza e moléstias do peito, em 48 horas. A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias Deposito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre

LOMBRICOIO INDIANO

E' indifferente na expulsão dos vermes (lombrigas). A' venda em todas as lojas Drograrias e Pharmacias Deposito geral: Pharmacia do Indio—P. Alegre

KOLA SOEL

Dove ser usada pelos anemicos, neurasthenicos, pelos que soffem do estomago pelas senhoras que amamentam. A' venda em todas as lojas Pharmacias e drograrias Deposito geral: Pharmacia do Indio—Porto Alegre. 1243

O JORNAL

João Francisco Lisboa

Aspecto da praça, á tarde—A inauguração da estatua—Os ardores—Hino a João Lisboa—Notas

Foi uma verdadeira e deslumbrante apoteose ao genio excolto do Timon, a festa de hontem.

A tarde, estava um pouco nublada. O sol, encoberto, lançava uma luz baça sobre a praça João Lisboa, qua desde cedo estava repleta. Notava-se um movimento extraordinario. Os palanques armados em frente a estatua, para autoridades e delegações, e famílias, replegavam. As 16 1/2 horas chegavam, em automoveis, os srs. cel. Antonio Brício de Araújo, governador do Estado, dr. Clodomir Cardoz, intendente municipal, e membros da Academia Maranhense, indo ocupar a tribuna para esse fim lora assignada, onde os aguardavam autoridades locais, delegações das Forças Federais e Estaduais, s. exc. revm. o sr. Bispo Diocesano, representantes dos municipios, etc.

As bandas de musica saudaram a chegada dos chefes do Estado e da Commun com um hino maranhense.

Nesse momento era incomputavel a assistencia que enchia a praça, estendendo-se pela escadaria do templo do Carmo, onde inumeras familias tomavam logar.

Pouco depois assentou a elegante tribuna, onde se viam os pavilhões patrio e estadual, a veneranda figura do sr. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Maranhense, que produzia uma peça oratória de subido valor, pelo profundo estudo feito da personalidade do Timon.

Após a entrega por s. s. d. monumento ao municipio da capital, s. exc. o cel. governador do Estado desvendou a estatua, que se encontrava envolvida pelas bandeiras do Paiz e do Maranhão. Uma salva de palmas saudou a figura excolta de João Lisboa.

Seguiu-se com a palavra o dr. Clodomir Cardoso, que leu uma verdadeira joia literaria, encorajando uma análise demorada e bem feita do caracter e da obra de João Lisboa, em nome da capital, agradeceu, em nome da capital, a entrega do magnifico bronze de Jean Mgrou, a quem teve palavras de elogio. S. s. encerrou o seu discurso enaltecendo o ato do sr. cel. governador do Estado, que promoveu a ereção do monumento do grande maranhense. A oração do Governador da Cidade, foi grandemente applaudida.

Fran Paxeco, aderindo aos festejos em nome da Academia das Sciencias, de Portugal, fez um belo discurso, que mereceu muitos elogios.

Em Portugal

Morte de um antigo par do Reino LISBOA, 31.—Faleceu, em Viana de Castelo, o sr. Manuel Afonso Esperequeira, antigo par do Reino.

Tropas que seguirão Serão enviados a Moçambique contingentes do exercito e armada para reforçar as tropas que combatem os alemães.

Anistia de militares Serão anistiados os militares castigados com penas disciplinares, depois de 14 de maio de 1915.

Em liberdade Foi posto em liberdade o sr. Augusto Soares.

A batata e o arroz O governo fixou preço da venda, a retalho, da batata e do arroz.

Mortos em combate No combate de Negman, na Africa, foram mortos os portugueses maiores Teixeira Pinto, Pinto Tavares, tenente Ponce Carvalho e alferes Levindo Santos Lucas, sargento Franca Carvalho e soldados Garcia Pinho e Izidoro Prata.

Cronica social

Aniversarios
Hoje—O sr. João Pereira dos Santos, chefe da firma Santos & Moutos.
—Amanhã, a exma. sra. d. Luiza Serra de Meneses, esposa do major João de Castro Meneses, negociante de nossa praça.

Hospedes e viajantes
Para o norte, a bordo do «Caras», seguiu o sr. Demostenes Veiga, inspector fiscal no Amazonas e no Acre.
—Vindo de Monte Alegre, chegou, hontem, a esta capital, o sr. Gerson da Costa Nunes, importante comerciante naquela localidade.

Pede-se aos srs. assinantes o obsequio de mandar pagar as suas anuatuarias em atraso.

De Arayozes

Do nosso correspondente recebemos, em 31 do mez findo, o seguinte telegrama:

ARAYOZES, 31.—Pessoas cultas da terra extranjiro o telegrama da professora do Estado, publicado no «Diario Oficial» de vintae de dezembro, dizendo que o intendente recebeu, assim como o coletor estadual, copia de telegrama que passou ao Governador, em vinte de novembro, que o intendente quer politizar envolvendo a instrução, e que o coletor é desafecto do seu mandato. A extraneza parte do principio de ser signatario do referido despacho a professora e, assim, devia saber que o cel. Mariano Chagas é desafecto do seu marial, nunca o Coletor, qualidade que afasta individualidade, para apparecer intrinseca tão só o poder que representa, devia saber que seu cargo tem a função simplesmente de distribuir a instrução e ficar longe de envolver-se em parcela de politica que nunca teve e nem tem a professora Estadual, que, esquecendo o nobre mister que desempenha, procura firar a professora municipal, quando as promozões que estoura torando clandestinas, assinando o Promotor, por mera deferencia pessoal, segundo corre. Quatro anos faz que a professora estadual iniciou os trabalhos escolares, aqui quando termina o curso? O povo interoga. E o intendente, com facilidade, conseguia uma habilitação, declarando a nulidade dos serviços da professora.

Correspondente.
PLANTÃO
Fará plantão, hoje, a farmacia S. José, á rua de S. Pantaleão, n. 12.

Religiozas
Amanhã, ás 6 horas, reza se missa, na igreja de S. Pantaleão, por alma de Henriqueta do Rozario Mendes, 30 dias do seu falecimento.

As forças perdidas adquiri-se com o uso do «Vinho Cressotido», do farmaceutico João da Silva Silveira.

O bairro comercial
Os srs. C. S. de Oliveira Neves dentro em breves dias mudirão o seu estabelecimento bancario para a rua Portugal, onde está sendo construido, especialmente para esse fim, magnifico prédio, com otimas acomodações apropriadas ás suas multiplas seções e mobiliario adequado, prometendo, desta forma, ser um dos melhores bancos locais.

Esjara o UNGUENTO HEROICO para o tratamento da Escama, Erysipella, Tumores, Ulceras e Feridas, por mais antigas que sejam, Recomendado por grandes surdiades Medicas da Uniao no tratamento de moléstias da pelle, embora consideradas incuráveis. 3141

Teatros & Cinemas
C. T. S. LUIZ
O «Epigrama da Mascara», nos seus 11 e 12 episodios, a «Deserra do Maneta» e o «Barroco de Tinta», prendem muito uma vez, a atencao dos «habitues» do S. Luiz. São estes episodios, talvez, os mais interessantes de todo o romance, razão porque é facil prever para a «espectra de hoje uma boa casa.

A «America preparada», film natural de subido valor, abreira a programma.

Amanhã—«A Adultera», trabalho da «Fox Film», a que, como todos os desta reputada fabrica, muito se recomenda pelo cuidado com que foi executado.

—«Subido»—«Marcella», interpretada pela Bella Hesperia.

—«Domingo»—«Coração de Tigre», por Theda Bara.

VIDA SPORTIVA

O «match» jogado hontem—«Paysandú» versus «Internacional»—Foi disputada a medalha de ouro oferecida pela Imprensa local—A pouca resistencia dos «players» piulhienses—O bem combinado jogo dos «paysandunes»—Um «score» vitorioso—A victoria dos paraneses—Manifestações ao «team» vitorioso—Notas

Muito ao contrario do que se esperava, o jogo de hontem, do «Internacional Athletic Club», que se bateu em um «match» de foot ball com o «Paysandú Sport Club», foi um verdadeiro dezastr.

As 16 15, conforme estava anunciado, prezentes em campo os foot ballers dos dois clubs que iam travar a luta, o referee procedeu ao loss, collocando-se o «P. S. Club» do lado da rua Oswaldo Cruz, começando logo a partida, por entre aclamações da grande assistencia que ali se encontrava.

Não tardou muito, porém, e a meta do club piulhiense começou a ser vazada por uma verdadeira avalanche de goals.

A linha do valoroso «Paysandú», quando avançava, polia-se esperar na certa a marcação de um ponto. E quando tal não acontecia, quasi sempre o «keeper» do «I. A. C.», em defezas decoratadas, cometa corner.

E toda a linha do «Internacional» atropalhou-se de tal forma que eram frequentes as furadas de bola.

Durante o «half-time» foi verificado o score de 7 x 0, a favor dos «paysandunes».

No 2º tempo, que decorreu da mesma forma que o 1º, para os piulhienses, foi assinalado um score ainda maior.

Já quizi no final deste «half-time» os «players» belenenses começaram a fazer passes em toda a linha de avanço, para se não aproveitar das vazas que o adversario, desnoratado, lhes oferecia.

E, assim, foi uma verdadeira decepção para os «habitues» do «I. A. C.» o jogo posto em pratica pelos jogadores piulhienses.

O «Paysandú», como sempre, esteve admiravel, recebendo mercedos aplausos dos assistentes.

Joãozinho, hontem, descaçou um pouco, porque a bola poucas vezes lhe viu a porta do goal, e quando isto acontecia, era ella repelida com seguranga.

O Guimarães, do «P. S. C.», esteve admiravelmente bem na sua posição.

As notas a recolher
Continuam a ter o desconto de 4 1/2 ou 40 réis, em cada dez tostões, durante o mez de janeiro, as notas a recolher, dos valores de 10, 20 e 50.

A Delegacia espera as novas notas de 10 e 20 para poder atender a todos os trocos.

LA FEMME CHIC
LES GRANDES MODES
A MODA DE PARIS
PARIS ELEGANT
chegadas hoje, á venda na
Tipograpia Teixeira

Rs. 2.800.000!..
Vejam o premio a ser distribuido no dia 4 de janeiro de 1918 pela
CREDITO MUTUO PREDIAL
á rua da Cruz, n. 61—Subrado
Habilitem-se! Habilitem-se!
3363—9

Hoje, ás 19 horas, reunem-se no logar do costume, os confrades da Conferencia da Interculada Conceição, da Sociedade de S. Vicente de Paula.

TABACARIA ELITE MARANHENSE
Grande liquidação
FUMOS—Braganca, Rio Novo, Goyano, Turco, Ciporal e Alcatraz, em pacotes e latas de 25 grammas a um kilo, artigo de primeira.
CIGARROS—Do Rio e do Paris, a 900 réis.
CHARUTOS—Dos melhores marcas e fabricações.
Cigarritos, mortallas, piteiras, phosphoros, e todos os artigos para fumantes, encontram-se completo sortimento, a preços sem competencia, porém a dimheito, na
TABACARIA ELITE
Praça João Lisboa, 2.
3344—2

NUTRICINA VICTAL
— ALIMENTO DE SANGUE E PHOSPHORO —
O maior reconstituinte da actualidade
UNICOS DEPOSITOS
Pharmacia do Norte — Pharmacia João Victal
3369—5

Para Anos e Reis
Figueiredo & Irmão receberam o seguinte: passas, figos, amendoas, ameixas secas, peras e pecegos, que vendem ao mais modico preço do mercado. 3371—3

sendo-lhe, ao terminar a partida, oferecido um bem coordenado ramillete de flores naturais.

Durante todo o «match» logo o movimento do jogo:

«Paysandú»—marcou 15 goals, cometendo 12 free kicks e 1 corner.
«Internacional»—cometeu 15 corners e 5 free kicks, não marcando um goal, sequer.

Como se vê, portanto, coube ao «Paysandú» a victoria na pugna de hontem, a : do torneio inter-estadual, em a qual foi disputada a bela e significativa medalha de ouro oferecida pela Imprensa local.

—Após o «match», na ocasião em que saíram do field, vencedores e vencidos foram recebidos com demoradas salvas de palmas.

—Durante o percurso que fizeram, em automoveis, da séde do «I. A. C.» ao Hotel Central, onde se acham hospedados, os «paysandunes» receberam manifestações de apreço.

—Apesar da festa da inauguração da estatua de João Lisboa, a assistencia ao «match» de hontem foi maior de 3.000 pessoas, estando as elegantes arquibancadas repletas de familias.

—Os goals marcados pelo «P. S. C.» contra o «I. A. C.», foram, respectivamente, nos seguintes tempos : 1º : half-time—4, 15, 4, 25, 4, 28; 4, 29, 4, 31; 4, 34 e 4, 40.

2º : half-time—5, 03; 5, 15; 5, 27; 5, 32; 5, 35; 5, 36; 5, 37; e 5, 39.

F. A. Club
Realiza-se, hoje, á noite, a reunião semanal do «F. A. Club», na sua séde á rua Oswaldo Cruz.

O sr. José Pires Rebelo, sub-diretoreiro da E. F. S. Luiz a Caxias, ofereceu uma taça, a que denominou «Felix Pacheco», para ser disputada pelas «equipes» do Maranhão e Piauí.

—No campo do «F. A. C.» deverão bater-se, amanhã, pela 2ª vez, as «equipes» do «Paysandú» e do «Internacional», disputando a taça dos empregados do comercio.

—No proximo domingo biter-se-ão, pela primeira vez, os foot-ballers Maranhenses e Parnahibanos.

A SITUAÇÃO.

BENEFÍCIOS.

Foram creditados á Associação dois benedictos: um no theatro S. Luiz, pelo sr. Gormano Francisco de Oliveira, e outro no circo equestre da companhia que ultimamente esteve nesta cidade.

No primeiro liquidámos. . . 820\$340
E no segundo. 246\$000

Total. 1066\$340

IMMIGRANCIA.

No exercicio findo apenas um socio, gravemente enfermo dos olhos, reclamou e recebeu os socorros que lhe eram devidos.

Foi assistido de medico pelo nosso prestimoso presidente honorario o sr. dr. Antonio Henriques Leal.

Não desfazendo em nenhum dos votos, que honram o nosso quadro honorario, e o sr. dr. Antonio Henriques Leal, d'entre elles, a quem a Associação mais deve; já como medico, sempre prompto a prestar seus valiosos serviços aos doentes que d'elles precisam, quer empenhando-se por qualquer pretensão desta corporação.

Esta Associação, nos 6 annos de sua existencia, tem prestado socorros na devida e á de seus socios e auxiliado 2. Os dois funcaes foram feitas com decencia, sendo acompanhadas á semelhança por grande numero de cidadãos de todas as classes da sociedade, que nessas occasiões assistiu e prestaram as sympathias de que goza esta philantropica Associação.

RECORRENCIAS.

Em consequencia das desorganizaes recorrentes havidas na corte do imperio, entre o direito do Brasil e a força da Gram-Bretanha, o sr. Gormano Francisco de Oliveira deu um espectáculo no theatro S. Luiz, para o seu producto ser applicado ás urgencias do estado. O conselho resolveu que fosse a Associação representada nessa recia theatrica, por uma commissão, a qual eultou se pagou por um canario 20\$000 reis.

Chegando ao conhecimento do conselho ter fallecido na cidade de Lisboa o distincto litterato brasileiro João Francisco Lisboa, nosso socio honorario, o presidente effectivo mandou resar uma missa, por sua alma, na igreja de S. João, á qual assistiu toda a Associação.

Do exposto podeis inferir, que se o estado da Associação não é como seria para desejar, é com tudo animador, e a continuar na marcha pausada, mas progressiva, que tem tido nos tres ultimos annos, em breve chegará á posição que lhe compete ocupar entre as primeiras de seus irmãos.

Os socios que hoje conta, e que se acham quietos, são o que ha de melhor na arte typographica nesta cidade. A estes compete trazer o outros ao gremio, inspirar-lhes sentimentos mais nobres, habidos de economia e moralidade.

Se o interesse pela Associação far, como deve ser, abraçados por esses homens, em breve veremos a arte typographica completamente regenerada nesta provincia.

Essa regeneração, e a prosperidade d'esta Associação estão dependentes, em grande parte, dos proprietarios de typographias, que tem quasi sempre o lido com indifferença para uma e outra; desprezando por interesses mesquinhos de momento, interesses reaes e duradouros.

Combinarem-se entre si para depois impôr aos seus operarios, não é praticar uma violencia, é um acto meritorio, que o proprio violentado, senão logo, mais tarde agradecerá; e se elle é tal que obstinadamente recusa o serviço que se lhe presta, tambem não é digno das honras que o immortal Guttenberg legou aquelles que reproduzem os effeitos de seu maravilhoso invento.

Este conselho está convencido, que desses senhores, tem como de seus administradores, e depende essa generosa revolução, e que se elegessem a um verdadeiro e sincero accordo, dentro em pouco, só deixariam do pertencer a esta Associação aquelles que estivessem no caso de por ella ser rejeitados.

O conselho julga que na exposição que

que acaba de fazer, vos tem orientado do estado da Associação, não como a maioria podia e devia ser tratada por pessoas habilitadas, mas como vivo pertuliram suas fracas habilitações e talento de que é falto. O que vos garante é que todos os seus actos foram sempre bem intencionados e no intuito de accertar. O interesse, gloria e progresso da Associação Typographica Maranhense, e a moralisação da imprensa, foram o guia de suas acções, e na esperança de conseguillo arrostaram de animo sereno e consciencia tranquilla as consequencias de seus actos. Do pouco que fizeram, não esperam, nem merecem louvor, mas ser-vos-hão reconhecidos se creverem a vossa approvação.

Sala das sessões da Associação Typographica Maranhense, 8 de setembro de 1863.

- José Maria Corrêa de Frias, presidente
Manoel Francisco Pires, vice presidente.
Joaquim Luiz Carlos Barbosa, 1º secretario.
Antonio da Rocha Bucha, 2º secretario.
José Typodoro da Silva, thesoureiro.

Breve alluagão recitada ao encerrar a 7ª sessão magna da Associação Typographica Maranhense, a 8 de setembro de 1863, pelo presidente honrário da mesma, o Dr. Antonio Henriques Leal.

Pobres, senhores, que antes de encerrarmos os trabalhos d'esta sessão, vós misturais aos júbilos e alvoroços d'ella, recordações do dor e saudades pela perda de um consocio, que valia por muitos, que será sempre uma das maiores glorias da litteratura patria, que aliás conta tam peregrinos e soberbos talentos.

Esse grande vulto litterario, esse ornamento tam brilhante da imprensa moralizada e instruída, esse maranhense que tinha já illustrado e illustrará no porvir o nome da terra onde nasceu, e a quem dedicara as vigílias e estudos d'estes ultimos annos, desapareceu da face da terra no dia 28 de julho entre as angustias de uma morte dolorosa, em terra estrangeira, longe d'amigos que o abraçassem, e da luz que primeiro viria ao despertar da vida. Na virilidade do genio, quando tinha armazenado n'aquelle vasto cervello tantos e tam variados conhecimentos, e que as obras do cubito prometiam sair talladas em toda a perfeição da madureza, é que vimos fundirem de em um momento esperanças nunca desmentidas pela actividade no labor, e nobre ambição de quem se sente com pujança para duradouras e grandes empresas.

Não era somente João Francisco Lisboa o cidadão cheio de virtude e patriotismo, o orador eloquente e vigoroso, o philozopho pensador e profundo, o historiador amante da verdade, o escriptor brilhante e d'estylo apurimorado, mas tambem era o constante propagador da liberdade e instituições patrias, e que passara seus melhores annos na lide jornalística, tendo em alto preço a imprensa e seus operarios.

Reminidos-nos hoje pela primeira vez depois de tam infansto e doloroso acontecimento, não me pôde soffrer o animo e a memória que não rendesse á memoria de tam consciencia varão este frago tributo de homenagem, antes de dirigir algumas palavras d'annuação ao novo conselho director da Associação Typographica Maranhense.

Depois do christianismo, senhores, é a sublime arte de Guttenberg o mais benedicto, o mais luminoso, o mais fecundo e moralizador dos dons com que approve á Providencia Divina dotar a humanidade.

Essa luz, que illumina o espirito, que lhe faz entrever um mundo de venturas sem fim, que nos dias apertados e de angustia consola o coração, e que é o fôco da fé, foi completada por esta outra luz que é seus raios, e se estende em todos os sentidos, e penetra a intel-

ligencia, e a avigora, e faz conhecida a quella—e chama-se imprensa.

A imprensa, hindo devarras as sciencias divinas e humanas nos recessos das cellas dos mosteiros e nas bibliothecas puerntas dos palacios para projecta-las no meio das trevas que obcecavam os póps, e para propaga-las e faze-las sabidas de todos—pobres e ricos—dignificou o homem, e preparou-o para esta grande obra do progresso e da civilisação, de que é este seculo fecundo em que vivemos um dos mais gloriosos estalios.

Todos os grandes movimentos da humanidade, todas as conquistas mais celebres e prolifias em resultados quer nas artes, quer nas sciencias, que se tem conseguido de quinhentos para cá, principalmente depois de 93, são agitados, tem nascido dos caracteres moveis descubertos por esse modesto operario de Maguncia.

D'ahi tambem o amor e respeito com que os povos olham e acotam essa ave sacra e seus sacerdotas e operarios. D'ahi tambem os privilegios e resguardos de que a cercam os pactos sociais dos nações livres. D'ahi tambem, senhores, a mór somma de responsabilidade moral que pesa sobre os que se dedicam á imprensa, quer como instrumento activo e intellectual, quer como instrumento passivo e material: não é só sobre aquelles que tem a melindrosa missão de guiar e esclarecer as massas pelos escriptos, como tambem sobre os seus auxiliares mechanicos que pesa ella. Compenetrae-vos d'isto.

Incumbe, pois, a vós, membros do conselho director, velar sobre a moralisação do trabalho nas nossas typographias, aconselhando-o com a palavra, demonstrando-o com o exemplo. O prolongamento de vida, e attentões que vae conseguindo a Associação Typographica dos cidadãos mais respeitaveis, e da propria administração e corpo legislativo provincial instam para que deis esse passo, aconselhando-vos que uma vez cada, prosigais com animo e constancia d'elle, que teres contribuído para bem merecedas da opinião publica.

Aos deveres de fraternisação e auxilio mutuo aos membros d'esta associação e suas familias, que são estabelecidos nas leis que vos regem, e do que tem tido exuberantes provas todos os consocios, que se tem succedido n'estes seis annos, cumpre que acrescenteis os da instrucção entre os vossos consocios, e us da moralisação no trabalho. Não basta reproduzir na compoeder o que está escripto no papel—á não que compõe e imprime o trabalho que vae ser lido por todos é moral por tam orgão que pensa e sente, e deve soffrir todas as vezes que auxilia a immoralidade e a corrupção, a mentira e a calunnia na sua propaganda torpe e lethal.

Não está portanto terminada a vossa missão com auxiliar os consocios no dia da penuria e da falta de trabalho, e procurar introduzir os melhoramentos que todos os dias se vão dando na arte typographica; mas empenhar-vos com todo o agolamento em desenvolver-lhes mais o entendimento pela instrucção, que traz consigo a nobreza do sentimento, o orgulho do operario—reputa, a moralisação no trabalho, que fazendo-lhes descever o que é bom e moral do que é fatal á moralidade e repulso ao bom senso, o veneno que salie dos prelos para as veias da sociedade do medicamento salutar que lhe vae alentar as fibras e rejuvenescer a vida, lhos faça repellir aquelle, e se recusa a servir de instrumento mortifero aos seus semelhantes.

E ardua a tarefa, difficil no principio, porém com tenacidade e energia vencerás tropeços, e esses mercadores do journalismo, que de agolados que deviam ser, impunham o lhibgo com que tentam indigir duros castigos na virtude e bons costumes, ficarão desarmados e lançados fora do templo.

Com esforço e boa vontade, crede, que o podeis conseguir, e tanto fo que vos sobram elles, e nem esmorecereis na empresa, donde vos provirá as bened-

daquelles que amam a imprensa como o grande motor da civilisação e do progresso. Cumpre que o talo moral da arte typographica nesta provincia não se deixe ficar aquem do lado material, que vae todas os dias se avançando, e compellido em militez do imperio, e do que convide-vos a dardes um pequeno specimen aos illustres convivas que quiseram honrar-nos hoje.

Dr. Antonio Henriques Leal.

Poesia recitada pelo obreiro assignado, por creação de solemnisação n'7 annuação installação da associação Typographica Maranhense, e de dar-se posse á nova e ueza directora.

O homem das artes, empresta-me um hymno, Um canto de gloria, um auroa padria. Que airo ciente, brilhando nas digno. O gremio mais nobre d'uma alta invenção!

Deus te salve, Guttenberg, Tu impressas egregio inventor! Ela, lavras operarias, Manda-lhe um voto d'amor!

Das cultas sciencias, das artes o ensino, Das nobres letras a luzido sel. O mundo perece sem, por deus divino. Quava nevras figurizas em lido arebol!

E foi por tí, Guttenberg, Que tal prestesa se deu. Por esse invento sublime, Que d'hora e gloria te encheu!

Os socos de trevas lá jarem no avido, Pois que nova luz Guttenberg creou! Da imprensa nos vites, do mundo lido Passou a ignorancia, e o jogo acabou!

Com razão a Guttenberg Nos enquepe graças cantar. E sero basta com respeito, Em auro tempo adorar!

O mimo da imprensa foi bello e fecundo, Foi as ro lante, guarda a r. aro. Foi barro lido sangrando no mundo, De mo arrosado, arrosando o balcão!

Operarios diligentes, Vossa vida perenol, E arte de Guttenberg, Que deu-lhe fama eternal!

Perante um congresso, em que fazem talentos, Eu fraço na lya concho que ouzi Mear milia voz, fallendo-me alentos. Nas lovas, que socio nas artes caute!

Filhos do trabalho, avante Na vossa honrosa missão, E seja vossa divisa —Fraternidade e uniaõ!—

O socio honorario, J. de T. Estrella.

REVISTA NOTICIOSA.

Eleições primarias.—Eleitores da freguezia de S. José de Penella da cidade de Lamea.

- 1 Major José Maria da Cunha 325
2 Capitão Antonio do Nascimento Nunes 303
3 Capitão João Thomazinho Nunes 290
4 Tenente Bazono Vieira da Silva 292
5 Tenente José Feliciano do Campos 283
6 Mariano Balmundo Cordeá 289
7 Luiz Mariano de Campos 278
8 Balmundo Antonio do Nascimento Daia 276
9 Pompeu da Serra Gama Marques 275
10 Luiz Antonio Lopes 271
11 Alferez José Ralcheld Padilha 268

Eleitores da freguezia de São Francisco Xavier de Mourão.

- 1 Tenente coronel José Cândido Martins 239
2 Tenente Ernesto Cezar Martins 238
3 Major Eduardo de Araújo Trindade 238
4 Alferez Ludgero da Costa Leite 236
5 Tenente Theodoro Benício Mendes 233
6 Tenente Eduardo de Jesus Vieira 232
7 Marcelino José Felles 232
8 Alferez Alípio de Araújo Trindade 232
9 Tenente Gustavo de Araújo Trindade 230
10 Manoel João de Oliveira 230
11 Alferez Dinizinho Firmino da Costa Anjo 230
12 Pedro Luiz da Rocha 228
13 Alferez Ricardo Barzallinha de Araújo 216
14 Estanislavo do Nazareth dos Santos 215
15 José Antonio de Araújo 213
16 Tenente Ignacio José Garcez 211
17 Antonio Andro Carvalho 210

Associação Typographica Maranhense.—Em attentão ao pedido de alguns membros da sociedade typographica maranhense publicamos hoje o resultado dos trabalhos realizados na sessão solemne do posse que teve lugar na noite de 8 de corrente. Apebidendo á este pedido, damos ao testemunho de nossa sympathia á essa Associação digna da animação de todos, e da consideração que nos merece á sua intelligente directiva.

Extenão.—Ao n.º 12 da Situação. Na 1.ª pag., col. 2.ª linha, 14 onde se diz 26 do corrente, leia-se 26 do passado.

Na mesma pag., mesma col., linha, 80 onde se diz: porque fazemos opposição não sem manjar o insulto e o ridiculo contra a presidencia. Leia-se porque fazemos opposição, sem manjar o insulto &

Typ. do Frias—r. da Palma, 7.

PARA SENHORAS

Cochimira azul, cinzenta e granada. Vendem barato. Daclo Souza & C.

Ano XXXVII

MALARINA

(preparado de Casa Souza & C.) COMBATE as inflamações do Fígado e do Baço. VENCE as Sífilis e as Febres intermitentes e restabelece imediatamente o doente...

Ferro Nuxado

Medicamento local e de efeito eficaz em casos de debilidade nervosa, servidão, dispênia atônica e como tônico geral em casos de debilidade orgânica.

TELEGRAMAS

Serviço especial DA PACOTILHA INTERIOR.

RIO, 27

No expediente da câmara, leu-se um telegrama da câmara inglesa dos comuna, agradecendo as congratulações que lhe enviara, a propósito da tomada de Jerusalém.

Dr. Clodomir Cardoso Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

Apesar da estreita amizade, que nos unem, estamos profundamente embaraçados em deixar-lhe, hoje, como os nossos abraços de pura fraternidade política, os aplausos que mereço, de nossa população, pelos serviços insinuáveis que lhe tem prestado, com a melhor dedicação, especialmente nestes dois anos de sua fecunda administração municipal.

Dr. Paulo Melo tratou da política do Espírito Santo, atacando as administrações dos senhores José e Bernardino Monteiro.

Rui Barbosa dirigiu aos membros da Embaixada portuguesa um convite, para almoçarem com ele em Petrópolis, onde vai vacationar.

Falouem Bartolomeu Corrêa da Silva, proprietário do Teatro Lírico.

Antes de partir para Mato Grosso, o coronel Cláudio Rondom conversou lanchando com o dr. Aquino Corrêa, no palácio do cardinal Agostini, sobre a cartografia geográfica do Estado.

No festival de 23, no Teatro Lírico, em benefício da Sociedade Brasileira da Cruz Vermelha, o dr. Alexandre Braga deu uma conferência. Um membro da Academia Brasileira de Letras saudou a missão portuguesa.

O sr. Antônio Carlos R. de Andrade autorizou a designação do bacharel José Carlos Pedreira, à escrituração da delegação fiscal da Bahia, para Inspector do Imposto de consumo no Maranhão.

RIO, 28 O Senado devolveu os orçamentos à câmara, com quinze emendas. A câmara rejeitou quasi todos.

Consta que o sr. Melo Franco será nomeado sub-secretário do exterior.

O sr. Silvio Romero, ribeirão, deu-lhe o lugar de chefe do gabinete do sr. Nilo Peçanha.

O Correiô da Manhã ataca o Senado, devido às escandalosas emendas, que fez às leis orçamentárias.

O Imparcial diz que está assentada a reeleição de Coelho Neto, como deputado por esse Estado.

EXTERIOR ZURICH, 26

Os jornais austro-alemancos foram proibidos de publicar as condições da paz dos maximalistas.

LONDRES, 26 O Express recebeu telegrama de Genebra, dizendo que o Kaiser e todo o seu estado-maior, ao voltarem da frente de Verdun para Berlim, passaram por Mannheim exatamente uma hora após o bombardeio de Verdun por aviadores ingleses. O bombardeio, que foi uma estúpida e horrível tentativa de propaganda, ocorreu a meio da noite, quando a cidade estava profundamente adormecida.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

PARA MIMOS

Um bonito cesto contendo grampas, alfinetes e agulhas por \$800.00. —Vendem— Daclo Souza & C.

Número 807

Para anos e Reis

Figueiredo & Irmão recebem o seguinte: Passas em caixas e á phantasia, figos em caixas e em caivas, ameixas secas, peras, e peçogios, que vendem á mais módico preço do mercado.

OFFICINA GRAFICAS

J. Pires & C. Tipografia e escudo. Imp. Estabelecimento gráfico de seu Estado. Escudo e cartão de visita. Material de primeira qualidade.

Dr. Clodomir Cardoso

Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

RIO, 27

No expediente da câmara, leu-se um telegrama da câmara inglesa dos comuna, agradecendo as congratulações que lhe enviara, a propósito da tomada de Jerusalém.

Dr. Clodomir Cardoso Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

Apesar da estreita amizade, que nos unem, estamos profundamente embaraçados em deixar-lhe, hoje, como os nossos abraços de pura fraternidade política, os aplausos que mereço, de nossa população, pelos serviços insinuáveis que lhe tem prestado, com a melhor dedicação, especialmente nestes dois anos de sua fecunda administração municipal.

Dr. Paulo Melo tratou da política do Espírito Santo, atacando as administrações dos senhores José e Bernardino Monteiro.

Rui Barbosa dirigiu aos membros da Embaixada portuguesa um convite, para almoçarem com ele em Petrópolis, onde vai vacationar.

Falouem Bartolomeu Corrêa da Silva, proprietário do Teatro Lírico.

Antes de partir para Mato Grosso, o coronel Cláudio Rondom conversou lanchando com o dr. Aquino Corrêa, no palácio do cardinal Agostini, sobre a cartografia geográfica do Estado.

No festival de 23, no Teatro Lírico, em benefício da Sociedade Brasileira da Cruz Vermelha, o dr. Alexandre Braga deu uma conferência. Um membro da Academia Brasileira de Letras saudou a missão portuguesa.

O sr. Antônio Carlos R. de Andrade autorizou a designação do bacharel José Carlos Pedreira, à escrituração da delegação fiscal da Bahia, para Inspector do Imposto de consumo no Maranhão.

RIO, 28 O Senado devolveu os orçamentos à câmara, com quinze emendas. A câmara rejeitou quasi todos.

Consta que o sr. Melo Franco será nomeado sub-secretário do exterior.

O sr. Silvio Romero, ribeirão, deu-lhe o lugar de chefe do gabinete do sr. Nilo Peçanha.

O Correiô da Manhã ataca o Senado, devido às escandalosas emendas, que fez às leis orçamentárias.

O Imparcial diz que está assentada a reeleição de Coelho Neto, como deputado por esse Estado.

EXTERIOR ZURICH, 26

Os jornais austro-alemancos foram proibidos de publicar as condições da paz dos maximalistas.

LONDRES, 26 O Express recebeu telegrama de Genebra, dizendo que o Kaiser e todo o seu estado-maior, ao voltarem da frente de Verdun para Berlim, passaram por Mannheim exatamente uma hora após o bombardeio de Verdun por aviadores ingleses. O bombardeio, que foi uma estúpida e horrível tentativa de propaganda, ocorreu a meio da noite, quando a cidade estava profundamente adormecida.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Deixaram de ser vendidos

da "Pacotilha" os são Francisco Chagas e Antônio Frías. Serviu isto de aviso para as pessoas que lhes compravam a nossa folha, afim de não ficarem de fora.

Nótuas artisticas

Em dezembro de 1913, isto é, há quatro anos atrás, tive o honroso prazer de apresentar nos meus trabalhos a xilografia pianista Rosentock.

LIBDO, 27

Uma nota obitória demansta qualquer movimento monarquico em Cabo Verde do Bato. Demansta afim de mostrar que não se trata de uma simples noticia, mas de um movimento que se tem vindo a desenvolver, quer, mais uma vez, para o prater, que, só nós artistas sentimos, quando nos achamos de lado de artistas de vulto, de apresentar aos seus patriotas a notável instrumentista espanhola Josefina Robledo.

Dr. Clodomir Cardoso

Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

RIO, 27

No expediente da câmara, leu-se um telegrama da câmara inglesa dos comuna, agradecendo as congratulações que lhe enviara, a propósito da tomada de Jerusalém.

Dr. Clodomir Cardoso Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

Apesar da estreita amizade, que nos unem, estamos profundamente embaraçados em deixar-lhe, hoje, como os nossos abraços de pura fraternidade política, os aplausos que mereço, de nossa população, pelos serviços insinuáveis que lhe tem prestado, com a melhor dedicação, especialmente nestes dois anos de sua fecunda administração municipal.

Dr. Paulo Melo tratou da política do Espírito Santo, atacando as administrações dos senhores José e Bernardino Monteiro.

Rui Barbosa dirigiu aos membros da Embaixada portuguesa um convite, para almoçarem com ele em Petrópolis, onde vai vacationar.

Falouem Bartolomeu Corrêa da Silva, proprietário do Teatro Lírico.

Antes de partir para Mato Grosso, o coronel Cláudio Rondom conversou lanchando com o dr. Aquino Corrêa, no palácio do cardinal Agostini, sobre a cartografia geográfica do Estado.

No festival de 23, no Teatro Lírico, em benefício da Sociedade Brasileira da Cruz Vermelha, o dr. Alexandre Braga deu uma conferência. Um membro da Academia Brasileira de Letras saudou a missão portuguesa.

O sr. Antônio Carlos R. de Andrade autorizou a designação do bacharel José Carlos Pedreira, à escrituração da delegação fiscal da Bahia, para Inspector do Imposto de consumo no Maranhão.

RIO, 28 O Senado devolveu os orçamentos à câmara, com quinze emendas. A câmara rejeitou quasi todos.

Consta que o sr. Melo Franco será nomeado sub-secretário do exterior.

O sr. Silvio Romero, ribeirão, deu-lhe o lugar de chefe do gabinete do sr. Nilo Peçanha.

O Correiô da Manhã ataca o Senado, devido às escandalosas emendas, que fez às leis orçamentárias.

O Imparcial diz que está assentada a reeleição de Coelho Neto, como deputado por esse Estado.

EXTERIOR ZURICH, 26

Os jornais austro-alemancos foram proibidos de publicar as condições da paz dos maximalistas.

LONDRES, 26 O Express recebeu telegrama de Genebra, dizendo que o Kaiser e todo o seu estado-maior, ao voltarem da frente de Verdun para Berlim, passaram por Mannheim exatamente uma hora após o bombardeio de Verdun por aviadores ingleses. O bombardeio, que foi uma estúpida e horrível tentativa de propaganda, ocorreu a meio da noite, quando a cidade estava profundamente adormecida.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Pelo esporte

Depois da reunião habida, ontem pela manhã, entre o delegado do S. Club e diretores do F. A. C., foram tratados os seguintes telegramas: 28-12-17-Paisandá Club Park.

Para anos e Reis

Figueiredo & Irmão recebem o seguinte: Passas em caixas e á phantasia, figos em caixas e em caivas, ameixas secas, peras, e peçogios, que vendem á mais módico preço do mercado.

OFFICINA GRAFICAS

J. Pires & C. Tipografia e escudo. Imp. Estabelecimento gráfico de seu Estado. Escudo e cartão de visita. Material de primeira qualidade.

Dr. Clodomir Cardoso

Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

RIO, 27

No expediente da câmara, leu-se um telegrama da câmara inglesa dos comuna, agradecendo as congratulações que lhe enviara, a propósito da tomada de Jerusalém.

Dr. Clodomir Cardoso Passa, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado amigo Dr. Clodomir Cardoso, que governa, há dois anos, esta municipalidade.

Apesar da estreita amizade, que nos unem, estamos profundamente embaraçados em deixar-lhe, hoje, como os nossos abraços de pura fraternidade política, os aplausos que mereço, de nossa população, pelos serviços insinuáveis que lhe tem prestado, com a melhor dedicação, especialmente nestes dois anos de sua fecunda administração municipal.

Dr. Paulo Melo tratou da política do Espírito Santo, atacando as administrações dos senhores José e Bernardino Monteiro.

Rui Barbosa dirigiu aos membros da Embaixada portuguesa um convite, para almoçarem com ele em Petrópolis, onde vai vacationar.

Falouem Bartolomeu Corrêa da Silva, proprietário do Teatro Lírico.

Antes de partir para Mato Grosso, o coronel Cláudio Rondom conversou lanchando com o dr. Aquino Corrêa, no palácio do cardinal Agostini, sobre a cartografia geográfica do Estado.

No festival de 23, no Teatro Lírico, em benefício da Sociedade Brasileira da Cruz Vermelha, o dr. Alexandre Braga deu uma conferência. Um membro da Academia Brasileira de Letras saudou a missão portuguesa.

O sr. Antônio Carlos R. de Andrade autorizou a designação do bacharel José Carlos Pedreira, à escrituração da delegação fiscal da Bahia, para Inspector do Imposto de consumo no Maranhão.

RIO, 28 O Senado devolveu os orçamentos à câmara, com quinze emendas. A câmara rejeitou quasi todos.

Consta que o sr. Melo Franco será nomeado sub-secretário do exterior.

O sr. Silvio Romero, ribeirão, deu-lhe o lugar de chefe do gabinete do sr. Nilo Peçanha.

O Correiô da Manhã ataca o Senado, devido às escandalosas emendas, que fez às leis orçamentárias.

O Imparcial diz que está assentada a reeleição de Coelho Neto, como deputado por esse Estado.

EXTERIOR ZURICH, 26

Os jornais austro-alemancos foram proibidos de publicar as condições da paz dos maximalistas.

LONDRES, 26 O Express recebeu telegrama de Genebra, dizendo que o Kaiser e todo o seu estado-maior, ao voltarem da frente de Verdun para Berlim, passaram por Mannheim exatamente uma hora após o bombardeio de Verdun por aviadores ingleses. O bombardeio, que foi uma estúpida e horrível tentativa de propaganda, ocorreu a meio da noite, quando a cidade estava profundamente adormecida.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Estados informados de que ganhara a dia, a maior infâmia a ser cometida com este brilhante chefe de Estado, quando se tratava de uma vitória, não se realizaram as suas esperanças de desastrosas negociações.

Para anos e Reis